UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

CAIO SANTILLI ORANGES

O FENÔMENO DA RECONTEXTUALIZAÇÃO DE PALAVRAS EM *OBRA REUNIDA* DE CAMPOS DE CARVALHO: estudos iniciais para a elaboração de um vocabulário

ARARAQUARA – S.P.
2018

CAIO SANTILLI ORANGES

O FENÔMENO DA RECONTEXTUALIZAÇÃO DE PALAVRAS EM *OBRA REUNIDA* DE CAMPOS DE CARVALHO: estudos iniciais para a elaboração de um vocabulário

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientador: Profª. Drª. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2018

Oranges, Caio Santilli O fenômeno da recontextualização lexical em Obra Reunida de Campos de Carvalho: estudos iniciais para a elaboração de um vocabulário / Caio Santilli Oranges — 2018 144 f.

Dissertação (Mestrado em Linguistica e Lingua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara) Orientador: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

1. Lexicologia e Lexicografia. 2. Recontextualização lexical. 3. Campos de Carvalho. 4. Vocabulário.

CAIO SANTILLI ORANGES

O FENÔMENO DA RECONTEXTUALIZAÇÃO DE PALAVRAS EM *OBRA REUNIDA* DE CAMPOS DE CARVALHO: estudos iniciais para a elaboração de um vocabulário

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico
Orientador: Profª. Drª. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa
Bolsa: CAPES

Data da defesa: 27/04/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Drª Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Membro Titular: Drª Juliana Bertucci Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Membro Titular: Drª Márcia Valéria Zamboni Gobbi
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À sorte, que insiste em me encontrar.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Luiz Carlos Oranges Junior e Maria Cristina Santilli Oranges, por terem confiado em mim, me apoiado e estado ao meu lado em todos os momentos, desde o início desta trajetória. Agradeço-os, também, por inspirações e modelos de humildade, esforço e inquietação, requisitos necessários a um bom pesquisador.

Aos meus irmãos, Lucas e Thiago, pelo laço invisível que nos une e não nos deixa esquecer o carinho, a cumplicidade e a parceria que devemos ter, zelando um pelo outro. À Suelen, que me ensina o real significado de esforço e gana.

Aos meus avós, Luiz, Eneida, Antônio e Stella, por serem modelos de aprendizagem diários, zelosos e extremamente carinhosos, fornecendo todo o amor que necessito para viver.

À minha orientadora Drª. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, por toda a dedicação e confiança depositadas em mim, bem como todos os ensinamentos, experiências e conhecimento compartilhados.

Ao Marcus e à Bruna, por serem sinônimos de carinho, ajuda, apoio e cuidado, e me mostrarem uma amizade sincera, que não pede nada em troca, a não ser o amor e a reciprocidade, a qual muitas vezes eu não soube praticar de maneira justa, devido às limitações socialmente conferidas a mim. Admiro-os, muito! À Sílvia e à Juliana, que se uniram a nós para, mesmo que brevemente, formarmos a Alcateia, na qual passei os melhores momentos nestes dois anos.

Ao Silvio e ao Gabriel, por continuarem sendo um misto de família e amigos, não apenas na classificação social, mas também no coração. Agradeço o apoio e toda a preocupação, bem como a cumplicidade que nossa união gerou.

Ao Fernando, ao Arthur e à Babi, que me lembraram o real sentido desta existência, qual seja, estarmos juntos das pessoas que gostamos e que querem nossa felicidade. Agradeço aos dois primeiros pelos 19 anos de amizade e por me encontrarem, mais uma vez, independentemente do tempo que estivemos distantes. À última, agradeço o significado de independência que me ensina, diariamente.

À Flávia, minha companheira, agradeço por ter me ensinado o perdão, o amor, o companheirismo e a compreensão, principalmente na reta final da escrita deste trabalho. Não conseguiria pôr, novamente, em palavras o que ela me faz sentir.

À Gili, agradeço por ter me ensinado a força e a luta, e a não me entregar, não importasse as adversidades. Agradeço por ter sido companheira em grande parte desta trajetória.

Aos Cucas Isabela, Guilherme e Lara, pelo carinho que sempre demonstraram e por

terem sido fonte de inspiração em momentos desta trajetória, mesmo que sem saberem disso.

Ao André, o qual semanalmente cuidava de mim, me guiando através dos caminhos tortuosos da vida, sempre me mostrando que a melhor forma de controlar a vida é não a controlar de forma alguma.

À Juliana, inspiração no meio acadêmico, orientadora de graduação que me motivou a seguir pesquisando, extremamente prestativa, preocupada e humilde. Tenho a honra de convidá-la para compor a banca de defesa desta dissertação, nada mais justo tendo em vista o quanto devo a ela.

Ao Felipe e ao Hamilton, professores que me influenciaram diretamente a escolher a profissão, e são modelos nos quais me inspiro para poder exercer de forma digna tal ocupação.

Ao Campos de Carvalho, por ter escrito incríveis romances, que me inspiraram e inspiram constantemente, e me permitiram encontrar a motivação para atingir este objetivo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o fenômeno da recontextualização de palavras, isto é, a mudança de significado em lexias, usando, para tal, dados retirados de quatro obras literárias. O texto literário pode ser um *corpus* muito rico para análises linguísticas, pois as características que fazem esse texto expressivo permitem que os autores inovem a língua, (re)criando e transgredindo questões da norma linguística. Isso é o que acontece em *Obra Reunida*, do romancista brasileiro Walter Campos de Carvalho. Sendo assim, ao identificar e analisar o fenômeno da recontextualização de palavras em unidades lexicais presentes nos romances que compõem *Obra Reunida*, e como esse fenômeno contribui para a formação das narrativas, contribuiremos também para o resgate da obra do autor, considerada de pouca expressão no cenário nacional. Além disso, as análises das unidades com mais de um significado contribuirão para uma futura elaboração de vocabulário desse autor. Para tal, utilizou-se, em grande parte do estudo, do critério qualitativo, tendo em vista que os dados foram obtidos a partir de um *corpus* cujo tamanho não é vasto, mas representativo o suficiente para compreender as obras e as principais características do autor. Dessa forma, os 124 dados foram extraídos manualmente, sendo observados também a partir do critério lexicográfico, e foram analisadas 10 lexias de cada romance, totalizando 40 análises qualitativas. Assim, nota-se a presença de fenômenos como a polissemia, a homonímia, a metáfora, a metonímia, a expansão ou restrição do contexto de uso de lexias, além da influência que esses processos exercem sobre expressões sintagmáticas. Os resultados obtidos apontam para a importância de cada palavra na construção do texto literário carvaliano, pois a todo momento o romancista almeja ser expressivo e exprimir, por meio das palavras, seus ideais, crenças, criatividade, bem como construir uma obra coerente e que possa denunciar as questões lógicas e normativas que regem o mundo.

Palavras – chave: Recontextualização de palavras. *Obra Reunida*. Campos de Carvalho. Vocabulário.

ABSTRACT

This work aims to analyze the process of word recontextulization, this is, the change of meaning in words. For this, data from four literary texts were used. The literary text can be a rich corpus for linguistic analyzes, because the features of these texts are expressivity and creativity, which allows the author to innovate the language they use. That's what happens in *Obra Reunida*, by Campos de Carvalho. Thus, when we identify and analyze the process of word recontextualization in his books, we also contribute to spread his name and work, which is not well known. Besides, the analysis will be used to sustain a future elaboration of a vocabulary of his narratives. Therefore, this study used mainly qualitative criteria, because all data were taken from a non-vast corpus, which was representative enough for the purposes established. We achieved 124 data, taken manually, using dictionary criteria, and 10 words from each narrative were analyzed. We could notice the presence of differente linguistic processes, such as polissemy, homonymy, metaphor, metonymy, and others. The results were also qualitative, and they point the direction based on how each word is important for the construction and elaboration of Carvalho's literary texts, an author that is always trying to put his ideologies, creativity and beliefs into words, and also building a coherent job that tries to resign all the logic and normative ideas of the world.

Keywords: Word recontextualization. *Obra Reunida*. Campos de Carvalho. Vocabulary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	The Cow with a Subtile Nose, Jean Dubuffet, 1954	22
Foto 2	Representação do signo linguístico segundo Saussure	37
Foto 3	Representação do signo linguístico segundo Ogden e Richards	38

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS **11**

1 A *OBRA REUNIDA*, DE CAMPOS DE CARVALHO: ABSURDO, HUMOR E TRANSGRESSÃO **16**

1.1 *A Lua Vem da Ásia*: o assassinato da lógica **17**

1.2 *Vaca de Nariz Sutil*: o ajuste pelo desajuste **20**

1.3 *A Chuva Imóvel*: a busca pela identidade **23**

1.4 *O Púcaro Búlgaro*: a salvação pelo humor **25**

1.5 O uso do léxico em *Obra Reunida* de Campos de Carvalho **28**

2 OS ESTUDOS DO LÉXICO E A LITERATURA **29**

2.1 O texto literário como *corpus* para análise lexical **29**

2.2 A Estilística léxica e a literária **32**

3 A RECONTEXTUALIZAÇÃO DE PALAVRAS **36**

3.1 O signo linguístico **36**

3.2 A recontextualização de palavras segundo Bréal **39**

3.3 A recontextualização de palavras segundo Ullmann **45**

3.4 A recontextualização de palavras segundo Muñoz Núñez **54**

3.5 A recontextualização de palavras como fenômeno / O que é recontextualização de palavras? **59**

4. A LEXICOGRAFIA: CONSTRUÇÃO DE DICIONÁRIO **61**

4.1 A ciência lexicográfica **61**

4.2 Léxico ou vocabulário: o que se registra em um dicionário de língua? **63**

4.3 A macroestrutura **64**

4.4 A microestrutura **66**

4.5 A problemática do tratamento lexicográfico da polissemia e da homonímia **67**

5 METODOLOGIA: A SELEÇÃO DAS UNIDADES **70**

5.1 A organização das unidades em fichas lexicográficas **73**

6. ANÁLISE DOS DADOS: A RECONTEXTUALIZAÇÃO DE PALAVRAS EM *OBRA REUNIDA* DE CAMPOS DE CARVALHO **74**

6.1 A recontextualização de palavras em *A Lua Vem da Ásia* **74**

6.2 A recontextualização de palavras em *Vaca de Nariz Sutil* **84**

6.3 **A recontextualização de palavras em *A Chuva Imóvel*** **91**
6.4 **A recontextualização de palavras em *O Púcaro Búlgaro*** **100**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **111**
REFERÊNCIAS **115**
APÊNDICES **118**

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O texto literário é, para análises linguísticas, um *corpus* muito rico. Em busca da maior expressividade linguística possível, os autores podem utilizar a língua de forma a transgredir questões da norma linguística, de forma que o texto se torne expressivo. Isso é o que acontece em *Obra Reunida*, do romancista brasileiro Walter Campos de Carvalho (1916-1998), natural de Uberaba –MG. A coletânea, publicada pela primeira vez em 1995, pela editora José Olympio, traz quatro obras escritas pelo autor entre 1956 e 1964: *A Lua Vem da Ásia* (1956); *Vaca de Nariz Sutil* (1961); *A Chuva Imóvel* (1963); e *O Púcaro Búlgaro* (1964).

Escrevendo suas narrativas com humor e ironia, e criando seu próprio mundo baseado na transgressão, na loucura e no *nonsense* (GONZAGA, 2007), esse autor busca, entre outras coisas, renunciar e afastar-se de questões racionais, lógicas e consideradas normais. As produções desse autor apresentam, segundo Oliveira (2013, p.12): "alguns pontos em comum, dentre eles o uso recorrente do humor, a posição existencialista de seus narradores e o tema da loucura".

As narrativas, portanto, são compostas pela denúncia, renúncia e afastamento das questões de ordem social que transformam a vida em algo lógico, regrado e racional. Apropriando-se dessas estruturas e pensamentos, Campos de Carvalho desconstrói tal universo, manuseando-o com extrema ironia, de forma a dar vida ao mundo contrário: ilógico, absurdo e transgressor. Não é surpresa, portanto, que essa desconstrução social, histórica e cultural seja refletida na linguagem.

Por outro lado, a língua é o mais importante sistema utilizado pela sociedade a fim de comunicar e veicular informações, opiniões, ideologias etc. Sua existência está intrinsecamente relacionada com a cultura na qual ela se desenvolve, e, sendo ambas heterogêneas, as mudanças ocorridas em uma refletem mudanças em outra. Assim, conforme afirma Basílio (1989), a língua se constitui como um sistema de classificação, nomeando os componentes do mundo, para que a comunicação ocorra. Nota-se, dessa forma, que, ao utilizar a língua, as pessoas objetivam a completa comunicação, nem sempre importando o modo como isso ocorre.

Com o desenvolvimento da cultura social, novas vivências e novos conceitos são descobertos e tais novidades também precisam ser nomeadas, porém nem sempre que algo novo surge uma lexia surge para suprir essa necessidade linguística. Existem outras formas de expansão do léxico de uma língua, como a criação de neologismos, seja através de mecanismos linguísticos ou pela incorporação de empréstimos de outros sistemas, além da veiculação de significados novos a unidades já existentes.

O processo em que um significante é utilizado com outro significado é chamado neologismo semântico ou conceptual ou recontextualização de palavras, segundo a terminologia de Borba (2003). Conforme o próprio autor, esse fenômeno é, muitas vezes, fruto de uma necessidade instantânea do falante, resultante do contexto de uso. Ele afirma que a contextualização: "estabelece a amplitude semântica e fixa diferenças" (BORBA, 2003, p. 142). Tal fenômeno pode ocorrer por meio de diversos processos como a polissemia, a homonímia, a metáfora, a metonímia, entre outros.

Assim, também, muitas vezes o que é interpretado como uma extensão semântica na unidade lexical é consequência de uma extensão do contexto de uso dela, conforme postulava Bréal (2008). Dito de outro modo, recontextualizar uma determinada lexia não consiste apenas em extender ou restringir seu significado, mas também diz respeito a (re)elaborar e (re)adequar seu contexto de uso. É por esse motivo que utilizamos, no presente trabalho, a terminologia recontextualização de palavras, proposta por Borba (2003), para fazer referência aos casos de mudança de significado em lexias, outrora chamado neologismo semântico.

Como podemos observar, um estudo sobre recontextualização de palavras é relevante pois proporciona uma visão ampla das variações e mudanças que ocorrem na referida lexia, apontando os meios através dos quais novas necessidades linguísticas, de caráter expressivo, são supridas pelos usuários da língua. Logo, a inovação lexical por meio do processo de recontextualização não apenas atesta alterações no campo linguístico, mas também nos campos social, histórico e cultural.

Nesse sentido, o estudo de obras literárias se torna extremamente rico para a análise linguística, sobretudo no nível lexical, o qual converge para a construção de sentido e expressividade, pois tais características conferem dinamismo ao texto literário. Além disso, nessa procura pela expressividade, a língua nem sempre fornece todas as estruturas necessárias para que o autor apenas a utilize sem que ocorra qualquer alteração. Na verdade, esse sistema oferece possibilidades criativas para que o escritor possa formar estruturas que supram seu objetivo.

Assim, o processo criativo de Campos de Carvalho na construção de suas narrativas transgressoras pode ser apreendido por meio do vocabulário utilizado, notadamente no significado.

Da mesma forma, perpassando a trajetória dos estudos sobre a ciência da lexicografia, nota-se que um dos maiores impasses e dificuldades para a elaboração de um dicionário é a resolução do registro de palavras polissêmicas e homônimas em suas macro e microestruturas, bem como de palavras que inovem o sistema da língua. Assim, um dos primeiros passos a serem

tomados pelo lexicógrafo, quando da elaboração de uma obra de caráter dicionarístico, é a resolução dessas dificuldades.

Por isso, justifica-se um dos objetivos deste estudo, de cunho preambular: resolver a questão do registro lexicográfico das unidades que sofreram recontextualização de palavras, para uma futura elaboração de vocabulário da obra de Campos de Carvalho.

Assim sendo, o presente estudo se faz relevante já que tem como um dos objetivos contribuir para o resgate e divulgação da obra literária de Campos de Carvalho, considerada de pouca relevância no cenário literário nacional, já que tal autor foge do chamado cânone literário, isto é, as obras mais famosas, clássicas, de maior relevância e conhecimento. Esse é, ainda, o fator que confere a relevância social e cultural deste trabalho. Além disso, a fortuna crítica[1] dedicada ao estudo do autor não é vasta, tendo sido mais explorada entre 1995 e 2006, após a publicação da *Obra Reunida*.

Fora as obras que constituem sua coletânea, seus escritos são raros e de difícil acesso, fazendo com que seu conhecimento pelo público fique ainda mais escasso. A bibliografia que analisou seus romances inserem-se, principalmente, no campo dos estudos literários, focalizando aspectos da narrativa tais como tempo, narrador, personagem, espaço, entre outros. Alguns poucos estudos sobre sua vida foram também realizados, e artigos em jornais foram publicados na época do lançamento e reedições das obras.

No entanto, não houve ainda um estudo linguístico das narrativas de Campos de Carvalho, como o que se pretende realizar. Assim, a importância científica deste trabalho é sua inovação no modo de abordar a obra carvaliana. Ademais, o intuito de iniciar os estudos da linguagem desse autor para uma futura elaboração de um vocabulário pretende contribuir para que sua obra não seja esquecida.

Assim, para o desenvolvimento do estudo, foi feita inicialmente a leitura dos romances que compõe a *Obra Reunida* e da fortuna crítica a respeito delas. O resultado dessas informações originou o primeiro capítulo. Nele, constam os dados a respeito da vida e obra do escritor mineiro, bem como um panorama de suas obras. Para cada romance foi dedicado um subcapítulo, cujo conteúdo apresenta o aspecto central da narrativa, e os desdobramentos que tal aspecto terá tanto para a compreensão da obra quanto para a análise a que o trabalho se propõe.

O segundo capítulo, por sua vez, apresenta questões teóricas a respeito do universo do discurso literário e sua relação com os estudos do léxico. Inicialmente, é feita uma

[1] Entendemos, aqui, como fortuna crítica o acervo de documentos, pesquisas, estudos e textos de cunho informativo a respeito de determinada obra.

contextualização teórica a respeito de como os textos literários se apresentam para uma análise no nível lexical, e como deve ser a abordagem de um pesquisador desse nível frente a uma obra de ficção. A segunda parte do capítulo abordará a questão estilística, percorrendo a história dessa disciplina e sua implicação para análises linguístico-literárias.

No terceiro capítulo é apresentada a revisão e discussão teórica a respeito do fenômeno da mudança de significado em palavras, desde os estudos de Ferdinand de Saussure até os dias atuais. Para tal, parte-se da noção de signo linguístico, tão cara para os estudos estruturalistas e semânticos do início do século XX. Na sequência, é feita uma revisão bibliográfica que abarca alguns dos principais pressupostos teóricos motivadores desta pesquisa, dentre eles os estudos de Bréal (2008), de Ullmann (1964) e de Muñoz Núñez (1999). Desse modo, fecha-se o capítulo a partir da união da fundamentação teórica e da delimitação do conceito de recontextualização de palavras e do método para a sua identificação.

Nesse sentido, o capítulo quarto traz questões concernentes à ciência da lexicografia, a qual trata da construção e elaboração de dicionários. É feita uma introdução a respeito dessa ciência e seu surgimento e consolidação no cenário linguístico, para posteriormente serem apresentados os conceitos de macro e microestrutura e as implicações teóricas de cada um deles. O capítulo é concluído a partir da discussão a respeito da problemática histórica que envolve o tratamento lexicográfico de unidades lexicais polissêmicas e homônimas, tentando compreender esses preceitos para uma futura elaboração de vocabulário envolvendo a obra de Campos de Carvalho.

O quinto capítulo, por outro lado, expõe a metodologia que norteou a elaboração desta pesquisa. Em um primeiro momento é explicitada a montagem do *corpus* e a forma como foram extraídos os dados, os critérios utilizados e a forma de seleção. A segunda parte, por sua vez, apresenta a organização desses dados em fichas lexicográficas, a ordenação das unidades e os campos relevantes para elaboração das fichas.

Posteriormente, é feita a análise das unidades lexicais que sofreram o fenômeno da recontextualização de palavras nas quatro narrativas que compõem a *Obra Reunida* de Campos de Carvalho. São apresentados os contextos de ocorrência e como o autor utiliza os processos linguísticos de forma a conferir sentidos diferentes dos usuais às palavras.

Por fim, as considerações finais fecham o assunto, apresentando as conclusões e os resultados parciais obtidos através desta primeira versão deste estudo. Contudo, sobreleva-se o fato de que contribuir para o resgate da obra desse importante romancista é uma das principais metas a serem atingidas por este trabalho, que visa conferir maior visibilidade aos escritos do autor, renegado e esquecido por quase 30 anos, deixado de lado por editores e leitores, bem

como pela crítica. O século XXI trouxe o resgate de sua obra, com diversas novas publicações, e esta pesquisa vem contribuir para essa retomada, através de um estudo linguístico sobre a obra carvaliana.

1 A *OBRA REUNIDA*, DE CAMPOS DE CARVALHO: ABSURDO, HUMOR E TRANSGRESSÃO

Walter Campos de Carvalho nasceu no dia 1º de novembro de 1916. Mineiro de Uberaba, graduou-se em direito em 1938, atuou como procurador do estado, escreveu para *O Pasquim* e trabalhou no Jornal *O Estado de São Paulo*. Morou em Uberaba, no Rio de Janeiro e em São Paulo, local onde faleceu, em 10 de abril de 1998, aos 83 anos.

A produção literária do autor não é vasta. Essa é composta por 6 obras, das quais o autor rejeita as duas primeiras, *Banda Forra* (ensaios humorísticos) (1941) e *Tribo* (1954). É o próprio autor quem afirma: "Minha literatura começa realmente com A lua vem da Ásia" (MOISÉS, 2002, p. 16). As obras escritas e publicadas que são consideradas pelo autor são: *A Lua Vem da Ásia* (1956); *Vaca de Nariz Sutil* (1961); *A Chuva Imóvel* (1963); e *O Púcaro Búlgaro* (1964). São esses romances que impulsionaram realmente a carreira do autor, e que alcançaram significativa repercussão tanto da crítica quanto do público.

Após a publicação desses títulos, no entanto, o autor não publicou mais nada em vida. Apesar de algumas especulações, ele encerrou sua carreira literária e caiu no esquecimento. Em 1995, mais de 30 anos após a edição d'*O Púcaro*, a editora José Olympio reuniu e publicou seus escritos mais marcantes, sob o título de *Obra Reunida*, o que provocou também uma série de debates sobre o autor e sua obra e um crescente interesse do público, prova disso é que várias reedições seguiram e estão todas esgotadas. A mesma editora lançou, ainda, em 2006, uma coletânea das crônicas veiculadas por Campos de Carvalho em O Pasquim: Cartas de viagens e outras crônicas. Em 2016, após algum tempo sem as obras do autor serem reeditadas, a editora Autêntica publicou uma nova edição de *A Lua Vem da Ásia*, informando também que irá lançar novas edições para os 3 romances subsequentes.

Como é possível notar, o destaque conferido a Campos de Carvalho no cenário literário nacional é pequeno, ficando o autor relegado a pequenas menções em obras de cunho introdutório à literatura brasileira. Isso, contudo, tem mudado nos últimos anos devido ao crescente interesse da crítica acadêmica. Do mesmo modo, sua obra é pouco conhecida e divulgada, sendo raro encontrar disponíveis para venda edições de seus escritos, além de estudos sobre eles. O próprio autor reconheceu que tinha sido esquecido: "Eu deixei de escrever porque deixei. Eu não decidi, assim... Deixei passar o tempo, 10 anos, 15 anos, 25 anos. Depois de 25 anos comecei a compreender que era esquecido" (CARVALHO apud BATELLA, 2004, p. 30).

Portanto, a *Obra Reunida* de Campos de Carvalho apresenta os quatro principais romances do autor, que caracterizam integralmente o estilo e o objetivo dele, visto que possuem alguns pontos em comum, como, conforme assinala Moisés (2002, p. 16): "o humor consequente, de extração filosófica, avesso e parceiro inseparável da visão trágica da existência [...], e a imaginação delirante, que não se detém perante o insólito". Pode-se afirmar, portanto, que o humor, a fantasia, a imaginação e a ironia são pontos fortes da obra carvaliana.

O estilo de Campos de Carvalho pode ser considerado libertário: o autor não se filia a nenhuma escola literária ou grupo político. Não é objetivo do autor se vincular a nenhuma causa ou projeto, mesmo em uma época agitada de pós-guerra, na qual era comum os intelectuais se posicionarem. Seu propósito era escrever com absoluta liberdade de expressão, sem se vincular a nenhum grupo ou partido político. Por essa razão, serão alvos da crítica do escritor uberabense toda e qualquer instituição, ideologia, atitude e organização. No lugar disso, o autor sugere como salvação a comédia, o humor e a transgressão, tendo a imaginação como guia para a construção de um mundo totalmente seu. Qualquer que seja a atitude social, mesmo a mais banal e comum, se tornará questionável do ponto de vista criativo de Campos de Carvalho, já que a normalidade dos costumes e ideias é um de seus alvos preferidos.

Toda essa imaginação e criatividade do autor levará os críticos a considerá-lo surrealista, como Moisés (1996) e Bosi (1997). Ainda assim, nem mesmo o próprio autor se considera surrealista, tendo apenas afirmado que possui um estilo de escrita surrealista, pela admiração que possui por alguns escritores dessa escola. Não é exagero, no entanto, notar que seu estilo dialoga com as percepções do movimento surrealista, que via a literatura como uma forma de desconstrução da moral e da lógica social.

Assim sendo, a seguir encontram-se dispostas breves apresentações das obras que compõem a *Obra Reunida*, destacando-se os pontos principais de cada uma e do estilo de Campos de Carvalho, informações essenciais para que se cumpra o objetivo deste trabalho. Os romances serão apresentados na ordem que foram publicados, sendo que cada visão panorâmica irá girar em torno de um tema central que o enredo apresente.

1.1 *A Lua Vem da Ásia*: o assassinato da lógica

A Lua Vem da Ásia é a história de Astrogildo, contada por ele mesmo em um diário. O narrador-personagem, que inicialmente acredita ser hóspede de um luxuoso hotel, conta a rotina do local e sua convivência com os outros hóspedes, até descobrir estar na situação de

um prisioneiro de campo de concentração e, finalmente, em um hospício. A narrativa é dividida em duas partes, "Vida sexual dos perus", que conta a vida do narrador e das outras personagens dentro do hotel/ campo de concentração/ hospício, e "Cosmogonia", o relato da vida de Astrogildo fora desse local, após uma fuga nada impressionante.

Em *A Lua Vem da Ásia*, a frase de abertura do livro é de extrema importância: "Aos 16 anos matei meu professor de lógica" (CARVALHO, 2002, p. 36). Assim como foi colocada, tal frase se comporta como uma síntese do que virá: a não aceitação da imposição de saberes e comportamentos. Dessa forma, ela possui o objetivo de preparar o leitor para a leitura não apenas do romance em si, mas de toda a *Obra Reunida*: sendo a obra de Campos de Carvalho a excelência da transgressão e da imaginação, tal frase é preambular para tais condições.

Morta a lógica e a recusa a (re)conhecê-la – por meio da figura do professor -, o narrador possui liberdade criativa e imaginativa para manipular a criação da narrativa da maneira que lhe convir. Estabelecida essa condição para a continuidade do romance, as linhas seguintes dão a tônica da narrativa:

> Invocando a legítima defesa — e qual defesa seria mais legítima? — logrei ser absolvido por cinco votos contra dois, e fui morar sob uma ponte do Sena, embora nunca tenha estado em Paris. Deixei crescer a barba em pensamento, comprei um par de óculos para míope, e passava as noites espiando o céu estrelado, um cigarro entre os dedos. Chamava-me então Adilson, mas logo mudei para Heitor, depois Ruy Barbo, depois finalmente Astrogildo, que é como me chamo ainda hoje, quando me chamo. (CARVALHO, 2002, p. 36).

O assassinato da lógica, acertada desde a primeira frase, é o que permite ao narrador morar sob uma ponte do Sena sem nunca ter estado em Paris, deixar crescer a barba em pensamento e até mesmo possuir quantos nomes quiser.

É esse o teor da narrativa que abre a *Obra Reunida*: inaugura a transgressão, desmonta as bases normativas que regram o pensamento, as atitudes e o caminho do leitor, que se vê desamparado em todos os aspectos que constituem a narrativa: tempo, espaço, linguagem, entre outros. Não obstante, é essa a condição *sine qua non* para compreender a totalidade da obra de Campos de Carvalho.

Toda a proposta de liberdade almejada por Campos de Carvalho pode agora ser atingida e usufruída, de forma a constituir o cerne de sua obra. A transgressão a todas as formas de normatizar e regrar o comportamento humano é o intuito do autor, que o faz através do relato de um louco em seu diário. E isso não ocorre por acaso, visto que o autor rompe com esse gênero, apresentando situações impossíveis de ocorrer na realidade, e que seria o que um

diário deveria apresentar. Do mesmo modo, o diário é, também, o gênero que mais confere liberdade ao narrador, que tem soberania para escrever o que quiser. É dessa forma que Campos de Carvalho apresenta seu primeiro romance: uma obra criada para desestabilizar e puxar o leitor para fora do pensamento lógico e do senso comum. Segundo Oliveira:

> [...] os elementos estruturais do romance *A lua vem da Ásia* extrapolam a moldura do romance realista, ou seja, uma tendência estética que visa à representação verossímil da realidade empírica, o que sugere o anseio do protagonista de criar uma realidade outra, também, verossímil, porém, pautada na imaginação e na supressão do bom senso e da razão. (OLVEIRA, 2013, p. 53).

Neste sentido, constrói-se um novo mundo para o enredo proposto: o mundo desconstruído. São diversas as maneiras com que o narrador rompe com a lógica, a começar pelo tempo. Esse se apresenta não-linear, a julgar pela ordenação dos capítulos da primeira parte: Capítulo Primeiro; Capítulo 18º; Capítulo Doze; (Sem Capítulo); Capítulo sem Sexo; Capítulo 99; Capítulo 20; Capítulo I (Novamente); Capítulo; Capítulo CLXXXIV; Capítulo XXVI; Dois Capítulos Num Só; Capítulo 333; Capítulo 334; Cap. 71; Capítulo Não-Eclesiástico; Capítulo 103; Capítulo Negro; Capítulo 42; Capítulo LIV. Na segunda parte, o autor apresenta uma sequência mais lógica, mas utiliza as letras do alfabeto para a representar, numa tentativa de quebrar com a forma temporal: A; B; C; D; E; F; G; H; I; J; K; L; M; N; O.P.Q.R.S.T.U.V.X.Y.Z. Apesar de, como dito anteriormente, o diário ser um gênero que confere liberdade ao narrador, Blanchot (2005 apud OLIVEIRA, 2013) afirma que há uma cláusula para sua utilização: deve-se seguir o calendário. No entanto, como vimos, Campos de Carvalho desconstrói essa regra, não apresentando datas.

Outra forma de ruptura com a lógica é a linguagem, "no desnudamento das frases feitas, no desmonte das construções inerciais da língua" (COUTO, 1995). Isso faz com que os discursos e as situações vividas pelos loucos dentro do hotel/ campo de concentração/ hospício sejam descritos com naturalidade, já que "o inusitado por si é descrito pela via do cotidiano e do normal" (BATELLA, 2004, p. 103). Esse é o aspecto central que será explorado mais adiante no presente trabalho.

Por fim, outra forma encontrada pelo autor para romper com a lógica é através da construção de sua personagem: um louco. Conforme Batella (2004), a função do louco em *A Lua Vem da Ásia*, é a de denunciar a loucura para que caminha a sociedade através do forjamento de regras e normas. O crítico ainda analisa que, ao colocar seu louco como alguém excluído da sociedade, Campos de Carvalho faz com que essa personagem descreva as

patologias de uma sociedade que fixa, impõe e obriga as pessoas a terem determinadas atitudes e pensamentos. A partir disso, o leitor passa a perceber que, na verdade, a loucura não é exclusiva do hospício: "Nem hotel, nem campo de concentração, nem hospício, mas a alegoria dos espaços que qualquer um de nós percorre, diariamente: o banco, o escritório, a repartição pública, o mercado etc. Aí sim é que talvez impere a lei do absurdo" (MOISÉS, 2002, p. 17). Tal problemática será retomada e explorada por Campos de Carvalho em seu romance seguinte, *Vaca de Nariz Sutil*.

1.2 *Vaca de Nariz Sutil*: o ajuste pelo desajuste

Vaca de Nariz Sutil se diferencia de *A Lua Vem da Ásia* nos seguintes aspectos: enquanto nessa temos um relato do mundo, que focaliza o exterior através de espaços, personagens e o mundo, aquela irá destacar o interior, sendo totalmente pautada nos pensamentos, devaneios e opiniões do narrador-personagem, um ex-combatente que divide o quarto de uma pensão com Aristides, um surdo-mudo[2]. O centro da narrativa é o desajuste do personagem central – sem nome – com o mundo, devido às consequências por ele sofridas após a guerra.

Após perceber, ao final de *A Lua Vem da Ásia*, que o mundo nada mais é do que um grande hospício, Campos de Carvalho nos apresenta novamente uma obra narrada em primeira pessoa por um homem considerado excêntrico pelas outras pessoas. O narrador, obcecado pela falta de sentido das coisas mundanas após ter encarado os destroços da guerra, nota que não há qualquer saída para essa existência. Essa foi a nossa percepção com base em Oliveira (2013): a própria morte, para ele, não é encarada como um escape à vida, visto que ele a praticou diversas vezes durante a guerra, e voltou dessa com um vazio existencial interior. É essa morte por dentro que o deteriora aos poucos e o mantém vivo na busca de preencher-se ou, finalmente, esvaziar-se de todos os males que o mundo possui.

Essa tônica melancólica e pesada faz com que o narrador devaneie a respeito das situações de vida, ironizando-as, denunciando a hipocrisia das atitudes e os pensamentos das pessoas, como quando relata o momento no qual as pessoas da pensão em que mora se reúnem para comer:

[2] Tal alcunha é utilizada no original, por Campos de Carvalho: "Aristides é como se chama o meu surdo-mudo" (CARVALHO, 2002, p. 158)

> À mesa são todos uns príncipes, a começar por mim, o guardanapo sobre os joelhos, os gestos muito bem ensaiados, bom dia, boa tarde, como vai do lumbago, a senhorita por favor quer passar-me o saleiro, o filme que está no Ritz tem uma passagem que francamente. (CARVALHO, 2002, p. 167).

Entretanto, ao revelar para o leitor que, durante as noites, ele perambula pelos corredores da pensão a espiar as cópulas dos outros moradores pela fechadura, continua, em tom de denúncia:

> Já copulei com todas, e não foi uma nem duas vezes, e com alguns dos senhores também [...]: a senhora e o seu marido já faz uma semana que não me dão uma chance, talvez nos pudéssemos entender os três – conhecem-se os casos. Nem numa casa mal-assombrada se ouvem gritos da espécie dos que os senhores procuram sufocar dentro da noite, e a senhorita também com esses dedos tão ágeis, não adianta abaixar as pálpebras desse jeito, para todos os efeitos somos pianistas. (CARVALHO, 2002, p. 167-168).

Da mesma forma ele expõe as hipocrisias e incoerências das instituições: família, igreja, Estado. Isso ocorre ao denunciar o fato de ter sido considerado herói de guerra pelo Estado após ter matado milhares de pessoas que não conhecia, sem motivo aparente para fazê-lo. Por outro lado, foi expulso de casa e considerado cínico, idiota e cretino pela família por questionar tal título. Tais denúncias ocorrem também através da linguagem, como na passagem: "Pago a pensão com a pensão que o Estado me paga pelo meu estado. [...] Tudo tão caro! - geme a dona da pensão, do fundo das suas banhas. TUDO TÃO GRATUITO, *penso comigo*." (CARVALHO, 2002, p. 165, grifo do autor). Nesse trecho, Campos de Carvalho utiliza a multiplicidade de sentido da unidade "gratuito" para denunciar, em oposição à "caro", sua visão trágica e sem esperança do mundo.

Resumem-se os sentimentos do anti-herói narrador nas palavras de Batella:

> Sua nova vida se caracteriza por um total <u>desajuste com a sociedade</u> [...]. A lógica hipócrita que governa a sociedade não se ajusta à sua própria, extremamente própria [...]. Eis como se sente o narrador: volta <u>vivo da guerra, porém já bastante morto</u>. (BATELLA, 2004, p. 129, grifos do autor).

Através de sua descrença, o ex-combatente, fragmentado, busca compreender o funcionamento da sociedade. Contudo, não será possível realizar tal feito não aceitando a lógica do mundo. Segundo Oliveira (2013, p. 99), o narrador é um produto fabricado pela guerra na qual combateu, e seus transtornos psíquicos compõem sua identidade em cacos. Ser

terminantemente contra o que compõe sua identidade transforma o narrador em um pessimista, que tem dificuldade em acreditar e aceitar os moldes desse mundo.

Assim sendo, esse desajuste e a tentativa de se adequar ao mundo, apesar de sua existência segmentada, vai ao encontro do título proposto por Campos de Carvalho para o romance: *Vaca de Nariz Sutil*. Tal título faz menção à pintura de Jean Dubuffet a seguir:

Figura 1 - The Cow with a Subtile Nose, Jean Dubuffet, 1954

Fonte: Sampson (2013).

Conforme explica Oliveira (2013), a vaca da pintura de Dubuffet parece aprisionada nos moldes da tela, apertada sob as paredes retangulares do quadro, com as pernas e o rabo curvados para encaixarem. Apesar disso, ela se esforça para caber no molde e fazer parte desse mundo. Assim, a obra carvaliana dialoga com a pintura acima na medida em que, a todo momento, o narrador parece tecer "uma série de denúncias sobre esse processo classificatório que reduz, rotula, aprisiona e exclui os indivíduos que não se enquadram no sistema normativo de uma dada sociedade" (OLIVEIRA, 2013, p. 106).

O que então, restará para esse narrador? A resposta parece clara: a morte, seja "a morte *em vida* do narrador, a morte que o cercará em sua existência quotidiana e a morte que foi por ele tantas vezes praticada na guerra" (BATELLA, 2004, p. 121). Não à toa, parece que o narrador a persegue a todo momento, até mesmo no amor, quando ama e pratica relação sexual com a jovem Valquíria, filha do zelador do cemitério, em cima da lápide de um homem.

Sua morte, porém, não virá nessa obra, mas na seguinte, se considerarmos, conforme expôs Pereira (1999), que as três primeiras narrativas de Campos de Carvalho possuem relação de continuidade. Da mesma forma como é possível associar *A Lua Vem da Ásia* e

Vaca de Nariz Sutil, essa obra também pode ser relacionada com *A Chuva Imóvel*. Veremos tal relação na sequência.

1.3 *A Chuva Imóvel*: a busca pela identidade

Assim como o segundo romance de Campos de Carvalho, *A Chuva Imóvel* é uma narrativa intimista, focalizada nos pensamentos e devaneios do narrador, de tal forma que "é possível notar uma tendência em direção a uma maior densidade dramática e poética. A introspecção se acentua, a linguagem se torna mais reflexiva e menos narrativa" (COUTO, 1995). *A Chuva* é, assim, mais uma história que evidencia a visão trágica do escritor uberabense a respeito do mundo.

A obra, narrada em primeira pessoa, conta os pensamentos de André na busca pela sua existência autônoma, enquanto tenta se desvencilhar da irmã gêmea Andréa, ao mesmo tempo em que possui um desejo incestuoso por ela. A angústia identitária do protagonista é motivada pela família, tendo como centro a irmã, o irmão morto e a responsabilidade conferida pelos pais a ele, de se tornar alguém importante, casar e ter filhos, principalmente após a morte do irmão.

O romance parece iniciar do mesmo ponto onde parou em *Vaca de Nariz Sutil*: em uma viagem de trem do narrador. André, o agora narrador-personagem, percebe se encontrar em Cafarnaum, um local, segundo o conhecimento bíblico, de imensa confusão, amaldiçoado e destruído por Jesus. Esse local nada mais é, no simbolismo da obra, do que o mundo em que habita André. Assim, a missão dele, segundo Batella (2004), é alertar, para os desavisados, sobre a destruição desse mundo.

Sendo assim, pode-se perceber, logo de início, que Campos de Carvalho mantém, em *A Chuva Imóvel*, a ideia de um protagonista em total discordância com o mundo que o cerca.

Esse indivíduo está em busca de sua identidade por não conseguir se desvencilhar de seu passado, de sua irmã gêmea e das responsabilidades familiares impostas sobre ele. Trata-se, portanto, de um indivíduo "aos pedaços dentro de si mesmo" (BATELLA, 2004, p. 171), incapaz de resolver seus conflitos consigo mesmo – interiores – e com o mundo – exteriores.

André busca em seu passado as respostas para seu presente: "Mesmo o passado se faz às vezes tão presente que já nem sei se fui ou se sou" (CARVALHO, 2002, p. 233). No entanto, apesar de se encontrar, esse passado apenas confere mais motivos para sua confusão, gerando mais dúvidas sobre o narrador. Assim como o ex-combatente vivia no limite entre a vida e a morte, André vive no limite entre o ser André e ser Andréa: "o mal do gêmeo é que

nunca sabe se é mesmo ele ou se é o outro" (CARVALHO, 2002, p. 248). O mal de André, portanto, é a busca obsessiva pelo sentimento de unidade, já que ele é um ser fragmentado. No passado, essa unidade era encontrada em sua irmã gêmea Andréa; no presente, Andréa foi viver sua vida, enquanto André ficou vazio.

Além dessa relação mantida pelos protagonistas da *Vaca* e d'*A Chuva*, há também o fato de eles buscarem a todo momento uma solução para se manterem vivos nesse mundo caótico. O ex-combatente, que está vivo por fora e morto por dentro, reflete-se na figura do irmão gêmeo, completo por fora e incompleto por dentro. Se entendermos uma obra como a continuação da outra, notamos que André, que se aceita vivo, busca tornar-se humano, depois que essa característica lhe foi tirada pela guerra. No entanto, segundo Batella:

> Permanecer vivo vai significar adaptar-se antes de tudo à sua época. Este é seu preço: conformar-se, e sua lista de coisas a fazer é potencialmente infinita – "fazer antes um curso de blablablá", "ver Nápoles antes de morrer", "não pisar na grama", acreditar que "a Terra é redonda e o papa é infalível", que "somos iguais perante a lei, Liberdade Igualdade Fraternidade", que "Ivo viu a uva" [p. 255] -; uma lista de ranços de comportamento, crenças e linguagens: tudo o que a narrativa de Campos de Carvalho precisa negar. (BATELLA, 2004, p. 191, grifos do autor).

Dessa forma, sendo a única opção de um protagonista em pedaços e conflituoso a aceitação aos costumes e às atitudes de um mundo caótico, a saída por ele encontrada será, acima de tudo, a morte. Sua tentativa foi a de se encontrar: "Andréa foi ser Andréa e eu tenho que ser André. Ou então me enforco" (CARVALHO, 2002, p. 255). Contudo: "Livrar-se de Andréa só mesmo nascendo de novo" (BATELLA, 2004, p. 207, grifo do autor). Ou seja, a busca incessante pela sua identidade própria, longe da irmã, resulta em seu renascimento.

André fará exatamente isto: nascerá de novo, em uma gestação contrária de nove capítulos, como uma contagem regressiva. A terceira parte da obra inicia no capítulo "...nove!", e termina no "...um!", com o suicídio de André. Será essa sua última atitude, de André e não de Andréa, de um ser inteiro e não metade, que se encontrou no seu interior, mas recusou ser parte desse mundo:

> Tentaram reduzir-me a pó e não me reduziram, aqui estou eu com a minha corda e com a minha consciência, íntegro e íntegro, fora do alcance de suas armas de longo alcance, de suas experiências homicidas ou suicidas, fora do seu sistema solar ou de qualquer outro sistema – eu o rebelde, o rebelado, mesmo que apenas um desertor: o desertor no deserto.
>
> Levarão séculos para me içar, se é que estão realmente içando, e enquanto dure esta longa ascensão do meu cadáver [...] – continuarei minuto

> a minuto a cuspir-lhes do fundo da minha consciência, com esta corda no pescoço mas cuspindo, em sinal de protesto e sobretudo de nojo [...].
>
> Mesmo morto continuarei dando meu testemunho de morto. Esta chuva imóvel serei eu que estarei cuspindo. (CARVALHO, 2002, p. 306).

Assim sendo, André se encontra sobretudo na sua recusa a se reduzir a si mesmo, de ser metade (ser somente André e não André-Andréa). Fica claro, portanto, que a morte foi o caminho por ele encontrado para exprimir sua visão trágica a respeito do mundo e dos costumes sociais. A morte, para ele, é a denúncia.

1.4 *O Púcaro Búlgaro*: a salvação pelo humor

O Púcaro Búlgaro, escrito em 1964 em formato de diário de bordo, narra o planejamento do personagem Hilário em organizar uma expedição à Bulgária, cuja finalidade é atestar a existência desse país e, em especial, dos púcaros búlgaros. Essa expedição conta com outros personagens, que ajudam o narrador a alcançar sua empreitada. Essa obra retoma o caráter exterior para a escrita de Campos de Carvalho quase dez anos após a publicação de *A Lua Vem da Ásia*.

Conforme observado nas análises anteriores, os romances de Campos de Carvalho possuem um teor transgressivo, uma maneira de escapar de toda e qualquer forma de normatização social pautada em regras, lógicas e normalidade. O autor molda suas narrativas de forma a ironizar, denunciar e transgredir essas formas mundanas de controle e organização, abrindo espaço para a loucura, o absurdo e o ilógico.

Sua última narrativa, *O Púcaro Búlgaro*, chegou a ser considerada um retrato da forma como o autor se portou, em vida, frente às questões sociais. Revestido de um humor extravagante, do qual mais se aproxima *A Lua Vem da Ásia*, esse quarto romance é o espelho de uma atitude que ironiza, ao extremo, qualquer atitude, pensamento ou ideologia presente em nosso mundo. Após perceber que se rebelar contra o sistema e ser um ponto fora da curva em nada alteraria a forma como esse funciona[3], a personagem Hilário, diferentemente das outras que se colocam em conflito com o mundo e com as estruturas sociais, decide enfrentar o mundo de outra forma, evidenciando seu desprezo na figura de um humor levado às últimas consequências, que dará vida ao *nonsense*:

[3] Isso já havia sido percebido em *A Lua Vem da Ásia*, quando Astrogildo afirma, no último capítulo: "A morte de um mosquito é tão importante quanto a minha própria morte, digo-o sem falsa modéstia, e disso o senhor mesmo terá prova ao ficar sabendo do meu suicídio, que o afetará tanto quanto a morte de um dos milhões de perus sacrificados à véspera do Natal" (CARVALHO, 2002, p. 149-150)

> O livro não deixa de ser uma advertência dramática indireta, porque extremamente cômica, contra o estado de coisas que levou o narrador-personagem a suicidar-se em *A chuva imóvel*, em sinal de protesto contra 'todos os sistemas' de todos os tempos, e especificamente contra aquele que rege os destinos do mundo atual. (PEREIRA, 1999, p. 21).

O próprio título da obra pode ser apresentado sob tal forma. Notadamente, não seria surpresa descobrirmos que Campos de Carvalho nomeou o romance por mera relação próxima de sons, deixando-o mais fluido. Não excluímos tal possibilidade. Ainda assim, lê-se em Batella (2004) que a expressão "lá vem o púcaro búlgaro" era comum nas redações de jornais, no auge da ditadura brasileira, de forma a anunciar a chegada dos censores. Se a expressão surgiu pelo romance do escritor uberabense, ou se ele retirou o título e a ideia da expressão, não podemos afirmar com certeza. Contudo, caso seja a segunda opção, há uma ironia clara, visto que a obra é extremamente libertária, sem regras, normas ou censura, expressamente o contrário do que a expressão sinaliza.

O caráter ilógico de (des)organização narrativa presente no primeiro romance, sob a forma do diário, é repetida nos mesmos moldes em *O Púcaro Búlgaro*. O mundo é o mesmo, porém vistos com outros olhos. Esses olhos serão sonhadores, sem a intenção de serem críticos ou afirmarem que não pertencem a esse mundo. Pelo contrário, as atitudes, diálogos e pensamentos das personagens são revestidas de uma normalidade tamanha, como uma adaptação do louco ao mundo e vice-versa, nem por isso Campos de Carvalho deixa de desmontar as engrenagens da vida social ou transgredir as normas. O objetivo é exatamente ironizar tudo o que for possível, de forma a evidenciar o absurdo que há por trás do mundo: "[Campos de Carvalho] Encontrou uma saída para expor sua revolta, sua maneira peculiar de olhar criticamente o mundo. Acreditava que a única saída possível diante da vida era o humor" (GONZAGA, 2007, p. 18). Em outras palavras, a denúncia social carvaliana se revela, em *O Púcaro Búlgaro*, essencialmente, através do humor.

A experiência de se desvincular de qualquer lógica confere liberdade também ao autor, que se sente liberto inclusive para praticar, nessa obra, uma forma de escrita sem censura, a escrita automática:

> - Agora vai me dizer em voz alta, e sem pensar, tudo o que lhe vier à cabeça. Relaxe-se o mais possível e nada de escrúpulo.
> - Escrúpulo. Cabeça. O oceano é azul. Que calor está fazendo. A morte de Danton. As metamorfoses de Ovídio. O senhor é uma besta. Com quantos paus se faz uma canoa? Vinte e um, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro. As laranjas da Califórnia são deliciosas. Umbigo. Rapadura.

> Otorrinolaringologista. É a tua, mulher nua, vou pra Lua, jumento, pára-vento, dez por cento, Catão, catatau, catapulta que o pariu, catástrofe, caralho, os medos, os vegas, as vegaminas, as sulfas e as para-sulfas, diametilaminatetrassulfonatosótico, porra de merda, argentino, argentário, argentículo, testículo, laparotomia, Boris Karloff, Irmãos Karamazov, Irmãos Marx, Marx, Engels, Lenin, Lenita, onomatopéia, onomatopaico, onanista, ovos de Páscoa, jerimum, malacacheta, salsaparrilha, Rzhwpstkj, Celeste Império, semicúpio, Salazar, sai azar, seis e vinte da manhã, Dadá, Dedé, Dodô, Dudu, holofote, oliveira, olá Olavo, Alá, ali, alô sua besta já não basta?...
> - Basta. (CARVALHO, 2002, p. 328).

No trecho, o narrador, em uma sessão de psicanálise, fala diversas palavras sem sentido, sem qualquer relação uma com a outra, como na forma de escrita automática praticada por diversos artistas. A ironia ocorre quando, após observar essa conduta por parte do narrador, o psicanalista o questiona se ele já esteve na Bulgária. Dessa forma, o humor carvaliano se reveste de crítica aos psicanalistas e à essa ciência.

A salvação do romance pelo humor pode ser retratada na figura da personagem Radamés Stepanovicinsky, professor de bulgarosofia, natural de Quixeramobim, no Ceará. Ao notarmos que a *Obra reunida* se inicia com a morte do professor de lógica, para compor uma espécie de contrato entre leitor e autor, vemos no último romance uma nova forma de aprendizado. O professor Radamés será a personagem que conduzirá o narrador – e, consequentemente, o leitor – a um processo de desaprendizagem, segundo Oliveira (2013). Isso quer dizer que, após adentrarmos o mundo de Astrogildo, passarmos pela morte em vida do ex-combatente e acompanharmos o conflito identitário de André, a figura de um professor, que toma o lugar do professor de lógica assassinado, irá nos ensinar uma nova forma de ver o mundo, totalmente pautada no absurdo e no *nonsense*.

Nesse sentido, o principal ponto de transgressão d'*O Púcaro Búlgaro* será a linguagem usada pelos personagens, especialmente Radamés e Hilário. Segundo Batella (2004), a linguagem é a principal personagem da obra, em torno da qual irão rodar as características das demais. Campos de Carvalho explora, nessa obra, o extremo das potencialidades da língua. Isso não significa dizer que nos outros três romances a transgressão linguística não ocorra, mas em menor número.

Enfim, a última narrativa carvaliana apresenta uma saída diferente para o descompasso entre as personagens e o mundo, tendo como base o humor. Segundo Pereira (1999, p. 126): "Observando o curso da Obra reunida de Campos de Carvalho, [...] o resultado é visível: o seu lado sério e trágico sucumbe (ainda que resgatando-se), sob a forma do suicídio, enquanto sobreviverá o lado cômico".

Sendo assim, é possível afirmar, conforme Batella (2004), que se trata de uma experiência surrealista por parte do autor uberabense, na qual a normalidade é ironizada ao máximo através de atitudes, diálogos e pensamentos absurdos, desregrados e cômicos das personagens, sob a forma transgressora da linguagem literária livre, que explora todas as potencialidades linguísticas.

1.5 O uso do léxico em *Obra Reunida* de Campos de Carvalho

O texto literário envolve muitas variantes para sua compreensão, dentre elas o próprio envolvimento do leitor com a narrativa, além da compreensão do discurso narrativo. Assim, algumas interpretações de unidades recontextualizadas podem não ser tão óbvias para algumas pessoas como para o pesquisador que desenvolve este estudo. Por essa razão, apresentamos nas seções acima análises e interpretações de cada uma das narrativas componentes da reunião de romances carvalianos. Tais análises não são exaustivas, mas trazem o que se considera como ponto central de cada obra para a compreensão deste trabalho.

Ainda assim, por mais que tenhamos apresentado teorias e estudos que interpretam e caracterizam a obra de Campos de Carvalho, a compreensão de cada narrativa só pode ser completamente realizada por meio da leitura atenta dos romances. Nas análises que seguirão no capítulo 6, iremos expor os contextos no qual as lexias recontextualizadas ocorrem, mas nem sempre isso será suficiente para que se perceba que houve mudança de significado nas lexias. Assim sendo, buscaremos ao máximo demonstrar de que forma os novos significados se unem às unidades.

De todo modo, é evidente a importância e a relevância do léxico para a depreensão do sentido total de cada uma das narrativas que compõem a *Obra Reunida*, já que o estilo carvaliano de escrever e construir um romance é realmente próprio. As palavras são escolhidas sucintamente, pensadas exclusivamente para cada contexto de produção e de forma a convergirem para um sentido já imposto pelo romance, caracterizado conforme as pretensões do autor. Seguiremos, a seguir, para algumas características de estilo e literatura.

2 OS ESTUDOS DO LÉXICO E A LITERATURA

Após a apresentação do autor, de sua obra e das características que fazem do nosso objeto de estudo único, este capítulo apresenta uma reflexão a respeito da literatura e, mais especificamente, do texto literário de forma geral. Em um primeiro momento, o intuito é demonstrar quais as principais características que permeiam um texto como esse e o que faz a literatura ser o que é. Para isso, utilizamos conceitos como os da literariedade e do universo de discurso. Em uma segunda abordagem, utilizamos conceitos de Estilística a fim de evidenciar como a linguística pode ser introduzida em um estudo que tenha como objeto o texto de literatura. De forma geral, conceituamos a Estilística léxica e a importância das palavras na formação do discurso e do texto literário.

2.1 O texto literário como *corpus* para análise lexical

O universo de discurso é um espaço, por excelência, de identificação ideológica e produção de sentido. Não é surpresa existirem variados universos, nem ser possível depreender uma série de questões socioculturais de uma determinada sociedade, grupo ou pessoa a partir de seu uso linguístico, visto que cada universo de discurso é singular, sendo caracterizado por uma determinada norma discursiva que o denota. Essa norma é refletida nos mais diversos níveis linguísticos: morfofonológico, sintático, semântico e lexical. É para esse último nível que voltamos nossa atenção, tentando dar conta do que concerne ao texto literário.

Dubois et al (2014, p. 566) considera o universo de discurso como "o mínimo irredutível de contexto necessário a um enunciado [...] é a própria condição, original, da produção do enunciado, ou melhor, é o que o torna possível". A língua, um sistema aberto e heterogêneo, está sempre disponível para seus usuários se comunicarem, bem como para transmitirem emoções e nomearem seres e estados da mente. Quando utilizada em determinados universos de discurso ela manifesta quais mecanismos linguísticos são mais eficazes para determinada condição de criação, inovação ou expressividade vocabular. Cada universo discursivo possui particularidades linguísticas singulares que o caracterizam, sendo que essas características podem ser comuns a mais de um universo.

Assim, o texto literário se configura em um universo de discurso produtivo, visto que há, nele, a reunião de outros tantos universos e características retratadas. À medida que o discurso do cotidiano objetiva a comunicação, através da correspondência das coisas em signos, o discurso literário torna-se: "um objeto da linguagem ao qual se associa uma representação de

realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético" (PROENÇA FILHO, 2007, p. 7).

Do mesmo modo, a literatura se apresenta como um repertório linguístico de produção de sentido muito valioso. O autor desse tipo de texto almeja, a todo momento, explorar a potencialidade da língua através de seu uso, por meio da literariedade. Esse conceito, criado por Roman Jakobson, influenciado pelo formalismo russo – o qual desejava estabelecer um conceito de literatura enquanto fenômeno estético -, faz referência à especificidade da literatura. Segundo os pensadores dessa corrente: "os textos literários possuem caracteres estruturais peculiares que os diferenciam inequivocamente dos textos não-literários" (AGUIAR E SILVA, 2005, p. 15). E é por meio do léxico que esses caracteres se evidenciam, através dos recursos linguísticos, revelando a estranhamento que o texto literário causa. Segundo Martins (2007, p. 69): "Este discurso literário [...] obedece, na maioria das vezes, ao discurso comum, mas diferencia-se deste, na medida em que o significante se apaga para poder sobressair o significado". Por essa razão, a análise lexical é a que mais objetiva demonstrar tal peculiaridade da literatura.

Ao empregar a língua no universo literário, contudo, nem sempre existirá uma razão para a ocorrência de determinado recurso linguístico, visto que os textos desse tipo abarcam especificidades de diversos universos, pertencentes aos diversos campos do conhecimento. Da mesma forma, nenhuma literatura é igual à outra, visto que autores diferentes recorrem a recursos diferentes, no intuito de cumprirem com os objetivos de sua obra/estilo ou escola literária.

Dessa forma, o pesquisador que volte sua atenção aos aspectos lexicais de determinada obra ou autor literário deverá necessariamente observar qual processo ou fenômeno linguístico é mais recorrente nesses antes de definir o que será analisado. Ou seja, a definição do fenômeno a ser observado não pode ocorrer sem uma prévia observação ou conhecimento a respeito do estilo e da construção do texto literário a ser estudado.

Não faria sentido, por exemplo, um estudo que buscasse atestar os neologismos cunhados por um autor que não utiliza esse recurso para a construção de seu texto, bem como não caberia uma análise de um vocabulário ou campo lexical em uma produção que não o explora. Assim, Barbosa (2001, p. 34) afirma: "[...] parece pouco produtivo avaliar a questão [dos recursos utilizados na linguagem literária] no conjunto das obras. Há que considerá-la em cada obra manifestada".

Embora seja difícil definir corretamente as características do discurso literário, é por meio da literariedade que o reconhecemos. A literariedade provoca a diferença entre o uso da

palavra no texto literário e nos outros tipos de texto em que a língua se manifesta: "já se percebe o alto índice de multissignificação dessa modalidade da linguagem que, de antemão [...] sabemos ser especial e distinta da modalidade própria do uso cotidiano" (PROENÇA FILHO, 2007, p. 8).

Nesse sentido, nota-se que o que guia o texto literário é o estranhamento e o desvio, isto é, a inovação e a exploração das diversas nuances que a língua oferece. Além disso, os discursos retórico e artístico se manifestam no literário. Isso ocorre já que, além da comunicação, o discurso literário procura também encantar e narrar uma história, a fim de encantar e conquistar o interlocutor. Nesse universo de discurso, portanto, concorrem a arte, a informação e a comunicação: "o texto literário é, ao mesmo tempo, um objeto linguístico e um objeto estético" (PROENÇA FILHO, 2007, p. 42).

A fim de cumprir esses objetivos, os autores literários fazem uso de diversos recursos linguísticos, os quais se manifestam no nível lexical, como a criação de novas unidades, a mudança semântica, inversões sintáticas, metáforas, metonímias, entre outras. Assim, o que ao leitor pode aparentar ser uma transgressão da norma linguística, na verdade é fruto do estranhamento almejado pelo autor do texto e definido pela literariedade. A esse respeito, Proença Filho (2007, 74-75) afirma: "o referente se liga ao contexto extraverbal; se situaria, portanto, fora da linguagem; o sentido das palavras, no texto literário, emerge do próprio texto e se apoia sobretudo na dimensão conotativa".

Observou-se, assim, ao consultar trabalhos que envolveram a interface léxico-literária que o principal recurso linguístico empregado pelos autores e estudado pelos linguistas foi a inovação lexical ou neologismo. Ademais, como as unidades lexicais e seus significados devem ser depreendidos do contexto da obra, buscando amparo em questões como o estilo do autor e a escola literária, estudos desse porte são sempre inovadores, mesmo quando se trabalha com textos diferentes do mesmo autor. Segundo Alves:

> No caso das formações neológicas no texto literário, somente a verificação da relação estabelecida entre o significante e o significado não é suficiente para sua interpretação, sendo preciso, no entanto, ir além da individualização do novo signo, o que significa que a inserção de uma nova forma em determinada obra literária responde à criatividade do seu criador (o autor) de determinar a expressividade do texto. (ALVES, 2013, p. 88).

Isso ocorre devido ao fato de o discurso literário ser muito particular, motivado pela literariedade, visto que ele pode envolver "adesão, transformação ou ruptura em relação à tradição linguística" (PROENÇA FILHO, 2007, p. 46). É comum a criação de novas formas de

se expressar, refletidas no léxico, que deem conta de designar precisamente o que o artista pretende. Dito de outro modo pelo mesmo autor: "não existe uma 'gramática normativa' para o texto literário. Seu único espaço de criação é o da liberdade" (PROENÇA FILHO, 2007, p. 46).

Assim sendo, nota-se como um estudo lexical que busque compreender a mudança de significado em textos literários, como o que se pretende com este trabalho, deve buscar sustentação teórica em diversas teorias. Começaremos a descrição dessas teorias no item a seguir, pelo estudo da Estilística.

Por fim, destacamos a importância dos estudos aqui apresentados na elaboração do presente estudo. A partir do conceito de literariedade, desenvolvido por Jakobson e apresentado por Aguiar e Silva (2005), foi possível estarmos seguros da relevância e importância das análises feitas. Ainda, a definição do texto literário como produção, por excelência, de criatividade e liberdade vai, do mesmo modo, ao encontro do que buscava Campos de Carvalho em vida, ao não se filiar ou fazer parte de qualquer manifestação artística, literária ou política, visando apenas a livre e criativa expressão.

2.2 A Estilística léxica e a literária

Existem diversos conceitos para definir Estilística. Em termos linguísticos, cada autor que estudou o estilo procurou defini-lo de acordo com os propósitos que norteavam suas teorias. Dessa forma, há classificações variadas, dentre as quais destacamos: "estilo como *escolha* entre alternativas de expressão [...] estilo como *desvio da norma*" (MARTINS, 1989, p. 1, grifos da autora).

De maneira geral, essas são possibilidades de se pensar o estilo, e estudá-las é fazer Estilística. Inegavelmente, essa disciplina se manifesta em mais de um nível linguístico, sendo possível abarcar conceitos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais. Quando trata das palavras, é no último nível que atua o estilo, fazendo surgir a Estilística léxica.

Essa disciplina surgiu no século XX. Ampliando os estudos de Saussure, o discípulo Charles Bally se debruça sobre os aspectos da língua a serviço da humanidade. Bally não se volta para a "fala" (*parole*), no conceito Saussuriano, mas busca conceituar a expressividade coletiva da "língua" (*langue*), separando o conteúdo linguístico do conteúdo estilístico. Para o linguista, existe a atuação de conteúdos afetivos na língua, sendo possível depreender questões de sensibilidade na expressão da linguagem.

Foram os discípulos de Bally, Marouzeau e Cressot, que passaram a estudar o estilo como constituinte da "fala", dando-lhe um enfoque mais individual: "A língua é [...] um repertório de possibilidades, um fundo comum posto à disposição dos usuários que o utilizam conforme suas necessidades de expressão, praticando sua escolha, isto é, o estilo, na medida que lhe permitem as leis da língua" (MARTINS, 1989, p. 4). Vemos, dessa forma, que, para a estilística, as unidades lexicais já possuem sentidos potenciais nelas mesmas, e que o uso delas no texto as fazem adquirir determinado significado. Como diz a autora, a escolha das lexias supre a necessidade de expressão dos falantes, os quais já possuem um saber pré-estabelecido de que certa lexia, naquele contexto de uso, possibilita o efeito desejado.

Nesse sentido, Câmara Jr (1977, p. 14) elabora sua obra, afirmando que "a estilística vem complementar a gramática". Segundo o autor, a língua, como sistema de comunicação, exprime a realidade coletiva, mas "a personalidade de cada um de nós trabalha nessa matéria para integrá-la em si, de sorte que a sistematização, em princípio, resulta individual" (CÂMARA JR, 1977, p. 9). Ou seja, o ato individual de cada pessoa contribui para a atualização e constante construção do sistema linguístico, visto que a língua tem suas possibilidades em si mesma.

Assim, para ele, o que a estilística de Bally ou estilística da língua faz é complementar a noção de Saussure. Para o autor genebrino, a língua seria a estrutura de representação do mundo. A estilística confere à língua a possibilidade de exteriorização de estados da alma, sendo, portanto: "a definição de uma personalidade em termos linguísticos" (CÂMARA JR, 1977, p. 13). Com esse conceito posto e trazendo à tona o conceito de literariedade, é no texto literário que tais estados da alma, tais individualidades podem se sobressair, pois causar o estranhamento no leitor é um dos objetivos do autor.

Essa liberdade em termos de inserir a individualidade na língua sem ser ininteligíveis faz com que o estilo emane nas diversas esferas sociais. O estilo existe em todos os usuários da língua, munidos que são de suas visões de mundo. De certa forma, até mesmo grupos sociais se juntam, mesmo que inconscientemente, para exteriorizar suas percepções individuais na língua: "o estilo individual se esbate, assim, no estilo de uma época, de uma classe, de uma cidade, de um país. E é desta sorte que se pode falar até no estilo de uma língua" (CÂMARA JR, 1977, p. 16).

Chegamos, assim, à estilística literária. Esta corrente estudava os desvios da linguagem na literatura em relação ao uso comum, chegando a afirmar que as alterações psíquicas de um escritor eram refletidas na linguagem como uma forma de expressar seu mundo interior. Segundo autores, dentre eles Dâmaso Alonso, o que difere a linguagem literária da usual é o

grau de precisão que o leitor deve atingir para compreendê-la. A estilística está situada no grau mais alto, aquele que visa compreender os mistérios da criação de uma obra e os efeitos dela sobre os leitores. Conforme afirma Mattoso Câmara Jr:

> É curioso ressaltar a propósito o conflito expressivo imanente numa palavra, em virtude de ela nos ter advindo sucessivamente pela transmissão usual e pela aquisição literária. É uma sofisticação estilística, às vezes das mais felizes, emprega-la de tal maneira que se imponha o seu valor literário. Como o valor usual não se anula propriamente, mas persiste em surdina, resulta clara a intenção de sair da bitola do uso geral por exigência de uma psique supra-sensível, acima dos níveis normais da emoção, em que se situa a tonalidade afetiva da acepção comum. (CÂMARA JR, 1977, p. 53).

Do mesmo modo, a estilística léxica é aquela que estuda os valores expressivos dos significados das palavras. Como vimos, as unidades lexicais possuem tonalidades afetivas, capazes de serem evocadas no uso individual e coletivo. Além disso, apesar de a língua conferir liberdade criativa para seus usuários, essa criatividade só é possível seguindo as leis próprias da língua. Segundo Martins (1989, p. 78): "ninguém pode dar às palavras sentidos inteiramente "pessoais", segundo seu agrado. Os diferentes significados móveis e cambiantes [...] se desenvolvem a partir do significado central e fundamental, que é estável". Apesar de adquirir novos sentidos em situações diferentes, as palavras não são alteradas pela escolha individual dos falantes. Esses, sabendo das possibilidades expressivas que determinada lexia oferece, a utilizam para que o contexto faça a alteração semântica.

A estilística léxica, portanto, estuda os fenômenos semânticos e morfológicos empregados para a expressividade. Dentre esses fenômenos, destacam-se a sinonímia, a polissemia, a metáfora e a metonímia, que são processos semânticos, e o empréstimo vocabular e as derivações prefixal e sufixal, além da composição, processos morfológicos. Os aspectos que concernem ao significado serão explorados no presente trabalho.

Por essa razão, convém explica-los melhor. A sinonímia, segundo Martins (1989), é o fenômeno que designa duas ou mais lexias que, em um determinado contexto ou situação de produção, possuem a possibilidade de serem intercambiáveis, pois se aproximam no sentido. Assim são os casos de "carro/automóvel"; "berrar/gritar"; "beato/religioso"; "óbito/morte"; e "leste/oriente". Ainda segundo a autora, a polissemia é a possibilidade de uma palavra possuir mais de um sentido, sendo eles ligados por um traço em comum. É o caso da palavra "cabeça", que designa a parte superior do corpo humano mas, quando ligada a outros contextos, apenas o traço "parte superior" se mantém, como em "cabeça de fósforo", "cabeça de alfinete" e "cabeça de cotonete".

A metáfora e a metonímia, por sua vez, são fenômenos também caros aos estudos estilísticos. A primeira consiste no uso de uma unidade lexical com a afloração de seu sentido secundário, de forma a aproximá-la ao sentido primário de outra unidade. Nas palavras de Martins (1989, p. 96): "A metáfora resulta de uma busca, da qual participam a sensibilidade e a imaginação [...] é um desvio em relação à linguagem comum, transferência ou mudança de sentido". A lexia "gato" é um exemplo, pois designa tanto o animal felino quanto, metaforicamente, um homem muito esbelto. Por outro lado, a metonímia ocorre quando duas lexias, A e B, possuem relação de coexistência (MARTINS, 1989), designando realidades distintas, mas que coexistem, em uma conexão parte/todo. É o caso de metonímia quando se usa o nome de um autor, por exemplo, no lugar de sua obra, ou o nome de um objeto por seu conteúdo.

Conforme as ideias de Câmara Jr (1977), para se chegar a uma definição de estilística portuguesa deve-se conciliar a fala cotidiana com os textos literários. Partindo dessa premissa, buscamos utilizar os pressupostos teóricos expostos nesse capítulo para analisar toda a expressividade almejada por Campos de Carvalho na elaboração da *Obra Reunida*, já que, conforme Martins (1989, p. 8): "A obra literária caracteriza-se pela unicidade [...] Toda obra literária encerra um mistério e sua compreensão depende basicamente da intuição, podendo-se, entretanto, estudar cientificamente os elementos significativos presentes na linguagem". Notamos, assim, que as palavras da autora vão ao encontro do conceito de literariedade, já exposto aqui.

Enfim, feito o suporte teórico estilístico, passemos agora para o estudo dos fenômenos de mudança de significado em lexias, ou recontextualização de palavras, como aqui denominaremos.

3 A RECONTEXTUALIZAÇÃO DE PALAVRAS

O estudo da mudança de significado em unidades lexicais é empreendido na Linguística há décadas. Desde o final do século XIX observam-se análises e tentativas de sistematizar esses fenômenos em grupos, propondo classificações, diferenciações e tendências. Os estudos da Semântica e do Léxico cresceram muito com o desenvolvimento de tais pesquisas, e mesmo assim não se encontram, ainda hoje, conceitos completamente estáveis para esse processo.

Nesta seção, buscaremos expor um percurso histórico do estudo da mudança de significado, tentando demonstrar sucintamente os avanços que a Linguística obteve com esse fenômeno até o presente momento.

3.1 O signo linguístico

O mundo no qual as pessoas estão inseridas é composto por um sem-número de realidades, situações e experiências palpáveis ou não. Essas realidades fazem parte do universo humano, e existem desde os primórdios desse povo até o desenvolvimento da vida em sociedade. A fim de progredir e aperfeiçoar o mundo, os seres humanos passaram a nomear as coisas e a se comunicar, dando origem às línguas.

Tem-se, assim, que a realidade existe para o homem quando passa a ser nomeada, através dos signos. Dessa forma, é possível afirmar que o signo linguístico surgiu, para os seres humanos, como uma forma de apreensão da realidade, possibilitando a comunicação e o desenvolvimento do conhecimento e da sociedade.

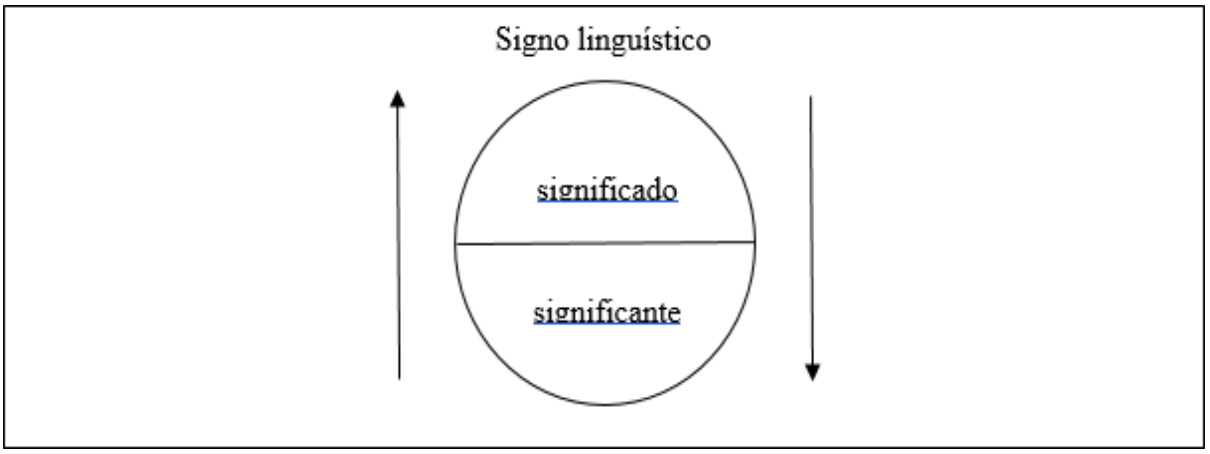
No entanto, os signos não apenas servem para a nomeação das coisas, como uma etiqueta. Eles carregam noções além da referenciação, visto que o sistema linguístico permite falar de noções abstratas, irreais, impossíveis de serem vistas ou tocadas. Tratam-se das sensações, dos sentimentos, das coisas imaginárias etc. Além disso, os signos linguísticos carregam consigo noções de valorização, de importância e de sentimento. Portanto, os signos surgem com o intuito de categorizar e interpretar o mundo, uma forma linguística de expressar diversas relações do ser humano com a realidade que o cerca. Segundo Saussure:

> Psicologicamente, abstração feita de sua expressão por meio das palavras, nosso pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta. Filósofos e linguistas sempre concordaram em reconhecer que, sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas ideias de modo claro e

> constante. Tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua. (SAUSSURE, 2006, p. 130).

Foi através dos estudos de Ferdinand de Saussure, no final do século XIX e início do XX, que a noção de signo passa a ser amplamente discutida e relevante para os estudos linguísticos, com a publicação do *Curso de Linguística Geral* (CLG). Segundo a obra atribuída ao linguista: "o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica" (SAUSSURE, 2006, p. 80). A função do signo, para Saussure, não é a de relacionar uma coisa no mundo extralinguístico por meio de um nome, mas sim o de unir um significante (imagem acústica) e um significado (conceito).

Figura 2 – Representação do signo linguístico segundo o CLG



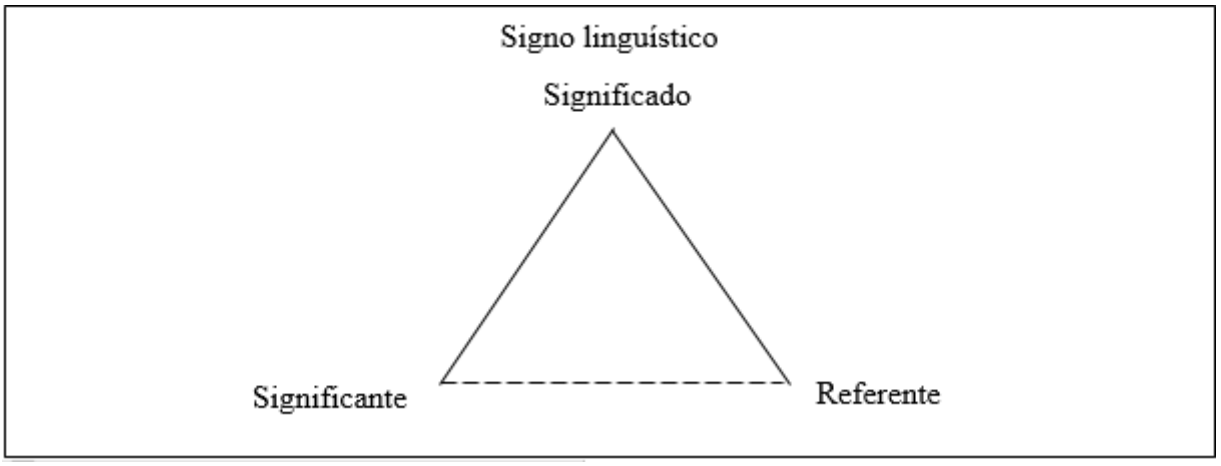
Fonte: Elaboração própria.

A partir dessa conceituação do signo linguístico, o CLG distingue o fato de não haver, entre o nome e a coisa por ela designada, uma relação direta. Segundo a obra, o *valor* de um signo se dá pela sua relação com outro signo, no interior do mesmo sistema linguístico ou em comparação com outros sistemas: um signo é o que os outros não são. Por isso, no CLG é conferido aos componentes do signo as nomenclaturas *significado* e *significante*, que se referem à impressão psíquica do som.

Por fim, no CLG é atribuído ao signo uma de suas principais características, qual seja, a arbitrariedade. De acordo com essa obra, a relação entre o signo e a coisa por ele designada não é motivada, isto é: "não há nenhuma relação necessária entre o som e o sentido, que não há nada no significante que lembre o significado, que não há qualquer necessidade natural que determine a união de um significante e de um significado" (FIORIN, 2014, p. 60).

O conceito de signo cunhado por Saussure foi amplamente analisado, de forma que acabou aperfeiçoada e até certo ponto substituída pelo triângulo semiótico de Ogden e Richards (1956), exposto a seguir:

Figura 3 – Representação do signo linguístico segundo Ogden e Richards



Fonte: Elaboração própria.

Esse triângulo é inovador para o conceito de signo ao relacionar o significante e o significado – conceitos anteriormente propostos por Saussure - com o referente, isto é, a coisa no mundo extralinguístico. Observa-se, ainda assim, que a linha que une o significante e o referente é representada por um pontilhado, de forma a simbolizar que a relação entre eles é inexata, desajustada e sem conveniência: "o nome evoca não a coisa, senão a ideia que dela se tem, ou seja, o sentido" (MUÑOZ NÚÑEZ, 1999, p. 28, tradução nossa) [4] , o qual serve para relacionar o mundo dos nomes e das coisas.

Na presente pesquisa, será utilizado o conceito de signo linguístico proposto pelo triângulo de Ogden e Richards (1956), para então procedermos às análises dos casos de recontextualização de palavras. Consideramos que o modelo proposto pelos autores é o mais completo em termos de conceituar o signo linguístico, visto que os estudos posteriores aos de Ogden e Richards sempre utilizaram o modelo por eles proposto, lançando mão de adaptações quando necessárias. Do mesmo modo, conforme Biderman (1998, p. 117): "o referente é parte integrante e essencial do signo linguístico. E é por isso que o modelo dicotômico do signo linguístico proposto por Saussure se vê definitivamente superado pela matriz triádica do triângulo semiótico".

Na sequência, serão expostas as principais teorias a respeito da mudança de significado que motivaram e nortearam este estudo. Por fim, sobrelevamos o fato de que os

[4] "[...] el nombre evoca, no la cosa, sino la idea de la cosa, o sea, el sentido" (MUÑOZ NÚÑEZ, 1999, p. 28)

autores que aqui serão apresentados não denominam o fenômeno da mudança de significado pela alcunha de recontextualização de palavras. Por essa razão, em cada item esse processo será tratado pelo nome utilizado pelos estudiosos, de forma que o item 3.5 apresentará as motivações que nos levaram ao termo cunhado.

3.2 A recontextualização de palavras segundo Bréal

Michel Bréal é conhecido como o precursor de uma das mais importantes áreas da Linguística moderna: a Semântica. Seu estudo denominado *Ensaio de Semântica* (ES) foi publicado ao final do século XIX, em 1897, na França, e traduzido para o português apenas quase cem anos depois. No entanto, engana-se quem pensa que Bréal dedicou suas pesquisas apenas à ciência do significado. Muito pelo contrário, o linguista francês apresenta, em sua obra, pontos de convergência com diversas teorias que vieram a ser desenvolvidas anos após sua morte, tornando-o um dos principais e mais influentes pensadores pré-saussurianos.

Além disso, o ensaio do chamado "pai da Semântica" traz importantes contribuições para o desenvolvimento da Linguística, na transição do período neogramático para o surgimento do estruturalismo, com Saussure, no início do século XX. É inegável a afinidade entre o que publicou Bréal em seu ES e as teorias apresentadas por Saussure, que futuramente foram publicadas em seu *Curso de Linguística Geral* (CLG) (SAUSSURE, 2006).

No entanto, os estudos a respeito das ideias do semanticista francês são pouco numerosos quanto deveriam, e o papel a ele conferido na história da Linguística é escasso, tornando sua obra raramente lida, de forma que muitos cursos de graduação não apresentam o surgimento do estudo da ciência das significações partindo de Bréal (AARSLEFF, 1981 *apud* DALL'CORTIVO-LEBLER, 2017). Esta pesquisa reconhece a importância desse linguista e reserva um estudo pormenorizado a respeito de suas teorias, principalmente as que interessam ao objetivo do presente estudo, qual sejam, a respeito da mudança de significado em unidades lexicais.

Logo de início, retomando a afirmação feita anteriormente, o ES de Bréal não apenas apresenta uma teoria preliminar a respeito da Semântica, mas também evidencia o caráter inovador do pensamento do autor perante seus contemporâneos, bem como seu rompimento e suas críticas às teorias naturalistas que vinham sendo desenvolvidas na Linguística. Ademais, o principal objetivo do linguista francês, a partir da publicação de seu *Ensaio* é clara: "explicitar o papel da vontade humana no desenvolvimento da linguagem" (SEIDE, 2006, p. 16).

Para Bréal, o surgimento, o desenvolvimento, as mudanças e as inovações na língua, tanto no plano do significado quanto no da forma, ocorrem pelo espírito humano de se fazer compreender:

> A lingüística fala ao homem dele mesmo: ela lhe mostra como ele construiu, como aperfeiçoou, por sobre obstáculos de toda natureza, malgrado inevitáveis demoras, e mesmo recuos momentâneos, o mais necessário instrumento de civilização. [...] Deve surpreender estranhamente ao leitor que pensa, a afirmação de que o homem nada tem a ver com o desenvolvimento da linguagem, e que as palavras – forma e sentido – têm uma existência que lhes é própria. (BRÉAL, 2008, p. 17).

Segundo afirmava o pensador francês, o homem é agente modificador da língua e nela imprime o que for necessário, no ato comunicativo, para se fazer compreender: "o objetivo, em matéria de linguagem, é o de ser compreendido" (BRÉAL, 2008, p. 19). Dessa forma, a primeira parte do ES é dedicada à descrição de leis que, para ele, governavam a mudança e o desenvolvimento da linguagem, sempre tendo como principal causador a vontade e o espírito humanos.

Essa postura das ideias brealinas foram consideradas inovadoras ao final do século XIX e início do XX, visto que, nesse período, o estudo das gramáticas comparadas consideravam o desenvolvimento da língua como inerente a um processo histórico de evolução. Dito de outro modo, alguns pensadores, principalmente Schleicher, acreditavam que o progresso da linguagem era evolutivo, biológico e natural, pois considerava que ela se desenvolvia de modo semelhante a um ser vivo. Como se observa, esse pensamento havia sido influenciado pelas ideias de Darwin, expoente máximo das ciências naturais no século XIX.

É digno de ressalva o fato de que Bréal realizava estudos anteriores ao surgimento das ideias de Saussure, que conferiram à Linguística o caráter de ciência histórica e à língua a qualidade de sistema. Ainda assim, sua postura em muito se aproximava a do pensador genebrino, de forma que aquele indicou esse para ser seu substituto como *Maitrê de Conférence de gothique et de vieux-haut allemand* na *École Pratique des Hautes Études*.

As aproximações teóricas entre as ideias desses dois linguistas, contudo, não se resumiram apenas a essa postura antinaturalista. Segundo Dall'Cortivo-Lebler (2017), Bréal desenvolveu pensamentos – sem, no entanto, conferir-lhes terminologia específica - que se aproximam do que Saussure futuramente definiu como diacronia, sincronia, sintagma e arbitrariedade do signo. Além disso, os dois linguistas consideravam a língua como algo

socialmente construído e fruto da coletividade: "[Para Bréal e Saussure] à linguística caberia uma tarefa muito maior: a de colocar os estudos de linguagem entre as ciências humanas, tendo em vista não apenas a história das línguas, mas a presença das línguas na sociedade e o papel do homem nas suas transformações" (DALL'CORTIVO-LEBLER, 2017, p. 10).

Assim, a atitude inovadora de considerar a linguagem como uma atividade que só existe através da natureza humana, frente aos estudos evolucionistas anteriores, aproxima os dois autores no desenvolvimento da ciência Linguística. Essa ideia é explícita na noção de signo já trabalhada na seção 3.1. Retomando tal pensamento, Saussure afirmava que é através da criação dos signos que o pensamento consegue ser expresso, ou seja, a língua surge por meio de uma necessidade da vontade humana de manifestar seus desejos e se comunicar.

Nesse sentido, a mesma ideia do signo linguístico pode ser transposta para a segunda parte do ES, na qual Bréal trata da determinação e da mudança de significado das palavras, e que ele denomina a Semântica ou ciência das significações. O primeiro capítulo dessa parte desfaz a crença que se tinha de que existiam tendências naturais nas palavras de significarem e alterarem seus sentidos para serem mais pejorativas, isto é, menos aceitáveis. Bréal rapidamente nega essa afirmação e diz que, na verdade: "a pretensa tendência pejorativa é o efeito de uma disposição muito humana que nos leva a esconder, a atenuar, a disfarçar as ideias desagradáveis, ofensivas ou repulsivas" (BRÉAL, 2008, p. 77).

Do mesmo modo, para ele, o estudo do sentido das palavras deve partir do estudo de como os nomes são dados as coisas ou, nas palavras de Saussure, como é construído o signo linguístico. Conforme afirma Seide (2006) a teoria brealina conclui que há um desajuste entre o nome e a coisa por ela designada, pois a denominação de um objeto, situação etc. será sempre incompleta e inexata. É por meio desse desajuste que se faz possível a mudança de significado nas palavras, já que caso houvesse uma associação exata entre o nome e a coisa, não seria possível ocorrer mudança de significado: "a relação entre palavra e coisa nunca está totalmente consolidada, há sempre uma brecha pela qual o significado da palavra se ajusta a cada situação de uso" (SEIDE, 2006, p. 64).

Apesar de não serem totalmente similares, levando em conta que Bréal considera a coisa no mundo extralinguístico, a concepção de signo postulada por ele é próxima ao que desenvolveu Saussure, principalmente na questão da arbitrariedade do signo. Grosso modo, a teoria brealina se aproxima mais da noção de signo do triângulo semiótico, que apresenta o referente extralinguístico ao lado do conceito e da imagem acústica. Uma última questão acerca da percepção de signo do linguista francês é exposta por Seide:

> [Bréal] propõe que, quanto mais uma palavra se distancia de seu significado original, maior é a sua qualidade de signo. Tal afirmação se justifica quando se leva em consideração que, para o autor, uma palavra é um signo quando ela se torna indício do pensamento. Por conta disso, as palavras não dizem nada sobre o objeto por ela designado, mas revelam a maneira de pensar de uma sociedade, com seus erros e preconceitos, e é esta qualidade de signo das palavras que permite que a linguagem seja, involuntariamente, depositária de informações históricas valiosas, ainda que esta não seja sua função principal. (SEIDE, 2006, p. 62).

Finalmente, parte-se para o que Bréal chamou de Semântica propriamente, isto é, o estudo das mudanças de significado. O autor denominou o fenômeno por polissemia, tratando de diferentes processos, todos constituintes da mudança de sentido em unidades. São eles: a restrição de sentido; a ampliação de sentido; a metáfora; e o espessamento de sentido. Vejamos cada um deles.

Primeiramente, a restrição e a ampliação de sentidos, segundo o ES, são fenômenos que ocorrem devido ao desajuste que há entre o nome e a coisa. Assim, ao ser utilizada em um ato comunicativo, o falante lança mão desses recursos de forma inconsciente, restringindo ou ampliando o sentido de uma unidade lexical, em busca de uma circunstância desejada e de sua intenção específica naquele determinado contexto.

Para Bréal, há dois tipos de restrição: uma que acarreta mudanças definitivas no significado da palavra, e outra que ocorre usualmente, em situações de uso esporádicas, sem causar alteração de significado. Um exemplo do primeiro tipo pode ser observado no substantivo latino *feles*, que significava "fêmea" e se restringiu aos poucos até passar a designar apenas a "fêmea do gato". Em relação ao segundo tipo, ele exemplifica através da expressão francesa *Aller à la ville* ("ir à cidade") que recebe diferentes interpretações de acordo com a tradução de cada região francesa, restringindo seu sentido esporadicamente.

A ampliação de sentido, por sua vez, ocorre lenta e gradualmente e se diferencia da restrição por advir de uma causa exterior: a história. Conforme o ES, tanto os usos de uma mesma palavra ao longo do tempo quanto as causas históricas levam à ampliação de sentido.

Outro ponto importante da ampliação de sentido é o fato de ela ser explicada via extensão do contexto de uso da palavra. Bréal analisa alguns casos de ampliação e, em um deles, nota que o significado original de uma lexia[5] havia sido totalmente alterado. É esse o

[5] Devido à dificuldade de se definir o que é uma palavra, utilizaremos, neste trabalho, os termos "lexia" e "unidade lexical" como equivalentes àquele. A concepção de "lexia" que tomamos aqui é a de Dubois et al (2014, p. 339): "a unidade funcional significativa do discurso. A lexia simples pode ser uma palavra [...]. A lexia composta pode contar várias palavras".

caso de *Pferd*, palavra alemã, emprestada da Idade Média, e que designava o cavalo reserva, até ser ampliada a diversos contextos e suplantar *Ross* como "cavalo".

Segundo ele, isso ocorre, pois quando uma palavra é criada, o é segundo as condições singulares do momento de uso. Em outras circunstâncias, no entanto, o sentido pode ser alterado, pois os falantes estão preocupados com o fazer-se compreender. Isso, para ele, é o desenvolvimento da linguagem: "o progresso para a linguagem consiste em libertar-se sem violência de suas origens" (BRÉAL 2008, p. 90). Essa explicação auxilia na motivação de considerarmos interessante denominar os fenômenos de mudança semântica como recontextualização, visto que não somente a palavra se altera, mas também seu contexto de uso.

De forma a elucidar o papel da vontade humana, o ES apresenta o princípio de que, no ato comunicativo, falante e ouvinte promovem uma espécie de contrato momentâneo que os autoriza a ajustarem as palavras para aquela circunstância. Em outras palavras: "a restrição ocorre porque o falante usa uma palavra sentindo-a ajustada à sua intenção e o ouvinte, compreendendo a intenção de quem fala, ajusta automaticamente o sentido proposto ao significado da palavra usada" (SEIDE, 2006, p. 79).

Posteriormente, o conceito de metáfora apresentado por Bréal é o de resultado de uma semelhança entre dois objetos ou atos. Ele afirma que esse fenômeno altera instantaneamente o sentido das palavras, diferentemente da ampliação de sentido, que é lenta e gradual. Assim, a metáfora é uma imagem criada a partir da união de conceitos similares, e "se torna uma representação da idéia apenas mais colorida que a palavra própria" (BRÉAL, 2008, p. 91).

O ES apresenta, ainda, duas interessantes considerações a respeito da metáfora. A primeira reside no fato de que tal processo revela o gênio do povo que o cria, uma amostra real da cultura daquele povo por meio da linguagem. O segundo ponto recai sobre o fato de ser a metáfora a excelência do poder da ação individual sobre a língua. Ela surge em uma cabeça, em determinado ato comunicativo, e tem o poder de se tornar a imagem de um povo, propriedade comum.

A fim de exemplificar cada caso, iniciaremos com metáforas latinas apresentadas por ele, como os verbos *putare* e *reputare*. Inicialmente, *putare* significava "podar" e, através da metáfora, teve sentido de "calcular". Logo depois, também por metáfora, passou a significar "pensar", significado do segundo verbo, *reputare*. Assim, a moral latina do povo romano pode ser depreendida através desse fenômeno, indicando que, para eles, pensar é calcular.

Outro fenômeno de mudança semântica exposto no ES é o espessamento de sentido. Segundo Bréal, ele ocorre quando uma palavra que designa um conceito abstrato passa a

nomear um objeto material, tendo seu sentido concretizado. Baseado em seus exemplos, o linguista francês demonstra que esse processo é extremamente frequente e antigo em diversas línguas, como o sufixo feminino *-tis* latino, presente em *vestis*, que forma nomes de ação (*vestis* = ação de vestir). Tal ação, abstrata, passou a designar o objeto concreto, isto é, as vestes propriamente.

Por fim, Bréal dedica um capítulo para o termo polissemia, o qual consiste na multiplicação de significados em palavras: "essa multiplicação [...] decorre de o sentido novo conviver com o antigo e poder ser causado pela metaforização, pela concretização, pela abstração, pela extensão, pela restrição de sentido, ou ainda por eventos externos à linguagem" (SEIDE, 2006, p. 89).

A polissemia, segundo ele, é a prova da extensa atividade intelectual e social de uma civilização, capaz de conferir a uma mesma palavra diversos sentidos em diversos contextos de uso distintos. É esse o caso de *maturus*, do Latim, que se referia às coisas matinais, e possuiu, posteriormente, o sentido de "maduro" e, até mesmo, "idoso". Portanto, vê-se que, para o autor do ES, a criação de novos sentidos não necessariamente elimina os sentidos antigos de uma palavra, permitindo a convivência deles.

Essa postura por parte de Bréal vai ao encontro da sua tese de que a vontade humana determina o sentido da palavra, bem como a de que há uma espécie de contrato entre os participantes da interação: "Perguntar-se-á como esses sentidos não se contradizem um ao outro. Mas é preciso atentar que as palavras são colocadas cada vez num meio que lhe determina antecipadamente o valor" (BRÉAL, 2008, p. 104). Assim, para Bréal, não há ambiguidades decorrentes da polissemia de palavras, já que na consciência do falante a situação determina o sentido, enquanto o ouvinte antecipa esse sentido através do contexto de uso, restringindo a possibilidade de uma contradição.

A ilustração desse caso ocorre com *Clef*, "chave" para os mecânicos e "clave" para os músicos, ou *Racine*, "raiz" na agricultura, "cálculo" na matemática ou "um tipo de morfema", na linguística Todos esses significados convivem em harmonia na palavra.

A teoria brealina da polissemia, conforme notou Seide (2006), adota uma postura diferente das teorias posteriores a respeito desse fenômeno. A autora afirma que, não havendo ambiguidade no uso de palavras com mais de um sentido, é possível afirmar que, na concepção de Bréal, uma nova acepção equivaleria a uma nova palavra.

No entanto, os estudos contemporâneos da Semântica não consideram que, quando ocorra polissemia, haja uma nova palavra. Pelo contrário, a partir do desenvolvimento da disciplina, cada vez mais se constatou que a polissemia não cria uma nova palavra. Outro

fenômeno, denominado homonímia, seria o que geraria uma nova palavra a partir de uma já existente. Ainda assim, Bréal (2008) não fala em homonímia, e pode ser que ele tenha incluído em seu estudo os dois fenômenos sobre o mesmo nome, qual seja, polissemia.

Nas próximas subseções, exploraremos a teoria Semânticas pós-estruturalista de Ullmann, e outra mais recente que desenvolveru o estudo da mudança de significado e obtiveram resultados tão interessantes quanto os do ES, a de Muñoz Núñez.

3.3 A recontextualização de palavras segundo Ullmann

A teoria de Stephen Ullmann é uma das mais completas, inovadoras e influentes no estudo da Semântica. O autor adota, em sua teoria, uma visão estruturalista da língua, mas sem se deter apenas no estudo de Saussure (SEIDE, 2006). Ele utiliza, ainda, as influências anteriores, como as de Bréal, Bloomfield e Sapir, para desenvolver suas ideias. Seu livro, intitulado *Semântica: uma introdução à ciência do significado*, publicado pela primeira vez em 1962, apresenta diversos apontamentos a respeito da mudança de significado, da consolidação da Semântica como ciência da Linguística, além de temas que pouco ou nada haviam sido desenvolvidos, como a noção de campo semântico. Aqui, iremos expor parcialmente os pilares de sua pesquisa, como a forma que ele compreende o estudo dos significados e os fenômenos de que tratou, focalizando, principalmente, a mudança de significado em unidades.

Inicialmente, Ullmann considerava que o estudo de Bréal havia sido essencialmente histórico, focalizando apenas as mudanças de significado, explorando suas causas e formulando leis para esse processo. Conforme o próprio autor observa, antigos pensadores, como Platão e Cícero, já haviam se preocupado com tal questão, e feito essa observação. Esse tipo de abordagem se alterou, de acordo com ele, principalmente com o desenvolvimento da Linguística no século XX.

A abordagem de Ullmann, portanto, será pautada no uso da língua, afirmando que "o significado de uma unidade só se pode averiguar pelo estudo de seu uso" (ULLMANN, 1973, p. 140). Para o autor, portanto, o contexto determinará o significado da lexia, e sua relação com as outras palavras no uso irá auxiliar na identificação do sentido.

A postura adotada por Ullmann frente ao estudo do significado da palavra – que ele chamará *a Semântica* propriamente – será a que leva em consideração o triângulo semiótico proposto por Ogden e Richards, e apresentado no item 3.1. Retomando tal conceito, esses autores afirmam que o signo linguístico é constituído pela união do significante e do

significado, conforme postulava Saussure, com o referente extralinguístico. Sobrelevamos, ainda, o fato de a relação entre o significante e o referente ser inexata e indireta, não dependendo uma da outra.

A visão de considerar que o significado de uma palavra dependerá do seu sentido no contexto de uso é essencialmente estruturalista, conforme o desenvolvimento dessa corrente da Linguística. Além disso, ela vai ao encontro do que outros estudiosos contemporâneos de Ullmann consideravam no estudo da língua, em relação à verificação do sentido.

Segundo ele afirma, essa concepção de significado começou a tomar forma em 1953 com Wittgenstein, com a publicação póstuma de *Philosophical Investigations*. Tal autor considerava que "o significado de uma palavra *é* o seu uso" (ULLMANN, 1973, p. 135). A partir disso, Wittgenstein desenvolve conceitos relacionando a língua a instrumentos, a fim de comprovar sua teoria e exemplificar que ela é um sistema estrutural, tal como havia sido proposto e comprovado por Saussure.[6]

Outro ponto interessante no qual a teoria do significado de Wittgenstein se relaciona com a estrutural de Saussure é considerar o valor das unidades pela sua relação com as outras unidades. Assim, considerar o significado de uma lexia por meio de seu valor contextual é levar em conta sua relação com a estrutura da oração e com as outras unidades do sintagma, além de considerar a vontade de quem a utilizou. Essa visão implica, portanto, as noções de valor, de sintagma e paradigma, bem como de substituição: é possível determinar o valor de um fonema o substituindo por outro no mesmo contexto; será possível, também, determinar o valor (significado) de uma palavra pela sua substituição por outra no mesmo contexto.

A fim de complementar essa ideia, outros autores como Guiraud (1975) e Benveniste (2006) também consideravam que o significado de uma unidade só pode ser determinado contextualmente, através de seu uso, levando em conta sua relação com o sistema. A esse respeito, afirma Guiraud:

> As palavras não têm sentido, elas têm apenas empregos. [...] O sentido, tal como nos é comunicado no discurso, depende das relações da palavra com as outras palavras do contexto, e tais relações são determinadas pela estrutura do sistema lingüístico. O sentido, ou antes, os sentidos de cada palavra, são definidos pelo conjunto dessas relações, e não por uma imagem da qual ele seria portador. [...] Essa visão decorre da noção saussuriana de *valor*, da relação do signo com as outras formas da língua [...]. (GUIRAUD, 1975, p. 26, grifo do autor).

[6] Nesse ponto, Ullmann lembra que Saussure havia feito a mesma analogia e comparado a língua a um jogo de xadrez, em que as peças possuem valores conferidos por meio da relação entre elas e o jogo.

Esse autor, em sua obra *A Semântica*, também leva em consideração o triângulo semiótico para compreender a noção de signo, aproximando algumas de suas ideias com as de Ullmann. Do mesmo modo, ele considera que para cada unidade há um sentido de base e um sentido contextual, que não se superpõem no uso, desfazendo qualquer possibilidade de ambiguidade. Essa visão vai ao encontro da proposta por Bréal, anteriormente discutida.

Benveniste (2006), por sua vez, já considerava algumas diferenças em relação aos outros autores. Ainda assim, a título de exemplificação, vale mencionar a distinção que ele faz entre Semântica e Semiótica. Para ele, essa se caracterizaria como o sentido reconhecido, que poderia ser definido pela afirmação ou negação "tem sentido" ou "não tem sentido". Em termos Semióticos, pouco importa definir qual o sentido de uma unidade, mas sim o reconhecimento, sem história nem contexto. O sentido semântico, por outro lado, é definido do encadeamento, da relação do uso, do contexto, da história. É o uso da unidade que determina isso, e sua relação estrutural com o sistema da língua: "o sentido das palavras, por seu turno, se determina em relação ao contexto de situação"[7] (BENVENISTE, 2006, p. 232-233). Mais uma vez, tal noção se relaciona com o que Ullmann propõe.

Ainda conforme afirmava o autor, a imprecisão do significado das unidades decorre do fato de elas terem "um certo número de facetas diferentes que dependem do contexto e da situação em que são usadas, e também de personalidade da pessoa que ao falar as usa" (ULLMANN, 1973, p. 257). Vê-se, assim, que Ullmann sofre a influência da teoria estruturalista desenvolvida a partir da segunda metade do século XX, segundo a qual o significado depende do uso, do contexto, e da vontade humana. É uma teoria que complementa a de Bréal nesse ponto, mas se difere dela ao considerar o uso propriamente, e excluir parcialmente a evolução histórica. Dizemos parcialmente visto que Ullmann ainda é considerado um autor que faz análises históricas em matéria Semântica, apesar de se diferenciar do enfoque que dava Bréal, por exemplo.

Desse modo, voltando a atenção ao fenômeno da recontextualização de palavras segundo Ullmann, nota-se que o linguista dividiu alguns fenômenos e os explorou. Ele tratou a respeito da polissemia e da homonímia no capítulo sobre ambiguidade, e dedicou uma seção para a mudança de significado em unidades lexicais. É interessante notar que a divisão dos

[7] Segundo Benveniste (2006), o contexto de situação é o emprego da palavra, sua utilização linguística que lhe confere sentido. Nas palavras do próprio autor: "O sentido de uma palavra consistirá na sua capacidade de ser integrante de um sintagma particular e de preencher uma função proposicional" (BENVENISTE, 2006, p. 232). Os signos, por si só, não possuem sentido, mas devem "ser utilizados como "palavras" para noções sempre particulares, específicas, circunstanciais, nas acepções contingentes do discurso" (BENVENISTE, 2006, p. 233).

dois fenômenos – polissemia e homonímia – por parte do autor consiste na principal diferença entre sua teoria e a postura de Bréal, que não os distinguia.

Por outro lado, ambos afirmavam o papel do contexto na mudança de significado. Vemos, a partir de Ullmann, que as palavras não se atualizavam isoladas de um contexto, mas pertencentes a ele, sempre levando em consideração o fato de que, muitas vezes, esse era quase que inteiramente responsável pela mudança de significado.

Dessa forma, ao tratar sobre a ambiguidade, Ullmann afirma existirem três formas de ocorrência desse fenômeno, dentre os quais o fator lexical é o mais importante e o que ele explorou a fundo. Inicialmente, ele afirma que a polivalência significativa das palavras pode tomar duas formas diferentes: na primeira, uma mesma palavra possui dois ou mais significados diferentes, fenômeno que ele denomina por polissemia, como o substantivo inglês *board*, cujos significados são "tábua", "mesa", "tabuleiro"; na segunda, duas ou mais unidades se assemelham quanto ao som, constituindo a homonímia, como *mean*, "meio" ou "inferior". A partir disso, o linguista passa a explorar os dois processos.

Inicialmente tratando da polissemia, Ullmann examina cinco causas para sua ocorrência, apresentando diversos exemplos de usos em diferentes línguas. A primeira fonte que ele apresenta é intitulada *mudanças de aplicação*. Segundo ele, a depender do contexto em que são utilizadas, os sentidos das palavras apresentam aspectos diferentes. Como era de se esperar, essa afirmação do autor vai ao encontro da teoria estruturalista que influenciou seu pensamento, bem como se assemelha ao que propunha Bréal sobre o espessamento de sentido, conforme tratamos no item 3.2. É o caso de *handsome*, usado em 11 diferentes sentidos, a depender do contexto: referindo-se às pessoas ("apto", "adequado" e "belo"), aos objetos ("fácil de manejar", "de tamanho regular", "belo" e "ajustado"), às ações ("apropriado") e à conduta ("adequado", "galante" e "generoso").

Uma segunda causa de polissemia, segundo o linguista húngaro, seria a *especialização num meio social*. Ela consiste em, quando para uma mesma palavra houver diferentes sentidos, cada um será aplicável a determinado meio especializado. Essa causa se assemelha a primeira, isto é, o sentido da unidade depende de seu contexto de uso, mas difere dele por considerar apenas o contexto extralinguístico, o meio social. Em diversas vezes, a utilização de uma palavra por um grupo social específico é causadora desse processo, visto que determinado significado fica ligado a tal grupo ou meio em que foi utilizado pela primeira vez. *Action* é uma dessas palavras, pois no meio jurídico tem sentido de "ação legal", enquanto no meio militar pode ser "operação" ou "aviso para agir".

A terceira fonte apontada por Ullmann para a multiplicação de significados seria a *linguagem figurada*. Ele afirma que, por influência da tonalidade emotiva e do fenômeno da metáfora, "uma palavra pode adquirir um ou mais sentidos figurados sem perder o seu significado original: o velho e o novo viverão lado a lado, desde que não haja possibilidades de confusão entre eles" (ULLMANN, 1973, p. 336). Esses sentidos figurados surgem a partir do sentido central da unidade, derivam a partir dele, porém, abrem outras possibilidades significativas. O exemplo fornecido pelo linguista é *eye*, que não apenas designa "olho", a parte do corpo, mas a partir dele outros significados figurados surgiram, tais como "centro (de uma flor, de um objeto, de uma batata)", "abertura em uma fonte", "núcleo", entre outros.

Nota-se, a partir da explicação dessa causa de polissemia, como o tratamento desse fenômeno na teoria estrutural de Ullmann sofreu a influência da postura brealina. Isso porque as três primeiras fontes de polissemia por ele apresentadas se aproximam do que Bréal havia proposto no final do século XIX a respeito desse processo. Novamente, aqui, Ullmann demonstra a importância das ideias do pai da Semântica para o desenvolvimento dos estudos do significado.

Além das semelhanças teóricas entre o espessamento de sentido de Bréal com a mudança de aplicação de Ullmann, pode-se aproximar o que o linguista francês afirmou sobre não haver ambiguidades entre palavras polissêmicas, pois a vontade humana e o contrato social estabelecido entre falante e ouvinte eliminam tais possibilidades, com o que Ullmann afirmou a respeito da linguagem figurada.

A quarta causa de polissemia que o autor apresenta é chamada de *homónimos reinterpretados*. Segundo ele afirma, a semelhança fônica de duas palavras configura casos de homonímia, mas quando a diferença de significado entre elas não é grande, há uma tendência dos usuários da língua de as considerar polissêmicas, como ocorreu com *ear*, "orelha" e "espiga de cereal". Essa postura de Ullmann pode ser considerada inovadora, visto que, na época em que desenvolveu sua teoria, eram consideradas homônimas as unidades provindas de etimologias distintas, mesmo que elas possuíssem significados próximos. Apenas no início do século XX consolidou-se considerar o critério semântico para a divisão dos homônimos, ou seja, se duas unidades de étimos distintos possuem sentidos similares, elas são consideradas polissêmicas.

Ainda assim, vê-se que Ullmann observava a tendência dos usuários da língua em tornar possível essa postura, quando ele afirma: "Historicamente são casos de homonímia uma vez que os dois termos provêm de origens diferentes; mas o locutor moderno, desconhecedor

de etimologias, estabelecerá uma relação entre eles sobre bases puramente psicológicas" (ULLMANN, 1973, p. 340).

Por fim, a quinta e última fonte de polissemia considerada pelo semanticista é a *influência estrangeira*. De acordo com ele, isso ocorre quando o sentido de uma palavra é emprestado de uma língua e altera o de outra já existente nessa. Esse processo, também conhecido por "empréstimo semântico", tem lugar principalmente quando há um contato íntimo entre as línguas. Foi o que ocorreu com *parlement*, lexia francesa que possuía sentido de "falar", passou a designar, ainda nessa língua, "tribunal judicial" e, quando em contato com o inglês, sofreu influência até adquirir o sentido de "assembleia legislativa".

A fim de concluir o assunto a respeito da polissemia em Ullmann, ressaltamos como a teoria desenvolvida pelo linguista foi intensamente influenciada pelas ideias brealinas, quando ele adota, a propósito do fenômeno da polissemia, uma postura que a defende e vai ao encontro do que Bréal propunha:

> Uma breve reflexão mostrará que, longe de ser um defeito na língua, a polissemia é uma condição essencial da sua eficiência. Se não fosse possível atribuir diversos sentidos a uma palavra, isso corresponderia a uma tremenda sobrecarga na nossa memória [...]. A polissemia é um factor inapreciável de economia e flexibilidade da língua. (ULLMANN, 1973, p. 347).

A respeito da homonímia, por outro lado, Ullmann afirma ser esse processo bem menos comum e complexo do que a polissemia, apesar de ser fonte inesgotável de evolução linguística. Ele distingue, para esse fenômeno, três causas: a primeira, denominada *convergência fonética*, trata exatamente do fato de as mudanças fonéticas coincidir na forma falada e muitas vezes na escrita duas palavras outrora diferentes. Há diversos casos apresentados pelo autor, de diferentes línguas, como *meal*, do inglês, que significa tanto "farinha" quanto "refeição", escritas da mesma forma, mas com origens totalmente distintas.

A segunda fonte é a que nos interessa para o presente estudo. Denominada *divergência semântica*, Ullmann a apresenta da seguinte forma: "quando dois ou mais significados da mesma palavra se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles, a polissemia dará lugar à homonímia" (ULLMANN, 1973, p. 368). Novamente, nota-se a inovação na postura do semanticista, que já adotava o sentido como definidor de critérios na separação desses dois processos. Assim, deixa-se de lado o critério etimológico para adotar o semântico e considerar o fenômeno da homonímia dada a dissemelhança entre os significados da palavra. O exemplo que o semanticista nos fornece é *pupil*, cujos significados "pupila de olho" e "discípulo" são distantes em termos semânticos.

A terceira e última fonte de homonímia, para Ullmann, é a *influência estrangeira*. Diferente do processo assim denominado na polissemia, para a homonímia a influência estrangeira ocorre quando uma palavra é emprestada de outra língua e adaptada ao novo sistema fonético em que está incluída. Assim, dependendo de sua forma fonética, ela poderá coincidir com outros lexemas já pertencentes ao sistema, gerando homonímia pela convergência fonética. O exemplo de *gate*, do inglês "porta" e *gate* do escandinavo "gata" exemplifica o caso.

Com o propósito de concluirmos as considerações de Ullmann sobre os homônimos, sobrelevamos o fato de ele, novamente, considerar o contexto como fator decisivo para a interpretação das unidades. Conforme Palmer (1936 *apud* ULLMANN, 1973, p. 376): "a homonímia só causa perturbações linguísticas quando ocorre entre palavras que em determinados contextos causariam equívocos".

Em um capítulo intitulado *mudança de significado*, o autor tratou das causas desse processo, além de explicar alguns fenômenos como a metáfora, a metonímia e a elipse. Nota-se que a teoria Semântica de Ullmann buscava dividir os fenômenos e relacioná-los conforme as semelhanças que apresentavam, conferindo certa ligação entre eles, com diferenças de ocorrência.

Segundo o que o semanticista buscava argumentar, o nível semântico é o que menos resiste à mudança linguística, e elenca as causas dessa afirmação. Para o autor, são seis as principais causas da mudança de significado. Para os objetivos deste trabalho, apenas as três primeiras causas são relevantes.

A primeira causa de mudança semântica, de acordo com Ullmann, são as *causas linguísticas*. Esse conceito em muito se aproxima ao que Bréal denominou *contágio*, isto é, algumas palavras sofrem associações por parte dos falantes por ocorrerem frequentemente em um mesmo contexto, sendo o sentido de uma transferido para outra. Novamente, observa-se a influência da teoria brealina sobre as ideias da Semântica estrutural de Ullmann. O exemplo desse autor é a negativa em francês; ele afirma que algumas palavras, como *rem*, "coisa" em latim, por ter sido muito usado com a negativa *ne* do francês, passou, por si só, a designar "nada", pelo contágio.

O segundo fator elencado pelo autor são as *causas históricas*. Esse fator, afirma ele, ocorre devido à evolução social que não é acompanhada pela língua. Dito de outro modo, determinados objetos, instituições, conceitos ou ideias de uma cultura se alteram, mas a forma linguística que os nomeava permanece. No entanto, essa lexia muda seu significado, de forma a nomear outra realidade próxima ao que designava anteriormente. É o caso da palavra *car*,

que no latim *carrus* designava "veículo de quatro rodas", apesar de não haver semelhança daqueles veículos com os atuais. Ainda assim, a forma linguística permaneceu a mesma.

A terceira causa de alteração de significado apresentada por Ullmann são as *causas sociais*. Ele afirma que a passagem de uma palavra de uma linguagem mais restrita para uma mais ampla, ou o contrário, gera consequências de sentido na unidade. Ele chama esses processos, respectivamente, de generalização e especialização.

Os exemplos dados são claros. Da especialização, ele apresenta a palavra latina cubare, que significava "reclinar-se", mas foi adotada, no francês, no âmbito rural, e hoje apenas o significado desse meio predomina, qual seja, "chorar". De generalização, há a mudança da palavra *haggard*, que se referia, na área da caça, ao "falcão adulto, indómito", mas passou a significar "rebelde" quando fez parte da língua vulgar. Analisando as explicações que ele fornece, são ideias realmente próximas do que Bréal denominou espessamento e restrição de sentido, no entanto focalizando apenas o fator social, extralinguístico.

Outras causas, para Ullmann, são as psicológicas. Ele afirma que, em diversos casos, as mudanças de significado ocorrem por alterações no estado de espírito do usuário da língua, ou por algum aspecto de sua índole mental. É com base nessa crença que o autor desenvolve estudos que utilizam o valor emotivo das palavras como centro, destacando que determinadas lexias possuem e exprimem sentimentos e/ou estados mentais. Baseado nisso, ele separa essa causa psicológica em dois grupos: fatores emotivos e palavras-tabu. De forma breve, ele demonstra que quando determinado tema ou assunto está em nossa mente de forma emotiva, tendemos a criar metáforas ou comparações para falar dele, visto que constantemente estamos tratando do assunto. Essa constância nos faz inovar o sistema linguístico no significado das lexias.

O exemplo desse fato é a expressão francesa *vray comme la messe* ("verdadeiro como a missa"), que revela o espírito do século XVI do país, em que a religião predominava. O tabu, por sua vez, consiste em palavras que são proibidas de serem ditas em qualquer situação comunicativa, seja porque tratam de assuntos delicados, seja por serem pouco exploradas culturalmente. Essa proibição faz com que os falantes busquem outros meios de expressar e tratar o assunto, alterando o sentido de unidades lexicais. É o caso de *silly*, do inglês, que significava "feliz, bendito", mas passou a ser usado como sinônimo de *idiot* ("idiota"), pois essa lexia se tornou tabu.

A penúltima causa de mudança é a *influência estrangeira*. Diz Ullmann que, baseados em modelos de línguas estrangeiras, os falantes tendem a utilizar regras e palavras

estrangeiras para inovarem o sistema linguístico. É o caso da unidade inglesa *bear*, "urso", que encontra correspondência no francês *ourse*, italiano *orsa*, espanhol *osa* e alemão *bär*, os quais designam "constelação" (Ursa maior; Ursa menor). Assim, em inglês, passou-se a usar *bear* também com esse sentido, remontando às línguas europeias.

Enfim, outro fator de mudança de significado apontado pelo semanticista é a *necessidade de um novo nome como causa da mudança semântica*. Ela ocorre quando uma nova realidade, objeto ou ideia novas são cunhadas, há a possibilidade de alterar o significado de uma palavra já existente, extendendo-o, restringindo-o ou alterando completamente, a fim de designar esse novo conceito. Um dos exemplos fornecidos pelo autor é o da palavra "torpedo", a qual, em latim, que provém da mesma raiz de *torpor*, significava "dureza". Por transferência de sentido, tal palavra começou a ser usada para designar a "tremelga" ou "raia elétrica", pela rigidez do corpo desse peixe. A partir disso, quando, na segunda metade do século XVIII foi inventada uma nova arma submarina, utilizou-se o mesmo nome "torpedo" para designá-la, tanto em inglês como noutras línguas.

Contudo, para todos esses fatores, o semanticista húngaro reitera que deve sempre haver uma associação entre o significado antigo, principal, e o novo, derivado (ULLMANN, 1973). De qualquer forma, ele afirma: "a associação pode ser considerada uma condição necessária, um *sine qua non* da mudança semântica" (ULLMANN, 1973, p. 438).

A fim de finalizarmos as considerações a respeito da teoria Semântica de Ullmann, iremos expor agora o que o autor afirmou a respeito de três fenômenos: a metáfora, a metonímia e a elipse. A metáfora, segundo ele, ocorre devido a semelhança de sentidos entre duas unidades. Ele afirma, ainda, haver uma estrutura básica para a metáfora, na qual dois termos[8] se unem por um traço que os assemelha. Assim, por meio desse traço em comum, a metáfora é uma comparação não-exposta, que relaciona implicitamente esses dois termos por meio dessa característica similar. O exemplo do autor é a palavra *musculus*, do latim, cujo significado "ratinho" convivia com outro, "músculo", pela semelhança visual que um músculo tinha com um rato, quando grande.

A metonímia, por sua vez, é uma contiguidade de sentidos. O semanticista afirma ser esse fenômeno menos interessante do que a metáfora, visto que nele não surgem relações novas entre lexias, mas apenas o sentido se expande entre unidades já associadas, isto é, há a transferência do significado de uma lexia para a outra. Foi o caso da palavra *greve*, "greve", em francês. Inicialmente, tal palavra era apenas o nome de uma praça em Paris, *Place de*

[8] A palavra "termo" é empregada pelo próprio autor. Decidimos, por coesão à sua teoria, mantê-la. Não pretendemos, aqui, remeter à terminologia, pelo uso de tal palavra.

Grève, onde os operários se reuniam após o trabalho. Ali, conversavam e se conheciam e, muitas vezes, tramavam revoltas e paralisações. Assim, o nome da praça se tornou o nome da ação deles.

Apesar de ser diferente da metáfora, a metonímia é também muito produtiva na mudança de significado, afirma Ullmann. Os tipos de relações metonímicas podem ser espaciais, temporais, e até mesmo de conferir um significado concreto para lexias abstratas, processo que já havia sido identificado e explicado por Bréal como *adensamento de significado*.

Finalmente, o fenômeno da elipse é apresentado por Ullmann como sendo uma contiguidade de nomes. Segundo ele, quando duas ou mais palavras aparecem repetidamente juntas, elas exercem influência semântica entre si, e o sentido de uma pode ser transferido para a outra. Para a ocorrência da elipse, portanto: "numa frase feita constituída por suas palavras, omite-se uma delas e transfere-se o seu significado para a companheira" (ULLMANN, 1973, p. 463). O caso do contágio se relaciona com esse, sendo o exemplo da negação francesa também um exemplo de elipse.

Em suma, o que Ullmann buscou evidenciar com a exploração desses fenômenos de mudança de significado é a importância deles para o desenvolvimento da língua. Segundo o que o semanticista afirma, os fenômenos ligados ao sentido, como a metáfora e a metonímia, são de extrema importância e inerentes à estrutura linguística, sendo inconcebível a existência de uma língua que não os explore. O processo ligado ao nome, isto é, a elipse, já é limitado, sendo possível de não ser tão utilizado.

Portanto, foi possível observar, a partir do estudo da Semântica desenvolvida por Stephen Ullmann, que a nova visão estruturalista, que ganhou força a partir da segunda metade do século XX, parece ter explorado e dividido novos fenômenos e novos caminhos para a exploração dos fenômenos que aqui englobamos sob a denominação recontextualização de palavras. Ainda assim, a importância conferida ao semanticista francês Michel Bréal é demasiada, pois muitos dos processos aqui explicados já haviam por ele sido identificados, quando não estudados. Em particular da obra de Ullmann, é notável a referência aos estudos de Bréal sempre que possível, muitas vezes citando exemplos e denominações que o pai da Semântica havia elaborado ainda no final do século XIX.

3.4 A recontextualização de palavras segundo Muñoz Núñez

O último estudo que utilizamos a fim de nortear a pesquisa sobre a recontextualização de palavras é o de Muñoz Núñez (1999). A obra dessa autora apresenta uma completa e objetiva análise a respeito da mudança de significado, notadamente os fenômenos da polissemia léxica e da homonímia, apresentando um percurso histórico – inclusive com referências tanto a Bréal quanto a Ullmann - e delimitando conceitos de acordo com as noções contemporâneas de Linguística.

É importante ressaltar que a autora não se propõe a dar uma definição de polissemia. O que ela propõe, por outro lado, é traçar um panorama histórico, apresentando diversas concepções de diversos autores relevantes à Linguística.[9]

Logo de início, o percurso histórico a respeito dos estudos sobre a mudança de significado é traçado, através de uma relação com o desenvolvimento do conceito de signo linguístico. A autora apresenta todas definições de signo, desde Saussure até o triângulo semiótico de Ogden e Richards, além das adaptações feitas a esse último modelo por Ullmann, Baldinger e Heger. Ela afirma que o primeiro semanticista, do qual tratamos na seção anterior, foi o primeiro a apresentar uma adaptação consistente do triângulo semiótico.

Nota-se, assim, que os conceitos trabalhados pela autora serão o de polissemia e homonímia, lançando mão desse histórico a fim de defini-los. Dessa forma, o estudo empreendido por Muñoz Núñez (1999) diferencia os dois fenômenos por critérios etimológicos e semânticos, complementando a teoria de Ullmann, que já havia exposto as diferenças entre os dois processos. Este autor, de fato, já havia analisado que a polissemia e a homonímia se diferenciam desde suas origens até suas consequências.

Posteriormente, a autora apresenta duas concepções distintas de entender a polissemia léxica dentro de uma teoria do signo linguístico: as concepções assimétrica e simétrica. A primeira supõe uma ruptura entre a relação biunívoca entre o significante e o significado, enquanto a segunda nega tal ruptura (MUÑOZ NÚÑEZ, 1999).

Essas duas concepções levaram alguns teóricos da Semântica estrutural às definições dos conceitos de polissemia e de homonímia, segundo a autora. Indubitavelmente, a conceituação desses fenômenos dependia diretamente de qual concepção o semanticista adotava. Segundo Muñoz Núñez (1999), para o primeiro deles, B. Pottier, por exemplo, que se enquadra na concepção assimétrica, a polissemia supõe a existência de um único signo linguístico com vários significados, ao passo que na homonímia há dois ou mais signos distintos, coincidentes no significante.

[9] Por esse mesmo motivo, a maioria dos nomes de semanticistas e lexicólogos que serão citados nesta seção foram mencionados na obra de Muñoz Núñez (1999), não tendo sido consultados no original.

Postura semelhante é adotada por Palmer, Lyons e Mignot, afirma Muñoz Núñez (1999). Esse último semanticista, por sua vez, considera que, em casos de homonímia, estamos diante de mais de um signo, enquanto na polissemia estamos diante de mais de um significado, sejam eles relacionados ou não.

Por outro lado, autores como Coseriu e Salvador adotam a concepção simétrica do signo linguístico. Para o primeiro autor, com a polissemia estamos diante de uma série de variantes determinadas pelos contextos, e tanto esse fenômeno como a homonímia e a homofonia formam unidades linguísticas funcionais, isto é, conteúdos linguísticos ou signos distintos. Conforme afirma a autora, na concepção de Coseriu: "à mesma unidade funcional, a um único significado, agregam-se várias determinações pelo contexto e pela designação" (MUÑOZ NÚÑEZ, 1999, p. 41-42, tradução nossa).[10]

Já Salvador, da mesma forma que Coseriu, emprega tanto polissemia quanto homonímia para se referir à série de signos linguísticos diferentes que têm a propriedade de coincidir no significante, diante da polivalência das unidades na fala.

Por fim, a respeito da concepção simétrica dos signos linguísticos, Muñoz Núñez (1999) apresenta a teoria de Trujillo, a qual nos parece – e também para a autora – a que mais soluciona o problema levantado. Segundo esse semanticista, tanto nos casos de polissemia quanto de homonímia não há signos distintos coincidentes no significante. Para ele, o significante não se resume apenas à sequência fônica expressa pela unidade, mas sim eixos sintático-semânticos distintivos, característicos de cada signo. Quer dizer, o significante se associa ao significado, e é distintivo como qualquer outro procedimento linguístico. Dessa forma, os fenômenos supracitados de mudança de significado nada mais são, para esse autor, significados distintos ligados a significantes distintos.

Assim, feita essa delimitação dos conceitos e diferentes concepções de polissemia e homonímia, dependendo da abordagem acerca do signo linguístico, Muñoz Núñez (1999) passa a definir a polissemia léxica. Ela afirma, inicialmente, que mesmo esse estudo remontando à antiguidade clássica, é com Bréal que o termo e as primeiras análises desse assunto surgem no âmbito semântico. Por essa mesma razão é que iniciamos nosso estudo pela teoria brealina, considerada basilar em investigações acerca da mudança de significado.

Apesar da imensa contribuição que o semanticista francês forneceu a respeito da polissemia, a autora afirma que ele não fornece, em todo seu manual de Semântica, uma definição explícita sobre o fenômeno, de forma que devemos deduzi-la a partir de seu

[10] "En tal caso, a la misma unidad funcional, a un solo significado, se le añaden varias determinaciones por el contexto y por la designación" (MUÑOZ NÚÑEZ, 1999, p. 41-42).

progresso teórico. Além disso, ela afirma que o tratamento de Bréal se reduz ao estudo das fontes de produção da polissemia, e que não há qualquer menção de diferenciação entre ela e a homonímia, conforme evidenciamos na seção 3.2.

Após o dedicado estudo de Bréal, Muñoz Núñez (1999) afirma que foi com Nyrop que primeiro se realizou um estudo separado da polissemia e da homonímia, falando explicita e separadamente de cada um desses processos. Para esse autor, a polissemia é entendida como a relatividade de significado das unidades. Assim, qualquer lexia possui um significado principal, mas quando aparece isolada, pode possuir também muitos significados ocasionais, dependendo das demais palavras que a cercam no contexto, bem como da classe social do falante.

Ainda, além desse desenvolvimento mais geral, o autor, segundo Muñoz Núñez (1999) define especificamente a polissemia como o fenômeno da multiplicidade dos significados das palavras. Em contrapartida, Nyrop considera homônimas as unidades que são pronunciadas ou escritas da mesma maneira, e apresentam ou significado ou origem diferentes. Em resumo, na polissemia estamos diante de uma única palavra, ao passo que na homonímia há a existência de duas ou mais de origem ou significado diferentes.

Nota-se, portanto, a primeira menção ao critério etimológico de diferenciação entre polissemia e homonímia. Isso levou Nyrop a diferenciar, em sua obra, entre homônimos etimológicos e semânticos. Isso porque o autor acreditava que o critério etimológico bastaria para diferenciar unidades polissêmicas e homônimas. Contudo, sua divisão das palavras em grupos se provou contraditória, ao passo que, para um grupo – a saber, palavras de mesma origem e ortografia idêntica – apenas o critério semântico surtiria efeito de diferenciação de lexias. De forma clara, quando duas unidades de mesma origem e ortografia possuem significados totalmente distintos entre si, apenas uma reflexão Semântica poderia explicar tal ocorrência. Tal reflexão também fez com que Muñoz Núñez (1999) explicasse o critério semântico para a classificação e conceituação da polissemia e homonímia, e será isso o que irá tratar posteriormente.

Antes de evidenciarmos o critério do qual trata a autora, consideremos a abordagem que ela faz a respeito da teoria de Ullmann, sobre a diferença entre polissemia e homonímia. Para tal autor, o primeiro processo ocorre quando uma única palavra possui vários significados, enquanto o segundo se dá na coincidência formal de duas ou mais palavras – procedentes de étimos distintos. A inovação teórica de Ullmann ocorre, segundo Muñoz Núñez (1999), quando esse autor considera que, na sincronia da língua, os significados de palavras polissêmicas guardam algum tipo de conexão, enquanto na homonímia isso não

ocorre. Isso porque Ullmann considerava que apenas a partir da diferenciação de enfoques sincrônicos e diacrônicos seria possível delimitar ambos fenômenos. Como vimos, essa questão o fez delimitar os conceitos como expusemos na seção anterior: para diacronia, critério etimológico; para sincronia, critério semântico.

A respeito do critério semântico, a autora inicia comentando a postura do autor alemão Heger, que se apresenta inovadora. Para esse pensador, a polissemia é definida como disjunção semêmica com sema comum, e a homonímia é a disjunção semêmica sem sema comum. No entanto, para Heger, em ambos os processos há a presença de apenas um signo linguístico.

O critério semântico, isto é, o que distingue polissemia e homonímia, respectivamente, pela presença ou ausência de semas em comum, foi adotado por diversos autores, tais como Pottier, Greimas, Prieto e, sobretudo, Hjelmslev, o qual utiliza exclusivamente esse critério para definir a polissemia.

Nesse sentido, parece interessante mencionar o que Muñoz Núñez (1999) afirma a partir do que Mignot teoriza sobre o critério semântico. Esse autor faz uma análise de signos dentro de uma teoria dos conjuntos e, conforme mencionado anteriormente, se baseia em uma ideia de supremacia do significado em relação ao significante. Adiante, ao realizar uma análise da palavra francesa *plume* (pena), Mignot nota que apenas em um período da evolução da unidade ela poderia ser considerada polissêmica. No estado atual da língua, os significados são totalmente independentes. Isso faz com que Muñoz Núñez (1999) afirme que uma polissemia pode nascer e tender pouco a pouco para a homonímia, devido ao distanciamento entre os significados conforme seus usos se consolidam.

Além do critério estritamente semântico, a autora ainda dedica uma seção para comentar sobre critérios morfológicos e sintáticos para a definição da polissemia e da homonímia. Como ela bem explica, tais critérios não carecem de semantismo, mas lançam mão de conhecimentos morfológicos e sintáticos para completar e ajudar na identificação do significado das unidades.

Segundo Muñoz Núñez (1999), o principal autor que se situa nessa linha é Lyons. Segundo ele, tanto na polissemia quanto na homonímia há equivalência sintática e identidade formal, mas enquanto na primeira há identidade de lexemas, na segunda há disjunção desses. O que ele propõe como lexema são partes do discurso – tais como nomes e verbos – e as subclasses dessas partes, tendo como base distinções como próprio ou comum, contável e não contável (para os nomes), transitivo e intransitivo (para os verbos), entre outros (MUÑOZ NÚÑEZ, 1999, p. 69).

Por fim, nota-se que a autora apresenta o respaldo teórico e histórico dos estudos anteriores a respeito desses fenômenos, e lança mão de diversos critérios para os definir, bem como apresenta modelos de como proceder às análises desses fenômenos.

3.5 A recontextualização de palavras como fenômeno / O que é recontextualização de palavras?

A terminologia recontextualização de palavras foi proposta por Borba (2003) a fim de designar o processo neológico da mudança semântica, o qual já foi vastamente estudado na Linguística contemporânea sob diversas denominações. De fato, todos os processos disponíveis para a mudança na língua são alvos constantes de investigações as mais diversas, e há extensa bibliografia disponível para o aprofundamento em inúmeros níveis da pesquisa linguística. Ora, esse processo não foge à regra, e é possível encontrar alguns estudos, teorias e pressupostos que apresentem um embasamento satisfatório a respeito do assunto.

A problemática, no entanto, ocorre quando notamos que não há um consenso na denominação de tal fenômeno. Assim, o que alguns chamam *neologismo semântico* (CARVALHO, 1984; ALVES, 1990), outros tratam por *neologismo conceptual* (BIDERMAN, 1978); enquanto alguns denominam *extensão semântica* (ALMEIDA; CORREIA, 2012), outros preferem *extensão de sentido* (BASÍLIO, 1989); ainda, há os que utilizam *reutilização de palavras já existentes* (CORREIA; LEMOS, 2005).

Apesar de tantas denominações, o que configura o fenômeno da recontextualização de palavras? Segundo Borba (2003), esse mecanismo seria basicamente explicado pelo surgimento de uma nova acepção em uma palavra já em circulação e ocorre devido a uma necessidade imediata relacionada com a função de interação social pela língua.

Em outras palavras, a recontextualização é o processo de mudança de significado de lexias, no qual um sentido novo é incorporado a uma unidade lexical que não o pertencia. Assim, toda a teoria discutida nas seções anteriores, referente, principalmente, à polissemia e à homonímia, mas também à metáfora, metonímia, elipse, expansão e restrição de significado, caso resulte em uma combinação de um significado novo a uma lexia já existente, configura caso de recontextualização de palavras.

De certa forma, todas as denominações supracitadas tratam do mesmo fenômeno, qual seja, a criação de novos significados para palavras que já fazem parte do léxico da língua. A denominação mais comum, portanto, é a primeira, *neologismo semântico*. E é sob tal nome

que o fenômeno é mais conhecido. Por que, então, utilizamos neste trabalho a denominação de Borba (2003)?

De modo geral, partimos do pressuposto já estabelecido pelos estudos lexicais de que toda unidade só se realiza dentro de um contexto. Assim, os significados de uma lexia só podem ser depreendidos a partir de sua interação contextual com as outras lexias. Na realidade, essa proposição surgiu com Saussure, quando da apresentação do conceito de valor. Não estamos aqui dizendo que o signo, isolado, não possui significado, mas sim estabelecendo que a precisão do significado de uma unidade só pode ser feita no seu contexto de produção. Imaginemos, por exemplo, palavras extremamente polissêmicas. Quando usadas, surgem diversas possibilidades interpretativas, que podem trazer sentidos divergentes para o enunciado. Assim, apenas a interpretação do contexto de produção e da análise da relação da unidade com as outras da frase irão fazer com que seja possível depreender o significado pretendido, dos muitos disponíveis.

Conforme Borba (2003), o fenômeno da recontextualização é, muitas vezes, fruto de uma necessidade instantânea do falante, resultante do contexto de uso. Segundo ele, é a contextualização "que estabelece a amplitude semântica e fixa diferenças" (BORBA, 2003, p. 142). Além disso, muitas vezes o que é compreendido como uma extensão semântica da lexia é, na verdade, consequência de uma extensão do contexto de uso dela, conforme postulava Bréal (2008). Dito de outro modo, recontextualizar uma determinada unidade não diz respeito apenas a estender ou restringir seu significado, mas também consiste em (re)elaborar e (re)adequar seu contexto de uso.

Tendo isso em vista, a incorporação de um novo significado a uma lexia já presente no léxico não pode ser explicada sem levarmos em conta o contexto, as combinatórias sintáticas, o tipo de texto em que ocorre, a intenção do falante, entre outros fatores de igual importância. Um exemplo disso é evidenciado pelo autor, quando ele nos apresenta a experiência Cobuild (SINCLAIR, 1987 apud BORBA, 2003), a qual mostrou que o falante, quando solicitado a considerar a contextualização de uma unidade, pensa em campos semânticos e não no ambiente sintático de ocorrência. No entanto, Borba (2003, p. 152) nos deixa claro que "toda unidade lexical tem, ao lado de suas propriedades semânticas, as propriedades sintáticas que tornam possível sua combinatória no nível oracional".

Enfim, buscamos nesta seção deixar claro o conceito do fenômeno da recontextualização de palavras, bem como os motivos que nos levaram a considerar essa denominação em detrimento de outras tantas igualmente proveitosas. A seção seguinte, que encerra o capítulo, tece considerações sobre como identificar o fenômeno.

4 A LEXICOGRAFIA: CONSTRUÇÃO DE DICIONÁRIO

Existem dois sentidos para a palavra Lexicografia: em uma primeira acepção, refere-se à ciência da elaboração de dicionários e obras de referência; o segundo sentido, por sua vez, remete ao estudo dos problemas referentes à elaboração de dicionários, à crítica de dicionários, à pesquisa do uso e história de dicionários, entre outros (WELKER, 2004, p. 11). Utiliza-se, para fazer menção a esse segundo sentido, o termo *Metalexicografia*, conforme utilizado em inglês e alemão.

A prática de elaboração de dicionários surgiu no Brasil há séculos, com o intuito de unir os povos indígena e europeu. No entanto, não se tinha noção que se fazia Lexicografia, isso porque tal ciência surgiu e se consolidou em território nacional apenas ao longo do século XX. Registrar o léxico de uma língua é lidar constantemente com a cultura na qual essa língua se insere. Portanto, a Lexicografia acompanha a evolução linguística constante e registra tais mudanças, servindo como um documento que comprova essa mutabilidade da língua.

Assim, a cultura brasileira, fortalecida a partir do século XIX, auxiliou no crescimento da ciência da Lexicografia no século XX, o qual presenciou o surgimento de diversos dicionários de língua geral brasileira.

Esta seção explica, em linhas gerais, conceitos e noções de Lexicografia que são relevantes para o objetivo do trabalho.

4.1 A ciência lexicográfica

O léxico de uma língua é caracterizado como o repositório linguístico e cultural de uma sociedade. Por ser o que mais sofre influência da cultura, o léxico é o nível mais social da linguagem humana. Os dicionários, por seu turno, são as obras de referência que registram esse léxico, ou uma parte dele, um recorte, chamado vocabulário. O léxico, em sua totalidade, é quase impossível de ser registrado, sendo a obra que o abrange conhecida como *tesouro* ou *thesaurus*. Um dicionário, elaborado com base em um momento sócio-histórico, político e cultural da língua, registra o vocabulário desse sistema linguístico. Segundo Cano:

> O léxico, como representante de todo o conhecimento humano acumulado numa dada comunidade linguística, não pode ser abarcado na sua totalidade. Dessa forma, para superar as capacidades individuais de memória, surgem os dicionários, que são o depósito da memória social por excelência. [...]. Cabe, pois, ao dicionarista, registrar e marcar as variantes utilizadas no léxico de uma comunidade linguística. (CANO, 2010, p. 352).

Como afirma Porto Dapena (2002, p. 135), todo dicionário é constituído por duas estruturas fundamentais de organização: uma macroestrutura e uma microestrutura. A primeira diz respeito à ordenação das entradas, como serão organizadas e a quantidade delas. A segunda corresponde ao conjunto de informações oferecidas dentro do verbete.

Dessa forma, nota-se que um dicionário é composto por duas organizações principais distintas, a macroestrutura, que dá conta de como o corpo do dicionário é organizado, e a microestrutura, a qual registra as informações a respeito de cada entrada.

Em verdade, pode-se afirmar que a prática de definir e conceituar lexias e expressões existe no Brasil desde sua descoberta e, posteriormente, no período colonial. Isso porque os primeiros relatos de viagem se baseavam com regularidade no léxico português europeu para explicar conceitos encontrados nas terras invadidas, os quais eram nomeados em língua indígena. Assim, até mesmo o primeiro documento reconhecido da história da então chamada Terra de Vera Cruz, A Carta a El Rei D. Manuel, escrita por Pero Vaz de Caminha, descreve todo o território nacional com base na analogia do que já era conhecido em Portugal, a fim de aproximar e afinar conceitos.

Durante a época colonial brasileira, houve considerável produção de dicionários bilíngues tupi-português e português-tupi. Tais obras eram de extrema importância, visto que os jesuítas, em busca de catequizar os indígenas, precisavam se comunicar na língua desses, para atingi-los mais diretamente. Dessa forma, conforme Nunes:

> [...] o enunciado lexicográfico nessas condições tem como princípio a interpretação da fala do outro. Estabelecer o léxico é ouvir, interpretar e orientar os sentidos. O dicionário funciona como um instrumento de colonização que o saber linguístico legitima. (NUNES, 2001, p. 75)

Sendo assim, os dicionários serviam como uma ponte entre a Igreja e o indígena, e satisfazia as vontades da primeira de catequizar o segundo.

Os primeiros dicionários monolíngues do português surgiram no século XVI, com Bluteau e Antônio de Moraes Silva. A primeira obra trazia métodos e definições que se aproximavam de um dicionário enciclopédico, enquanto a segunda, que retoma a primeira, foi um dicionário de língua (NUNES, 2001). O dicionário de Silva foi importante na medida em que conjugou as tradições portuguesas e brasileiras, deixando claras as diferenças e semelhanças entre essas duas.

Passemos, agora, à diferença entre léxico e vocabulário para, logo depois, aludirmos aos conceitos de macro e microestrutura de dicionário.

4.2 Léxico ou vocabulário: o que se registra em um dicionário de língua?

Como já exposto anteriormente em outras seções deste estudo, o léxico de uma língua se caracteriza pela totalidade de unidades lexicais que fazem parte do sistema linguístico, somando todo o repositório cultural, social, político e de áreas do conhecimento. Assim sendo, como já se deve imaginar, um dicionário que pretenda registrar todo o léxico de uma língua dificilmente conseguirá cumprir seu intento, visto que, para tal, ele deveria conter toda a soma dos dicionários especializados e uni-los aos dicionários gerais.

Por essa razão, é consenso afirmar que uma obra lexicográfica, mesmo que denominada dicionário geral de língua, registra o vocabulário. Esse conceito alude ao recorte linguístico, seja ele diacrônico (histórico), sincrônico ou de áreas do conhecimento (dicionários terminológicos). Nesse sentido, convencionou-se distinguir entre vocabulário geral e vocabulário parcial.

O primeiro, segundo Welker (2004, p. 43): "se caracteriza por ser alfabético, sincrônico, da língua contemporânea, arrolando sobretudo os lexemas da língua comum". O segundo, por sua vez, é conhecido geralmente apenas por vocabulário, e busca representar um universo de discurso, como palavras de um conhecimento técnico-científico, de um grupo social específico, de um subsistema geográfico ou de um autor em específico, como o que se pretende aqui realizar.

Haensch (1982) apresenta, de forma exaustiva e detalhada, diversos aspectos concernentes aos vocabulários parciais e gerais, dos quais destacaremos os que competem ao objetivo deste trabalho. O vocabulário parcial literário se encaixa nos subconjuntos léxicos com marcação diastrática, segundo o autor. Ele afirma que esses subconjuntos são característicos de um grupo ou pessoa, como é o caso de escolas ou autores literários. Haensch (1982) ainda propõe um esquema que divide os subconjuntos diastráticos de língua escrita e língua oral, colocando os vocabulários poético, literário na língua escrita, por razões óbvias. Os correspondentes desses vocabulários na língua oral são os vocabulários solenes, acadêmicos, da oratória ou de um estilo apurado (HAENSCH, 1982, p. 143).

Dessa forma, registrar o vocabulário de um autor literário, como Campos de Carvalho, é restringir a seleção lexical às palavras utilizadas por aquele autor em suas obras. Por essa razão, deve-se proceder com minúcia e priorizar aspectos de diversas áreas do conhecimento,

não somente a Literatura, mas também a Estilística e questões sociais da época de produção das narrativas. É importante salientar, ainda, que o método de abordar tal texto deve ser muito particular, conforme buscaremos esclarecer no próximo capítulo.

Para os intuitos deste capítulo, seguiremos expondo noções de Lexicografia, focalizando, agora, a macro e a microestrutura de dicionários.

4.3 A macroestrutura

A macroestrutura, conforme mencionado, ocupa-se da ordenação das entradas, isto é, o conjunto das unidades lexicais que farão parte da nomenclatura da obra. Muitas vezes, o próprio nome do dicionário já antecipa a macroestrutura: o Dicionário de Usos do Português antecipa que a macroestrutura contém palavras que estão em uso; o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa antecipa que contém entradas do português contemporâneo; e o Dicionário Histórico do Português do Brasil indica a presença de unidades que fazem parte da história da língua portuguesa no Brasil. Mas a tarefa de compor uma macroestrutura não é tão simples quanto parece. Em primeiro lugar, deve-se levar em conta a quantidade de entradas que o dicionário terá. Esse número varia conforme os objetivos da obra e deve ser expressivo o suficiente para que o consulente não sinta que o dicionário é consistente. A quantidade dessas entradas depende do recorte que se fará. Um dicionário histórico, por exemplo, com certeza terá uma macroestrutura maior do que um dicionário de verbos, visto que o número de verbos é consideravelmente menor do que a quantidade de unidades da história da língua. Já um vocabulário, como o que se pretende aqui realizar, é um recorte ainda menor, visto que há maior delimitação de critérios, diminuindo a extensão de vocábulos possíveis de serem encontrados. Os critérios para a elaboração de um vocabulário podem ser um autor, obra, época, grupo social, domínio ou campo do conhecimento, entre outros.

Assim, também, deve-se levar em conta o público a que o dicionário se destina. Um dicionário escolar, por exemplo, não será tão extenso quanto um dicionário geral, visto que o público-alvo do primeiro é mais restrito. Do mesmo modo, o vocabulário essencial para esse público é muito menor, e deve ser recolhido conforme as necessidades e vivências dele.

Outro conteúdo que faz parte da macroestrutura são as chamadas partes pré-textuais ou textos externos, como o prefácio, a introdução, lista de abreviaturas, siglas, informações extras que podem ajudar o consulente a entender melhor o dicionário.

Outrossim, é parte constituinte da macroestrutura o arranjo das entradas, que pode ser feito de diferentes formas. Convencionou-se que o mais comum é arranjar as entradas seguindo a ordem alfabética das palavras, pela facilidade de consulta. No entanto, essa ordenação pressupõe uma forma semasiológica, isto é, parte do significante para encontrar o significado. Há dicionários, de outra parte, que seguem a ordem onomasiológica, ou seja, partem do significado e encontram o(s) significante(s) correspondente(s).

Para que a coleta e arranjo das entradas seja boa e suficiente, acredita-se que o mais correto é construir uma grande base textual ou *corpus* representativo de um momento sócio-histórico, político e cultural da língua. Nele, devem estar contidos exemplos de diferentes tipos e gêneros textuais, das mais diversas esferas sociais, que sejam representativos desse recorte linguístico desejado. É importante ressaltar que a seleção dos textos que irão compor esse *corpus* deve ser feita com base no público a que o dicionário se destina. Novamente, podemos distinguir que um dicionário escolar deve incluir textos de livros didáticos, enquanto um dicionário geral irá selecionar textos dos mais variados gêneros, além de mais complexos, como os jornalísticos, literários e científicos.

Assim, para a seleção das entradas que irão fazer parte do dicionário, utilizam-se critérios diversos, como o de frequência de ocorrência das palavras no *corpus*, o sincrônico – seleciona-se as unidades mais utilizadas nas últimas décadas -, e o qualitativo. A respeito desse critério, Bugueño Miranda (2007, p. 266) propõe uma taxonomia para a lematização de unidades em dicionários:

> Lexemas plenos (“palavras”)
> I. simples
> I.1. comuns: type/ token
> I.2. *próprios: com tropofonia/ sem tropofonia
> II. compostos
> (BUGUEÑO MIRANDA, 2007, p. 266).

Segundo ele, as palavras comuns devem ser lematizadas levando em conta tanto o type (genótipo, protótipo, forma canônica), isto é, o modo como elas são conhecidas na língua, quanto o token (variante ou forma de menos prestígio), ou seja, formas variantes que elas podem aparecer. Um exemplo dessa diferença são os verbos, os quais dificilmente aparecem na forma canônica, o infinitivo, mas serão assim lematizados. É com esse tipo de análise qualitativa que se deve trabalhar para uma eficiente e completa abordagem da macroestrutura.

Novamente, a utilização ou não de tais critérios dependerá da extensão do *corpus* e do tipo de dicionário pretendido.

É também preocupação da macroestrutura outras questões, como a classificação das palavras compostas que irão compor uma entrada do dicionário, como as unidades fraseológicas, expressões idiomáticas, entre outras sequências de mais de uma palavra que são cristalizadas na língua, de forma a constituírem uma única palavra com um único sentido. Esses tópicos não serão tratados aqui, pois não acrescentam para o objetivo deste trabalho.

4.4 A microestrutura

Por outro lado, a microestrutura se ocupa das informações que serão fornecidas a respeito da entrada. Inicialmente, deve-se basear em uma teoria lexical consistente a respeito da definição de palavra, para chegar a um resultado satisfatório da unidade lexical que constituirá o lema ou entrada do dicionário. Isso faz com que muitas vezes morfemas descontextualizados ou sequências não cristalizadas sejam entradas ou não em um dicionário, com um embasamento que justifique tal decisão. Além disso, é imprescindível que a microestrutura do dicionário seja padronizada, de forma a facilitar a consulta.

Dentre as informações que poderão fazer parte da microestrutura, estão questões como a pronúncia, classe gramatical e a etimologia da unidade lexical. Mais uma vez, tais informações dependerão do objetivo da obra, visto que a informação etimológica, por exemplo, pode não parecer tão importante para um dicionário escolar, mas muito relevante para um dicionário histórico ou de formas homônimas. Ainda assim, o principal constituinte da microestrutura de uma entrada é a definição. Segundo Rey-Debove (1984, p. 64-66): "A definição é uma informação sobre o signo (seu significado) e sobre a coisa designada pelo signo (o que essa coisa é). [...] A definição é uma perífrase que pretende ser sinônima da palavra a ser definida".

A microestrutura apresenta, também, informações imprescindíveis a respeito da entrada, como a diferenciação e ordenação das acepções. Na realidade, a quantidade de acepções que uma entrada tem irá depender exclusivamente da quantidade de acepções que a unidade lexical apresenta no *corpus*. As definições para cada acepção serão extraídas desse banco de dados. Do mesmo modo, muitas vezes pode-se unir uma ou mais acepções próximas, de forma a 'enxugar' a microestrutura e não deixar o dicionário tão extenso, o que facilita o manuseio e a consulta. Ademais, para ordenar tais acepções, pode-se utilizar diversos critérios, de ordem sintática, semântica e histórica. Recomenda-se utilizar, em um

dicionário geral, o critério semântico, isto é, primeiro as acepções mais usuais e conhecidas, posteriormente as mais específicas, pertencentes aos domínios ou campos do conhecimento. No entanto, um dicionário histórico pode utilizar melhor a ordenação por meio da datação das acepções, partindo da mais antiga para a mais recente. Isso tudo dependerá, novamente, dos objetivos da obra e da preocupação com o consulente.

Por fim, outra informação muito importante que pode ser incluída na microestrutura de um dicionário é o exemplo ou abonação. Essa informação confere autenticidade à acepção da palavra, pois ilustra, com exemplos reais, a utilização daquela unidade em um determinado contexto. Ele fornece para o consulente, ainda, informações contextuais, como com quais palavras, complementos, preposições, conjunções etc, essa palavra pode ocorrer com essa acepção. Em palavras com mais de um significado, por exemplo, os exemplos/ abonações podem demonstrar a diferença entre os significados, visto que, utilizada em determinado contexto linguístico, uma palavra terá um significado.

Considerada todas essas informações que podem ou não fazer parte da microestrutura, vejamos então o modelo proposto por Peruchi (2009, p. 79), a respeito da microestrutura de uma entrada:

> **entrada.** {Etimologia da palavra} |pronúncia|.
> Categoria. <Marca pragmática>. Definição. Relações semânticas. Exemplo(s) de uso.
> (PERUCHI, 2009, p. 79)

Enfim, vê-se que a microestrutura de um dicionário fornece as informações a respeito da utilização de uma unidade lexical. Em outras palavras, a microestrutura é uma "mini-gramática" da palavra. Reiteramos, ainda, que as informações contidas nela dependerão inteiramente dos objetivos da obra lexicográfica elaborada, sendo que a inclusão ou não de determinadas informações são decisões do lexicógrafo.

4.5 A problemática do tratamento lexicográfico da polissemia e da homonímia

A questão envolvendo a polissemia e a homonímia em dicionários de língua afeta diretamente tanto a macro quanto a microestrutura de uma obra lexicográfica. Isso porque a diferenciação entre palavras polissêmicas ou homônimas influencia rigorosamente na macroestrutura, a quantidade de entradas, e na microestrutura, a extensão dessas.

De modo geral, durante bastante tempo, foi consensual adotar uma diferenciação no tratamento e registro lexicográficos das unidades polissêmicas e homônimas. Eram consideradas polissêmicas as unidades que possuíam apenas uma entrada no dicionário, e diferentes significados, enumerados sequencialmente. As unidades homônimas, por sua vez, possuíam diferentes entradas, identificadas através de numerações logo acima do lema. Assim se procede até hoje.

No entanto, o modo de identificar e considerar se uma lexia é polissêmica ou homônima mudou com o avanço da ciência lexicográfica. No passado, era convencional distinguir os dois fenômenos com base no étimo da palavra. Dessa forma, unidades que apresentassem étimos diferentes eram consideradas homônimas, e as que tivessem o mesmo étimo eram polissêmicas. No entanto, esse modo de distinção gerou incontáveis questionamentos.

Isso porque determinar o étimo correto de uma palavra pode gerar imprecisões, caso não haja uma fonte de consulta confiável. Do mesmo modo, duas unidades podem ser originárias de étimos completamente distintos, de línguas igualmente diferentes, e isso não ser observado. Ainda, sendo o dicionário uma obra que leva em conta um recorte recente e atual da língua, utilizar critérios que levem em conta questões tão antigas pode ser discutível. Como afirma Werner (1982, p. 300): "a distinção entre homonímia e polissemia pelo critério etimológico não é admissível para a descrição sincrônica da língua, do ponto de vista da linguística moderna".

Por esse motivo, os estudos contemporâneos de Lexicografia têm adotado um novo processo para distinguir esses dois fenômenos: o critério semântico. O método consiste em considerar homônimas as unidades cujo significados não possuam nenhum traço – denominado traço semântico ou sema – em comum. Em contrapartida, são consideradas polissêmicas as unidades cujos significados possuam algum tipo de relação entre si. Nas palavras de Borba (2003, p. 162): "Uma solução é considerar um item como polissêmico quando as acepções particulares têm um traço semântico em comum, e serão apresentadas em sequência numerada", e continua "Por outro lado, dois itens serão considerados como homônimos quando não tiverem nenhum traço em comum, a não ser um ponto de vista subjetivo e arbitrário" (BORBA, 2003, p. 164).

Sendo assim, nota-se como a inclusão de formas polissêmicas e homônimas preocupa e ocupa a mente dos lexicógrafos há algum tempo, trazendo relevantes resultados tanto para a macro quanto para a microestrutura da obra. Nos termos da presente pesquisa, parece relevante adotar uma postura concernente ao critério semântico, visto que o levamos em

consideração para a identificação dos dados, bem como por ser o critério mais recomendado para ser utilizado na atualidade. Ademais, por trabalharmos com o fenômeno que inova o sistema da língua, qual seja, a recontextualização de palavras, mas que para isso não cria formas novas, a distinção pelo critério semântico será de extrema importância para a identificação das unidades.

5 METODOLOGIA: A SELEÇÃO DAS UNIDADES

O *corpus* utilizado para a elaboração do presente estudo é constituído pelas quatro narrativas que fazem parte da *Obra Reunida*. Os dados, extraídos desse *corpus*, são, essencialmente, verbos e nomes substantivos e adjetivos, os quais sofreram o fenômeno da recontextualização de palavras em uma das obras de Campos de Carvalho.

Dessa maneira, o primeiro passo foi a realização da leitura das narrativas e da bibliografia a respeito da *Obra Reunida*, com os seguintes propósitos: (I) compreender as características e temáticas literárias do estilo do autor Campos de Carvalho; (II) fazer um levantamento de todas as unidades lexicais – substantivos, adjetivos e verbos – encontradas na obra que tenham sofrido recontextualização de palavras; (III) selecionar quais unidades e classes de palavras serão objeto de análise; (IV) observar, identificar e registrar as palavras para serem analisadas; (V) analisar a expressividade dessas palavras no contexto da obra em que foram utilizadas, com vistas às teorias da estilística. Os resultados desse estudo auxiliaram na produção do capítulo I, anteriormente apresentado.

O segundo passo foi a leitura de obras que tratavam da relação entre língua usual e língua literária, a fim de compreender quais aspectos dessa a configuram como uma linguagem diferenciada. Dessa forma, compreendeu-se o conceito de literariedade. Além disso, buscamos entender a relação entre o texto literário e a Linguística, principalmente a teoria Estilística, que foi um dos principais fundamentos utilizados para a compreensão de como o texto literário se apresenta para uma análise de cunho linguístico. Assim, elaborou-se o capítulo 2, que trata justamente dessas temáticas.

Feito isso, partiu-se para a leitura das principais teorias Linguísticas que tratam o fenômeno da mudança de significado em unidades lexicais simples, aqui chamado recontextualização de palavras. O estudo e apresentação dessas teorias obedecem a ordem cronológica das publicações, e podem ser conferidas no capítulo 3. Além disso, o subitem 3.5 apresenta as justificativas pelas quais decidimos adotar o termo recontextualização de palavras, ao invés de outras terminologias disponíveis.

Logo depois, buscamos respaldo nas teorias lexicográficas sobre a elaboração de dicionários e obras de consulta, a fim de produzir o capítulo 4. Há especificações sobre conceitos tais como macroestrutura e microestrutura de dicionário, além de explicações que tratam a problemática do tratamento lexicográfico da polissemia e homonímia, isto é, fenômenos de mudança de significado.

Decidiu-se extrair os dados do *corpus* de forma manual, visto que esse está disponível fisicamente, não sendo necessário digitalizar. Além disso, utilizamos o critério qualitativo para tal extração, visto que nosso intuito é analisar palavras específicas, e a contribuição de seu uso no todo de cada obra para a compreensão dela. Assim, excluem-se critérios de frequência ou qualquer programa computacional para a seleção e extração dos dados. Além de preferirmos o critério qualitativo, notamos que, ao fazermos algumas extrações, determinadas lexias ocorriam apenas uma única vez nas quatro narrativas, o que faria sua frequência ser relativamente baixa para que um critério quantitativo fosse utilizado, visto que a importância da unidade lexical é considerável para o entendimento da obra, e sua exclusão prejudicaria a análise a que nos propomos.

Do mesmo modo, para a compreensão total dos contextos de ocorrência das unidades e/ou seus significados, decidimos utilizar a extração manual. O critério para a seleção dos dados, portanto, é serem as unidades pertencentes ao léxico do português brasileiro e terem sido recontextualizadas em um dos quatro romances de Campos de Carvalho que compõem a *Obra Reunida*.

Assim, foi feito um levantamento inicial de todas as unidades que tenham sido utilizadas com mais de um significado em algum romance da *Obra Reunida*, e se obteve o número de 557 unidades lexicais. Lembramos, desde já, que essa extração foi feita levando em conta o conceito de literariedade, isto é, as lexias que causavam estranhamento ao leitor, por serem plurissignificativas, seriam selecionadas para compor os dados. Esse número, no entanto, excedeu às expectativas da presente pesquisa, e novos critérios foram adotados para que o número de dados fosse reduzido.

Dessa forma, em posse dos 557 dados, realizamos um corte, a partir do estabelecimento de um novo critério de seleção, considerando apenas as unidades que tenham sido utilizadas com um significado novo, neológico. Isso quer dizer que o corte foi feito com o objetivo de selecionar apenas as lexias que sofreram o fenômeno da recontextualização de palavras. Para a realização desse novo parâmetro, o critério lexicográfico foi adotado por meio de um *corpus* de exclusão representativo de um determinado momento do léxico da língua portuguesa. Assim, utilizou-se o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete (CALDAS AULETE, 1964) e o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2009). A primeira obra foi utilizada visto que foi produzida contemporaneamente à escrita dos romances carvalianos e publicada no mesmo ano de *O Púcaro Búlgaro* (1964). A segunda, por sua vez, é uma obra de alcance nacional, cuja versão eletrônica é atualizada e de fácil acesso, o que nos permite avaliar até que ponto a obra de

Campos de Carvalho foi importante na constituição do léxico da língua portuguesa. Assim sendo, as lexias cujo significado utilizado nos romances carvalianos não estivesse atestado em ambos os dicionários, seria considerada como dado e assim analisada. Feito o novo corte, obteve-se 124 lexias divididas nas quatro obras, uma quantidade considerada razoável, a qual se apresenta viável para ser realizada nesta pesquisa.

Dessa forma, a fim de não priorizarmos nenhuma das quatro narrativas em detrimento de outra, a análise a seguir foi feita de forma igualitária. Assim sendo, foram analisadas 10 unidades lexicais de cada narrativa, totalizando 40 análises. Esse número foi definido uma vez que ele é representativo do total de dados disponíveis, qual seja, 124. Nesse sentido, julgamos que uma amostragem de quase um terço, analisada qualitativamente, é representativa do total de dados bem como dos objetivos do trabalho. Justificamos, ainda, a escolha de 40 lexias para representar este estudo, porque objetivamos também construir critérios para a elaboração de um vocabulário, conforme consta do título. Portanto, não há a necessidade de se estudar todas as lexias, mas um número representativo que possa formar um conjunto de critérios que serão utilizados quando da construção do vocabulário.

Mais uma vez, a seleção dessas 40 lexias se deu de forma qualitativa, pela sua importância para a compreensão da obra na qual ela está inserida. Assim, as 10 unidades de cada romance foram selecionadas a partir do campo lexical de que fazem parte. Buscamos apresentar, através dos exemplos, peculiaridades lexicais de cada narrativa. Portanto, as análises de *A Lua Vem da Ásia* compreendem lexias que tiveram seu sentido ampliado pelo uso metafórico ou pela extensão de sentido, com exceção de um caso metonímico. Para *Vaca de Nariz Sutil*, apresentamos as unidades que fazem parte do campo semântico sexual da obra, além de usos polissêmicos, que geram ambiguidades, e metonímicos. Nas ocorrências selecionadas de *A Chuva Imóvel*, por sua vez, houve predominância do uso metafórico, de forma que elencamos os exemplos que podem ser compreendidos um a partir do outro, isto é, a partir de uma metáfora, faz-se outras que levam a uma compreensão diferente da obra. Enfim, em *O Púcaro Búlgaro* houve intenso uso de metonímias e expressões sintagmáticas, a quais podem ser conferidas através das análises.

Compreendemos que todos os dados são importantes, contudo, uma análise que se proponha a destrinchar as peculiaridades de cada lexia que compõem os dados seria deveras exaustiva e alongaria demasiadamente tal estudo, que não se propõe a isso. Buscamos, principalmente, nortear as compreensões de cada obra, e a forma como cada escolha lexical feita por Campos de Carvalho contribui para o entendimento de suas narrativas.

5.1 A organização das unidades em fichas lexicográficas

Após a seleção das unidades lexicais, elas foram organizadas em fichas lexicográficas, de forma a organizar e sistematizar os dados. Cada ficha lexicográfica contém as seguintes informações: 1) palavra-entrada, seguida da classe gramatical; 2) acepções que a palavra tem nos dicionários e registro da referência bibliográfica do dicionário; 3) contexto da obra em que a palavra-entrada aparece, indicando a referência e a página; 4) sentido figurado da palavra; 5) expressões sintagmáticas da palavra.

A organização dos dados por meio das fichas permitiu lançar mão de análises contextuais para a compreensão do efeito expressivo das palavras recontextualizadas na construção das narrativas, bem como auxiliará em uma futura elaboração de um vocabulário envolvendo a obra carvaliana.

Do mesmo modo, as fichas permitem avaliar o grau da recontextualização efetuada por Campos de Carvalho, visto que nelas há a informação sobre a classe de palavra e as definições da palavra-entrada em cada um dos dicionários consultados. O grau de recontextualização nada mais é do que o distanciamento da lexia recontextualizada de seu sentido original, o que pode ser avaliado pela observação das fichas, já que nelas há a especificação dos sentidos dicionarizados, do contexto de uso e do sentido recontextualizado. Dessa forma, é possível perceber o quão distante está a criação carvaliana do sentido original atestado nas obras de caráter lexicográfico.

No entanto, não é objetivo deste trabalho analisar esse aspecto, de forma que não nos dedicamos a isso. Ainda assim, consideramos importante mencionar que tal estudo pode ser feito, e as fichas que foram elaboradas permitem realizar tal intento.

Nas fichas, apenas as definições que importam à análise foram inseridas, de forma que, para palavras que apresentam muitas definições, apenas as mais comuns – geralmente as primeiras – e as relacionadas ao significado neológico estão expostas nas fichas. Caso o significado utilizado da palavra em um dos romances da *Obra Reunida* não se aproxime de nenhum dos sentidos atestados, foram colocados os principais sentidos da palavra-entrada.

Apresentamos, nos apêndices deste estudo, o modelo de ficha lexicográfica desenvolvida para este trabalho, além das fichas para cada unidade considerada como dado, numeradas em ordem de aparição em *Obra Reunida*.

6 ANÁLISE DOS DADOS: A RECONTEXTUALIZAÇÃO DE PALAVRAS EM *OBRA REUNIDA* DE CAMPOS DE CARVALHO

As análises que aqui serão apresentadas têm como objetivo ilustrar a importância e a expressividade da escolha lexical de Campos de Carvalho na compreensão de suas narrativas que fazem parte da *Obra Reunida*. Conforme elucidado anteriormente, os dados foram extraídos tomando as lexias que sofreram a recontextualização de palavras em uma das quatro narrativas: *A Lua Vem da Ásia*; *Vaca de Nariz Sutil*; *A Chuva Imóvel*; *O Púcaro Búlgaro*.

Convém lembrar, ainda, que não procuraremos classificar a ocorrência em algum dos processos que constituem o fenômeno da recontextualização de palavras (metáfora, metonímia, elipse, entre outros). Dessa forma, as análises visam, sobretudo, avaliar de que forma a obra carvaliana usa o recurso da mudança semântica a seu favor para a construção dos aspectos narrativos, tais como: espaço, tempo, personagem, enredo, entre outros.

Por fim, sobrelevamos o fato de que as análises aqui apresentadas foram feitas tendo em vista a compreensão do autor desta pesquisa sobre cada narrativa. Ainda assim, cada análise é permitida pelo conceito já explorado de literariedade, uma vez que o estranhamento causado por esse conceito potencializa o desvio linguístico. Apesar de poderem ser pessoais, as análises a seguir não o são totalmente, mas sim motivadas e ancoradas no contexto narrativo e no entendimento de todo o processo criativo de Campos de Carvalho, estudado de forma completa.

A seguir estão expostas as análises, divididas em seções que abordam cada romance separadamente, a fim de exemplificar como cada escolha lexical se manifesta em cada obra. Iniciaremos expondo alguns dados retirados do primeiro romance, *A Lua Vem da Ásia*.

6.1 A recontextualização de palavras em *A Lua Vem da Ásia*

As análises aqui apresentadas estão em consonância com o método anteriormente descrito e buscam evidenciar como o processo da recontextualização de palavras contribui para a construção dos romances de Campos de Carvalho. Para todas as lexias, primeiro apresentaremos o contexto de ocorrência, para, em seguida, expormos a análise da unidade.

Essas ocorrências, logo de início, demonstram de que forma Campos de Carvalho utiliza o vocabulário a seu favor na construção de seus romances. Através de fenômenos como a recontextualização de palavras, o autor elabora seus escritos de forma a convergirem para os

efeitos de sentido por ele desejados, e que expusemos no capítulo primeiro. Iniciemos, portanto, as análises:

(01) É a primeira chuva a que assisto da minha janela de hóspede – neste verão que bem pode ser a primavera, pois não tenho noção do tempo e não disponho de <u>bússola</u> para me guiar entre as horas do dia e da noite. (CARVALHO, 2002, p. 39) (FICHA LEXICOGRÁFICA – 4)

Vê-se que, no exemplo (01), a unidade lexical *bússola* tem seu sentido ampliado, a partir da união do sema temporal ao seu significado. Originalmente, *bússola* é um instrumento "que contém uma agulha magnética livremente suspensa sobre um ponto de apoio, e cujas pontas estão constantemente voltadas para os pólos magnéticos da terra" (CALDAS AULETE, 1964, p. 611), e que serve "para determinar direções horizontais, o meridiano magnético terrestre ou a posição de algo ou alguém em relação a ele" (HOUAISS, 2009).

No entanto, conforme verificado na passagem exposta, o sentido se amplia, incluindo o sentido temporal, isto é, a *bússola* passa a ser um instrumento utilizado para situar ou guiar algo ou alguém em relação tanto ao espaço quanto ao tempo. Para o protagonista de *A Lua Vem da Ásia*, portanto, o tempo é uma abstração na qual se pode guiar até mesmo espacialmente, através do uso de um instrumento para esse fim, ou seja, a *bússola*.

É interessante observar, contudo, que em outras duas passagens o narrador utiliza a lexia com seu sentido original, isto é, designando um instrumento que o situa ou guia espacialmente, conforme as passagens: "e eu teria preferido que, em vez de um relógio, o enforcado me houvesse deixado em herança uma bússola, em que eu pudesse descobrir qual o melhor rumo a tomar" (CARVALHO, 2002, p. 116); "sempre acompanhado da minha sombra e do meu irmão dentro de mim, e tendo por única bússola a flor do meu umbigo, pobre mas exata" (CARVALHO, 2002, p. 130). Em ambos exemplos, o significado de "bússola" é o que está atestado em Caldas Aulete (1964, p. 611): "Tudo o que serve de guia em qualquer assunto". Assim, utiliza-se a *bússola* espacialmente para descobrir qual caminho tomar, e ter a flor do umbigo como *bússola* seria equivalente a tê-la como guia.

Além do uso da polissemia, Campos de Carvalho também lança mão de sentidos metafóricos, a fim de criar imagens expressivas que ilustrem as situações vivenciadas pelos personagens:

(02) Agora a chuva <u>baila</u> em torno da minha cabeça, e no hotel todos dormem ou fingem que dormem pelo menos, num silêncio que marca com exatidão o barulho da chuva sobre o telhado

> [...]. e a chuva já não teria a marcá-la o compasso unânime do sono de todos os imbecis da terra. (CARVALHO, 2002, p. 40). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 7)

O caso do exemplo (02) marca com precisão a expressividade de Campos de Carvalho para utilizar o fenômeno da recontextualização. A imagem criada pelo autor através do uso metafórico da unidade "bailar" reflete o pensamento do protagonista que, ao sofrer de insônia, tem seu pensamento invadido pelo compasso da precipitação da chuva sobre o telhado, que produz um som ritmado.

Ao afirmar que a chuva baila em torno de sua cabeça, o narrador-protagonista reflete com minúcia o tormento de sua insônia no hospital psiquiátrico, no qual suas atitudes são controladas pelos detentores da autoridade no local. Durante a noite, ele nos descreve que as luzes são apagadas e a única opção para os internos do local é dormir. Contudo, sua insônia não o deixa descansar em meio ao silêncio do lugar, e a queda regular da chuva ocupa sua mente.

A recontextualização do verbo "bailar" em *A Lua Vem da Ásia*, portanto, é metafórica, ampliando o sentido da lexia. Analisando os sentidos originais, encontramos: "dançar, mover o corpo segundo as regras da dança" (AULETE, 1964, p. 485); "**1** deslocar-se, movimentando o corpo de maneira graciosa e/ou ritmada, ger. ao som de música; dançar **2** mover-se em várias direções, como que dançando; balançar, oscilar, tremer" (HOUAISS, 2009). A partir deles, amplia-se o significado da unidade lexical para "cair, precipitar de forma ritmada, marcando compasso". Assim, mantém-se o sentido de ritmo da lexia, conforme atestado em Houaiss (2009), mas a ele se atrela o significado de precipitação, por se tratar da chuva.

Portanto, a criação dessa imagem mental para o leitor se aproxima da concepção de metáfora conforme Bréal (2008), explicada no item 3.2. Segundo ele, cria-se a metáfora pela aproximação de conceitos similares entre duas situações. É a esse o uso a que se presta Campos de Carvalho na ocorrência acima, criando uma imagem a partir da semelhança entre a precipitação compassada da chuva e o ato de bailar, dançar conforme uma música.

Outros dois usos metafóricos cunhados por Campos de Carvalho no primeiro romance de sua *Obra Reunida* podem ser visualizados abaixo:

> (03) Esse mesmo legado, aliás, apresentou-me ao seu secretário particular e possivelmente o futuro Messias redivivo, o qual, durante todo o tempo em que conversamos, não disse <u>bolacha</u>. (CARVALHO, 2002, p. 44). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 8)

(04) E aqui lhe rendo esta homenagem tardia mas veemente, no pleno silêncio deste quarto frio e povoado de trevas, tendo por quadro-negro esta parede onde a custo faço deslizar a ponta do meu lápis. (CARVALHO, 2002, p. 90). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 34)

Na ocorrência (03), vê-se que Campos de Carvalho lança mão de uma unidade lexical e a recontextualiza de tal forma que um novo sentido é atribuído. Em nenhum dos dois dicionários encontrados foi atestado o significado encontrado no excerto exposto acima, nem mesmo nos sentidos explicitamente considerados figurados: "bôlo de farinha cozida no forno, sêca e pouco levedada, ordinariamente em forma de disco achatado [...] (Fam.) Bofetada" (CALDAS AULETE, 1964, p. 568); "biscoito chato de farinha de trigo ou maisena, doce ou salgado; tapa aplicado no rosto com a mão espalmada; bofetada, bolachada [...]; coisa banal; trivialidade" (HOUAISS, 2009).

Em *A Lua Vem da Ásia*, "bolacha" passa a significar um assunto desinteressante, desprovido de sentido ou relevância. Em outras palavras, não dizer *bolacha* seria equivalente a não dizer nada coerente, significativo ou que tivesse lógica. O caso se torna expressivo ao notarmos que o protagonista é um louco em um hospício, e o personagem que não expressou razão em suas palavras é descrito como o secretário de um legado pontifício que se empenha na criação de um novo Deus. A crítica às instituições normatizadoras, como a Igreja, é expressa e evidente em Campos de Carvalho, e essa ocorrência auxilia na comprovação dessa tese.

Um personagem que tem parte em um empenho religioso, com o propósito de obter grande quantia de dinheiro, passa a ser considerado um louco pelos próprios loucos de dentro do hospício. Como a análise no item 1.1 comprovou, o primeiro romance de *Obra Reunida* objetiva atacar o que se considera normal no mundo, mostrando que são todas coisas ilógicas, desprovidas de valor e significado. Quando um louco passa a ter atitudes comuns a um ser humano considerado normal – ganhar dinheiro e desenvolver uma religião – ele passa a ser considerado absurdo, irracional, e suas palavras não fazem sentido para quem repudia essa realidade normatizadora.

O caso do exemplo (04), por sua vez, já demonstra uma ampliação no significado da lexia. Inicialmente, a partir da consulta aos dicionários aqui utilizados, nota-se que *quadro-negro* se refere à "Superfície plana, ordinariamente negra, feita de madeira ou de ardósia, onde se escrevem cálculos, se traçam figuras geométricas ou quaisquer caracteres; quadro-negro" (AULETE, 1964, p. 3337); "**4** superfície lisa, plana, freq. pintada de negro ou verde,

muito us. nas escolas para sobre ela escrever-se a giz; quadro de giz, quadro-negro, pedra, lousa" (HOUAISS, 2009).

No entanto, Campos de Carvalho amplia esse significado, fazendo com que a unidade passe a designar qualquer local onde se pode escrever, não especificando o material de que tal local é feito, a cor, se é plano ou não, se é utilizado em escolas ou se se escreve com giz ou lápis. Há, portanto, a ampliação do significado da lexia através da recontextualização, visto que todas as especificidades que anteriormente caracterizam e definiam um *quadro-negro*, passaram a não serem tão relevantes para a delimitação desse.

Além desses exemplos, nota-se que o contexto de uso também influencia na criação de novos sentidos a unidades lexicais, conforme foi possível verificar a partir do exemplo:

(05) Houve muito pranto, graças a Deus; e eu temia que não houvesse, não sei bem por quê. Eu mesmo arrisquei uma furtiva lágrima, que caiu bem no nariz do Papanatas e depois rolou pela sua boca. (CARVALHO, 2002, p. 46). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 9)

A cena descrita se passa durante o funeral de um dos chamados hóspedes do hotel de luxo/ campo de concentração/ hospital psiquiátrico, um ator grego de nome Papanatas, que outrora havia interpretado a Dama das Camélias, personagem de um romance passional de Alexandre Dumas. Ao descrever a cena do funeral, o narrador-protagonista afirma ter arriscado uma lágrima[11], para se juntar a outros personagens que estavam em pranto.

O fato curioso é que o contexto pressupõe a mudança de sentido da unidade lexical *arriscar*. Isso porque, em se tratando de um funeral de um ator grego, remete-se às grandes tragédias gregas, encenadas em grandes teatros, nos quais grande parte dos personagens morriam. Além disso, o enredo de Dama das Camélias, a qual o personagem Papanatas havia interpretado, é de sofrimento amoroso, levando a uma aproximação com clássicos da dramaturgia mundial. Assim, a lexia recontextualizada amplia seu significado pela ampliação do seu contexto de ocorrência.

Arriscar deixa de ter apenas o sentido de "colocar algo em risco, expor a má fortuna ou arbítrio", para significar "encenar, fingir". Dito de outro modo, o protagonista de *A Lua Vem da Ásia* aproveita o contexto que se aproxima de uma tragédia grega para representar uma cena típica desse gênero, na qual há sofrimento e pranto pela morte de um personagem. Isso pode ser comprovado pelas frases que antecedem o momento do choro de Astrogildo, no

[11] É possível, ainda, verificar que "Uma furtiva lágrima" é a tradução para o português do italiano *una furtiva lacrima*, uma das árias da ópera *L'elisir d'amore* (O Elixir do amor) de Gaetano Donizeti.

qual ele agradece o fato de muitos personagens terem chorado e afirma ter temido não haver choro.

Os dois exemplos a seguir do romance *A Lua Vem da Ásia* exemplificam o título do romance. Senão, vejamos:

(06) À noite a lua vem da Ásia, mas pode não vir, o que demonstra que nem tudo neste mundo é perfeito. (CARVALHO, 2002, p. 52).

(07) [...] tendo por quadro-negro esta parede onde a custo faço deslizar a ponta do meu lápis, já que a lua hoje não veio da Ásia e não consigo sequer enxergar o meu triste corpo ajoelhado na cama. (CARVALHO, 2002, p. 90). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 35)

Essas passagens apresentam duas ocorrências que fazem referência direta ao título do primeiro romance, qual seja, *A Lua Vem da Ásia*. No entanto, podemos notar que a unidade "Ásia" sofre o fenômeno da recontextualização, pois o sentido "continente situado no hemisfério oriental do planeta terra" sofre restrição de sentido, a fim de designar apenas o "hemisfério oriental".

Assim, ao afirmar que "a lua vem da Ásia", o protagonista afirma a verdade universal de que a lua, assim como o sol, nasce no hemisfério Leste e se põe no Oeste. Até mesmo a etimologia da unidade "oriente", segundo o Houaiss (2009) significa "lado do sol nascente". Além disso, segundo esse dicionário, algumas vezes a própria lexia "oriente" pode ser definida como "a Ásia e, por vezes, alguns países da bacia mediterrânea ou da Europa central ocidente" (HOUAISS, 2009)

O autor lança mão do recurso da restrição de sentido para estabelecer uma dúvida em relação a uma afirmação verdadeira no mundo real, fora da narrativa, visto que a primeira ocorrência traz uma oração afirmativa, seguida de outra oração iniciada com uma conjunção adversativa, que relativiza esse saber extralinguístico. Segundo Oliveira (2013, p. 55): "o diário de Astrogildo segue a mesma estruturação do aforismo, ou seja, temos uma narrativa que desestrutura as crenças constituídas e baseadas no pensamento racional". Assim, por meio da restrição de sentido, há o questionamento desse tipo de saber, que deixa de ser, no mundo do romance, uma verdade absoluta, uma comprovação.

Há, também, variedade de fenômenos que culminam na recontextualização de palavras em *A Lua Vem da Ásia*. Observemos, assim, a ocorrência a seguir:

(08) [...] logo fico sabendo ser o dono do quarto, e por conseguinte da cama e do Picasso na parede [...]. O Picasso na parede não chega a ser propriamente um Picasso, mas um espelho sem brilho e quase surrealista. (CARVALHO, 2002, p. 107). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 41)

Após observarmos fenômenos como a metáfora, a polissemia e restrição do contexto de uso de lexias, notamos, nesse exemplo, a ocorrência da metonímia como fator de recontextualização. Isto é, a partir do fenômeno da metonímia, observamos que a lexia amplia seu significado.

No contexto de ocorrência exposto, fica evidente que a lexia "Picasso" não se refere ao pintor espanhol Pablo Picasso em si, mas sim a uma de suas pinturas, ou seja, um claro exemplo de uso metonímico em que se faz referência à obra ou ao quadro através do nome do autor. Assim, ao afirmar que há um Picasso na parede, o protagonista não está efetivamente afirmando que o autor Pablo Picasso está pendurado na parede do quarto, mas sim que há um de seus quadros ali fixado, de forma que a referência a este ocorre por meio do nome daquele.

Uma afirmação que devemos fazer a respeito da unidade "Picasso" é o fato de ela não estar atestada em nenhum dos dicionários consultados, seja em Caldas Aulete (1964) ou em Houaiss (2009), por ser um nome próprio. Nesse último, o que observamos foi "picassiano", cujo significado é "relativo ao pintor espanhol Pablo de Ruiz y Picasso ou que é próprio ou característico de sua pintura" (HOUAISS, 2009). Notamos, assim, que, para estar atestada e possuir o significado metonímico, um processo morfológico de derivação sufixal ocorreu na lexia, por meio da junção do sufixo "*-ano*" à "Picasso". Tal sufixo atrela à unidade-base o significado de origem ou proveniência, como em outras unidades: "italiano" (originário da Itália); "iraniano" (proveniente do Irã); e "carvaliano" (de origem da obra de Campos de Carvalho), lexia que utilizamos diversas vezes neste estudo.

Assim, a fim de expressar o mesmo significado que um sufixo, Campos de Carvalho utilizou o processo metonímico, utilizando o nome do autor pelo nome da obra, fazendo referência a um por meio do outro.

É interessante notar, no entanto que, mesmo após perceber a inexistência de um quadro na parede, visto que este era, na verdade, um espelho, o protagonista continua chamando-o de "Picasso", tal qual o faria se realmente o objeto dependurado fosse um quadro do pintor espanhol. Isso ocorre porque, por se tratar de um espelho, o qual refletia a imagem caótica, seja do mundo ao redor, seja do próprio protagonista, a figura ali representada era interpretada por Astrogildo como totalmente surrealista, tal qual o famoso quadro "Guernica", de Picasso. Essa obra, crítica severa às guerras, ao fascismo e ao nazismo praticados na

Europa, retrata uma imagem destorcida, um verdadeiro caos de corpos e sociedade, o qual retratava um massacre ocorrido na cidade basca cuja obra homenageia. O que permite aproximarmos essa obra da cena do espelho descrita por Campos de Carvalho foi o fato do protagonista buscar, em meio a uma guerra, um abrigo seguro, onde pudesse descansar e viver momentos de paz, após fugir do manicômio em que se encontrava. Assim, as duas situações de guerra, e um protagonista aos cacos são fatores que aproximam o espelho surrealista de Guernica, fazendo com que Astrogildo o chamasse de "Picasso na parede".

Posteriormente, notamos outro caso de metáfora em *A Lua Vem da Ásia*:

(09) Tento cuspir-lhe no rosto mas faltam-me as forças, e o mais que consigo é expelir pela boca uma lava amarga e oleosa, que me desce pelo pescoço e me faz lançar um grito horrível, que me assusta e paralisa. (CARVALHO, 2002, p. 66). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 16)

Nessa ocorrência, é possível concluir, logo de início, que a tal "lava" a qual se refere o protagonista nada mais é do que sua saliva, um líquido quente e grosso, que pode ser comparado a uma lava. Essa conclusão é relativamente fácil de se chegar pelo fato de Astrogildo afirmar tê-la expelido pela boca.

Dessa maneira, a metáfora se concretiza tanto na aproximação da saliva com a lava, da do protagonista com um vulcão e de sua boca com a fenda, a qual expele esse líquido. Tal metáfora pode ser interpretada visto que nosso protagonista estava completamente preso em um exame psiquiátrico, com seu braços e pernas imóveis, atados, sofrendo os suplícios de um teste em um hospital. Ele, em um súbito de raiva, tenta externa-la por meio do fluido líquido que de sua boca sai. No entanto, faltam-lhe as forças, como ele mesmo expõe, o que o faz apenas expelir um líquido quente, grosso e que escorre por seu pescoço.

As acepções de "lava", nos dicionários, estão sempre relacionadas a vulcões, como podemos observar: "toda a matéria em fusão que deriva pelas fendas ou respiradouros dos vulcões" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2341); "magma em fusão natural, resultante de uma erupção vulcânica" (HOUAISS, 2009). Dessa forma, é permitida tal interpretação metafórica, tal qual expôs Campos de Carvalho.

Ademais, não é incomum conhecermos a expressão em língua portuguesa "a ira de um vulcão", visto que esse, quando entra em erupção, tem um poder devastador imenso, que arrasa cidades, regiões e até mesmo áreas muito extensas. Por isso, nosso protagonista, em seu acesso de raiva, aproxima-se de um vulcão, o qual buscou arrasar e infringir danos às pessoas a seu redor, naquele momento de exame psiquiátrico em que ele se encontrava.

Assim sendo, a recontextualização de palavras, por meio da metáfora, ocorre efetivamente na lexia "lava", mas toda uma interpretação metafórica é necessária para a sua compreensão total, já que o contexto tanto linguístico, quanto literário, permitiam tal entendimento.

Vejamos, agora, uma ocorrência de ampliação de contexto de uso de uma lexia, configurando a recontextualização de palavras:

(10) [...] eu poderia superar com ajuda de alguma filosofia, desde que me dispusesse a praticar a necessária ginástica mental diante do espelho. (CARVALHO, 2002, p. 151). 9FICHA LEXICOGRÁFICA – 61)

A lexia em destaque, "ginástica", é utilizada no contexto da obra já em seu final, mais especificamente no último capítulo, o qual registra a carta enviada por Astrogildo ao *Times*, jornal estadunidense de grande circulação. Nessa, o protagonista expõe os motivos que o levaram ao suicídio, e relata, em determinada ponto, que se sente nauseado de um outro "eu" que habita em seu corpo, e que seu suicídio busca matar este e não aquele Astrogildo, que conhecemos de toda a narrativa. Por essa razão, ele afirma que poderia superar essa suposta crise existencial, bastando para isso realizar alguma "ginástica mental diante do espelho" (CARVALHO, 2002, p. 151).

É nesse contexto que a recontextualização ocorre na palavra mencionada, tal que, ao consultarmos seus significados nos dicionários aqui utilizados como critério de exclusão, vemos: "arte de exercitar o corpo para desenvolver a musculatura" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1940); "técnica ou arte que, por meio de exercícios especializados, visa fortificar e/ou dar maior elasticidade ao corpo" (HOUAISS, 2009). Assim, observamos que o significado dessa lexia esteve sempre relacionado ao esforço físico, ao conjunto de exercícios cuja finalidade é desenvolver músculos e elasticidade.

No entanto, notamos que a utilização da unidade lexical por Campos de Carvalho incluiu, nesse semema, o sema "mental", isto é, ampliando o contexto de uso da palavra, que a partir de então deixou de ser apenas relacionada ao universo do esforço físico, mas também passou a ser considerada como integrante do esforço mental, intelectual.

Dessa forma, há a ampliação do significado da lexia, e uma "ginástica mental" nada mais seria que realizar um esforço intelectual, tendo em vista determinada finalidade. Nossa pesquisa concluiu, após consulta aos dicionários, que esse significado está atestado em Houaiss (2009): "esforço excessivo (intelectual, físico ou moral) para se atingir determinado

fim". Portanto, é possível notar que um dos objetivos propostos para este trabalho é de fato relevante, visto que uma das razões da utilização da obra lexicográfica acima era justamente observar se a recontextualização carvaliana poderia ser observada ainda contemporaneamente, de forma a registrar uma possível influência desse autor no léxico da língua portuguesa. Não há como comprovarmos que tal sentido se derivou do uso de Campos de Carvalho, visto que o dicionário utilizado não nos dá essa informação; entretanto, podemos afirmar que o escritor tem sua parcela de contribuição na renovação e na mudança constante da língua, a qual está sujeita a ser alterada a todo momento por qualquer falante e usuário dela.

Tendo a interpretação do trecho (10) sido feita, a última análise de uma unidade presente em *A Lua Vem da Ásia* segue o mesmo contexto de uso:

(11) O certo mesmo seria chamar a este meu suicídio de homicídio, já que em mim eu mato o homem que não me agrada e não o meu eu verdadeiro, que é até simpático. (CARVALHO, 2002, p. 150). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 60)

Como notamos, há uma confusão entre o que se conhece por "homicídio", sendo este confundido pelo protagonista com o conceito de "suicídio". Isso porque, conforme deixamos claro na análise anterior, a morte de Astrogildo não é a sua morte efetiva, tendo em mente que o objetivo do ato de tirar a própria vida tem como real objetivo tirar do mundo o irmão gêmeo que vive dentro dele.[12]

Assim, os significados de "homicídio" não se realizam dentro da narrativa, qual sejam esses: "morte que uma pessoa causa a outrem voluntária ou involuntàriamente" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2082); "destruição, voluntária ou involuntária, da vida de um ser humano; assassínio, assassinato" (HOUAISS, 2009). Ocorre que o homicídio praticado por Astrogildo, na verdade, não causa a morte a outrem, mas sim a si próprio, sendo seu ato um suicídio.

Isso fica claro quando notamos os significados de suicídio presentes nos dicionários consultados: "ação ou efeito de suicidar-se; morte dada a si próprio" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3834); "ato ou efeito de suicidar-se; desgraça ou ruína causada por ação do próprio indivíduo" (HOUAISS, 2009). Ou seja, analisando os sentidos das duas unidades, notamos que há a inversão dos significados, visto que o que é chamado pelo protagonista de "homicídio" em verdade é um "suicídio", pois ele próprio causará sua morte, mesmo que seu objetivo seja causar a morte de uma parte sua, apenas.

[12] É este o modo como o próprio protagonista o chama: "eu tenho o direito de acreditar nessa dualidade de meu ser, ou antes, nessa existência oculta de meu irmão gêmeo dentro de mim e que um dia brotará de meu corpo como um dente de siso retardado" (CARVALHO, 2002, p. 54).

As análises convergem visto que, para a lexia “ginástica”, vista em (10), fica evidente que Astrogildo não quer ter que realizar qualquer esforço intelectual para excluir esse seu irmão gêmeo, que o leva à ruína, de dentro de si, o que o faz optar pelo suicídio (ou homicídio, como ele nomeia). A recontextualização da palavra ocorre, portanto, na inversão e na confusão dos significados, causadas completamente pela interpretação a que chegamos ao analisarmos a existência de um ser dual, com personalidades distintas em um único corpo.

Enfim, apresentamos aqui análises de 10 unidades lexicais retiradas do romance *A Lua Vem da Ásia*, com o intuito de sermos representativos de como o fenômeno da recontextualização de palavras é utilizado nesse romance. Todas as análises foram feitas tendo por base toda a interpretação apresentada no capítulo 1 deste trabalho, em que a narrativa foi pincelada de forma a expor os principais objetivos de Campos de Carvalho ao escrevê-la. Assim, esperamos que as análises tenham permitido ao leitor compreender a obra em sua totalidade e perceber quais processos estilísticos o autor veiculou para cumprir seu propósito literário.

A seguir, iremos expor algumas ocorrências do segundo romance, *Vaca de Nariz Sutil*.

6.2 A recontextualização de palavras em *Vaca de Nariz Sutil*

Nesta seção, conforme mencionado, serão analisados os dados retirados do segundo romance de Campos de Carvalho presente em sua *Obra Reunida*:

(12) “Com o pênis e este par de pernas faço minha via-sacra ao longo do corredor escuro” (CARVALHO, 2002, p. 165) (FICHA LEXICOGRÁFICA – 68)

A primeira ocorrência, *via-sacra*, apresenta uma recontextualização na medida em que amplia tanto o significado quanto o contexto de uso da lexia apresentada. Ao longo do romance, o protagonista, ex-combatente, nos informa que, durante as noites de insônia, ele passeia pelos corredores da pensão onde mora, a fim de observar, pelos buracos das fechaduras, o sexo ou as ações dos outros moradores.

Essa prática que, segundo ele, começou por acaso, tornou-se frequente, quase como uma tradição na vida monótona e sem sentido do personagem pessimista. Assim, religiosamente, quando sofre de insônia, ele caminha pelos corredores, procurando observar de forma discreta e silenciosa o que seus colegas de pensão fazem.

É nesse contexto que ocorre a ampliação da unidade *via-sacra*. Inicialmente, observou-se que a utilização da lexia se restringia ao contexto religioso, designando a "série de cruzes, ou quadros que representam cenas do martírio de Cristo [...] As orações que se rezam diante dessas cruzes" (AULETE, 1964, p. 4215). No entanto, tal acontecimento, por ser tradicional, de forma que fiéis da igreja católica o realizam anualmente em homenagem ao martírio de Cristo, surgiu a possibilidade de expansão do significado, que passou a designar qualquer percurso percorrido regular ou tradicionalmente com sofrimento, tendo determinado fim. A *via-sacra* de Cristo foi o caminho atravessado entre o Pretório de Pilatos e o Monte Calvário, carregando sua cruz, com intenso sofrimento e angústia. A *via-sacra* do nosso ex- combatente, por sua vez, é o percurso dos corredores da pensão.

Nota-se, também, como Campos de Carvalho continua, mesmo em seu segundo romance, a ironizar as tradições religiosas. Ao ampliar o significado de uma unidade que era estritamente usada no contexto cristão para um contexto sexual, possível de ser depreendido pelo trecho apresentado em (12) ("com o pênis e este par de pernas"), o romancista questiona os dogmas e ironiza, de um jeito bem particular, essa tradição.

As ocorrências carvalianas a seguir seguem a mesma lógica, ao escolher lexias do contexto musical e atrelar a elas significados sexuais:

(13) É bom que eu saiba que aqui se pode matar à vontade, depois de todos dormidos, ou copulados, ou masturbados – por falar nisto, como irá indo a noivinha com o seu piano portátil e silencioso: começa com uma valsa e acaba no puro *rock*, sempre o mesmo repertório. (CARVALHO, 2002, p. 194). (FICHAS LEXICOGRÁFICAS – 82, 81, 80 e 79)

Uma das moradoras da pensão, uma jovem adolescente que toca piano, segundo o narrador, tem o costume de se masturbar todas as noites antes de dormir. Esse costume chega até a fazer parte da rotina do protagonista, que no horário determinado está sempre a observar, pela fechadura do quarto da jovem, tal ato. O fenômeno da recontextualização ocorre, no excerto acima, quando, metaforicamente, Campos de Carvalho atrela significados sexuais às palavras do contexto musical, fazendo referência à prática de tocar piano da jovem.

Dessa forma, a ocorrência de *piano* deixa de designar o "**1** instrumento de teclado (88 teclas) com cordas percutidas por martelos revestidos de feltro" (HOUAISS, 2009) para fazer referência ao órgão sexual feminino, a vagina da jovem pianista. Um dos recursos que o escritor mineiro lançou mão para auxiliar na interpretação por parte do leitor foi a união dos adjetivos "portátil" e "silencioso" à lexia *piano*. Ora, conhecendo a extensão, o tamanho, o

peso e a sonoridade de um piano, sabe-se que tais adjetivos não se aplicam a essa unidade, visto que o barulho que ele produz é consideravelmente alto, e seu tamanho e peso dificultam a portabilidade.

Por outro lado, a metáfora cunhada pelo autor se concretiza ao notarmos que entre *piano* e *vagina* há sentidos aproximados, visto que, tanto para tocar o *piano* quanto para se masturbar, a jovem utiliza os dedos. A estrutura sintática auxilia nessa interpretação, já que o protagonista se lembra da jovem após mencionar a palavra "masturbado", ou seja, a memória da jovem está ligada diretamente à da masturbação.

As lexias seguintes, *valsa* e *rock* fazem referência, novamente, ao campo lexical da música, mas o sentido metafórico atrela isso à conotação sexual. *Valsa* e *rock* são, notadamente, estilos musicais de ritmo e compasso opostos, e que foram utilizados para criar a metáfora da velocidade da masturbação da jovem. Assim sendo, ao afirmar que ela inicia em uma *valsa* e termina no *rock*, o protagonista de *Vaca de Nariz Sutil* afirma que a masturbação da jovem pianista se inicia lenta e termina veloz.

Tais sentidos podem ser depreendidos do próprio significado das lexias *valsa* e *rock*, as quais significam, respectivamente: "nome de uma dança em compasso de 3 por 4, de movimento lento, alegreto ou alegro, e da música que serve para a acompanhar" (AULETE, 1964, p. 4163) e "música popular derivada do *rhythm and blues*, ger. executada em instrumentos de amplificação eletrônica, que se caracteriza por um persistente ritmo quaternário" (HOUAISS, 2009).

Por fim, a unidade *repertório* apresenta a última metáfora musical com significado acrescido. Segundo os dicionários consultados, o significado da unidade é "Os papéis ou partes que um artista tem representado ou cantado [...]. Trechos de música que se tocam num concêrto" (AULETE, 1964, p. 349) e "**4** conjunto de músicas interpretadas ou executadas por um cantor, um instrumentista, uma orquestra etc." (HOUAISS, 2009).

A metáfora cunhada por Campos de Carvalho se concretiza quando ampliamos esse significado para qualquer sucessão de acontecimentos, e aplicamos ao contexto sexual da masturbação da jovem moradora da pensão. Sendo *repertório* o conjunto de músicas, *valsa* e *rock*, que originalmente designam estilos musicais, significam a metáfora da velocidade da masturbação, a primeira unidade passa a ser a sucessão de acontecimentos de cunho sexual que a personagem realiza em seu quarto, observada atentamente pelo narrador.

Notamos, assim, como a recontextualização de palavras ocorre através de uma metáfora sexual em quatro lexias, através de todo o contexto que envolve a obra. Não seria simples identificar tais metáforas sem o conhecimento e o envolvimento que a trama do

romance nos fornece. Isoladamente, o contexto apresentado em IX poderia passar despercebido.

O mesmo papel a trama narrativa exerce na interpretação da lexia seguinte:

(14) Tudo tão caro! – geme a dona da pensão, do fundo das suas banhas. TUDO TÃO GRATUITO, *penso comigo* – mas pago-lhe assim mesmo. (CARVALHO, 2002, p. 165). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 67)

Para conseguirmos compreender o significado da lexia "gratuito", em destaque, retomemos a noção que expusemos na seção 1.2, a qual trazia o resumo e a interpretação a respeito do romance *Vaca de Nariz Sutil*: o narrador é um homem obcecado pela falta de sentido das coisas mundanas que nota não haver valor nas coisas, alguém que voltou vivo da guerra, mas morto por dentro, completamente desacreditado do significado de tudo que o mundo oferece. Assim, em um diálogo com a dona da pensão onde mora, ele a ouve reclamar do alto preço das coisas ("Tudo tão caro!"), e, em um jogo de palavras expressivas, Campos de Carvalho faz com que esse narrador pense consigo mesmo em sua crença descrente do mundo: "TUDO TÃO GRATUITO".

Notadamente, a interpretação do narrador-protagonista não é de que as coisas possuem preço baixo, mas sim de que as coisas não possuem utilidade nenhuma. O que ele busca, com a afirmação acima transcrita, é expor seu pensamento de que os objetos, sentimentos, pessoas, enfim, as coisas mundanas são de valor ínfimo, sem sentido ou qualquer esperança de melhora. Seu pessimismo elevado à máxima potência o faz crer na inutilidade, na falta de razão da existência de tudo o que o cerca.

Esse sentido da lexia "gratuito" não está atestado em Caldas Aulete (1964, p. 1981): "feito ou dado de graça, de boa vontade, sem obrigação de restituição ou de recompensa"; mas está, até certo ponto, em Houaiss (2009): "que não requer pagamento; de graça, grátis; sem motivo, sem justificativa; infundado". O sentido exposto nesse dicionário, de algo gratuito ser algo sem justificativa ou motivação, se relaciona a algo dito de repente, sem prévia justificativa, como uma ofensa ou impropério. Por isso, não consideramos que a lexia tenha o sentido atestado, tendo sido, assim, recontextualizada por Campos de Carvalho.

Vale, ainda, o comentário a respeito do jogo de palavras realizado pelo autor, ao contrapor as noções de caro e gratuito, cujos significados principais são os relacionados a valor monetário, e as personagens dona da pensão e ex-combatente de guerra, cujas crenças a respeito do valor e gratuidade das coisas que fazem parte do mundo são completamente

opostas. Assim, a polissemia ocorre em “gratuito”, mas não em “caro”, principalmente pela análise que fazemos do personagem que profere a palavra e sua crença, cheia de pessimismo e descrença na vida e na sociedade.

Outro caso de polissemia lexical pode ser observado na unidade a seguir:

(15) [...] um bom homem seu pai Valquíria, o convívio com a morte lhe deu uma paz que jamais hei de possuir, nem depois que a paz descer sobre a minha face e o meu coração. (CARVALHO, 2002, p. 177). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 74)

Assim como em “gratuito”, as ocorrências de “paz” apresentam significados polissêmicos, o que pode ser constatado pela comparação dos dois usos que se apresentam no trecho transcrito. A primeira ocorrência, como se vê, aproxima-se do significado usual da unidade, descrito pelos dicionários: “estado tranqüilo de um povo, de uma nação, de um reino que não tem inimigo a combater [...] Sossêgo, tranqüilidade de alma” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3024); “relação entre pessoas que não estão em conflito; acordo, concórdia; estado de espírito de uma pessoa que não é perturbada por conflitos ou inquietações” (HOUAISS, 2009).

Assim, a paz do pai de Valquíria nada mais é do que um estado de espírito calmo, sereno, tranquilo, em que ele se caracteriza por não possuir conflitos nem problemas com outras pessoas. Diferente dele, observamos o nosso narrador-protagonista, ex-combatente de guerra que, como descrevemos na análise da obra, vive um conflito interno constante de aceitação e busca para se encontrar como membro pertencente de um corpo social, tentando se adequar aos costumes e pensamentos deste para não ser considerado louco (ainda que assim o seja).

Tendo plena consciência desse constante estado conflituoso, o protagonista sabe que a paz que encontra na figura do pai de Valquíria é algo inatingível para sua existência, a qual foi completamente destruída pela guerra. Por isso, ele sabe, a “paz” não chegará para ele em vida, o que faz com que pensemos que, talvez, a morte possa fornecer-lhe tal sentimento de tranquilidade de alma. Assim, o significado da segunda ocorrência de “paz” é polissêmico, visto que faz referência à morte, sendo essa substituída pelo substantivo aqui em análise, já que interpretamos ser possível ao narrador obter a tranquilidade e o sossego espirituais apenas por meio do escape à vida.

No entanto, isso também não é verdade, visto que nem mesmo ela permitirá isso. Não apenas a própria afirmação do narrador (“uma paz que jamais hei de possuir”) comprova tal

ponto, mas sim o fato de ele ter convivido com a morte anos a fio, durante a guerra, e ter se habituado com ela de tal forma que, mesmo sem vida, saber que os conflitos e inquietações internas hão de importuná-lo constantemente, pois não há, para ele, qualquer razão ou motivação para essa existência.

Por esse motivo, é possível que ele afirme que não encontrará paz, nem mesmo quando a morte (ou o momento da vida em que imaginamos ter paz) chegar. Assim, revela-se, mais uma vez, todo o ceticismo do narrador-protagonista, o qual busca em outros meios um escape a essa existência.

Assim como em *A Lua Vem da Ásia*, em *Vaca de Nariz Sutil* também há ocorrências de recontextualização de palavras por meio de metonímias, conforme os exemplos que abaixo ilustrados:

(16) Aquela megera! O marido tinha os cornos tão grandes que teve de ser enterrado num caixão especial" (CARVALHO, 2002, p. 206); "depois virou um poço de virtudes e acha até tempo de ir visitar os cornos do marido no cemitério, com Deus na mão para qualquer imprevisto. (CARVALHO, 2002, p. 207). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 88)

(17) [...] depois virou um poço de virtudes e acha até tempo de ir visitar os cornos do marido no cemitério, com Deus na mão para qualquer imprevisto. (CARVALHO, 2002, p. 207). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 89)

As duas ocorrências acima são de processos metonímicos, em que uma parte é tomada a fim de designar o todo e assim representá-lo. Iniciemos com a primeira: a unidade "corno" tem, em suas acepções, significados polissêmicos. Inicialmente designando chifres de animais, passou a designar o homem cuja esposa é infiel. No entanto, o uso que Campos de Carvalho faz é metonímico, ou seja, a fim de fazer referência ao homem, marido da megera a qual se refere, ele toma a parte, qual seja, os chifres de infidelidade que ela colocou, os "cornos".

Notemos essa polissemia da unidade pelas acepções nos dicionários: "chifre [...] guampa [...]. Cada um dos apêndices sólidos que fazem saliência na cabeça de alguns animais [...]. Marido a quem a mulher é infiel" (CALDAS AULETE, 1964, p. 956); "cada um dos dois apêndices ósseos presentes na parte superior da cabeça de muitos ungulados; [...] que ou aquele que é traído pela mulher" (HOUAISS, 2009). Nas duas obras, portanto, observamos a polissemia, tendo a unidade o sentido tanto dos chifres de um animal, quanto do homem traído pela esposa.

No entanto, não é possível obter usos metonímicos, em que a lexia, parte integrante (mesmo que metaforicamente) do corpo do homem, passa a designar ele por inteiro. Nos contextos expostos em (16), assim, temos primeiro o significado polissêmico, em que o marido da megera é apresentado como corno, e em segundo lugar a ocorrência por meio da metonímia, em que ela, ao visitar os cornos de seu esposo no cemitério, visita, na verdade, o próprio corpo do homem.

O dado exposto logo depois, "Deus", também é metonímico no sentido de usar um objeto a fim de fazer referência a uma entidade. As acepções dessa unidade assim a colocam: "ente infinito e existente por si mesmo; a causa necessária e fim último de tudo que existe" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1209); "ente infinito, eterno, sobrenatural e existente por si só; causa necessária e fim último de tudo que existe" (HOUAISS, 2009). Assim sendo, ambas as principais acepções lexicográficas do verbete se referem a um ente, o qual não pode ser visto, tocado ou mesmo carregado de um lado para outro.

O que sabemos, contudo, é que, em determinadas religiões, como as cristãs, faz-se constantemente uso de objetos para simbolizar tal entidade, de forma que, ao carregá-los, levá-los de um lugar a outro, a presença da entidade está junto da pessoa que o carrega. Portanto, analisamos o uso metonímico nesse viés, visto que seria naturalmente impossível carregar "Deus" nas mãos, como o fazia a megera no contexto colocado.

Assim, ela não carregava efetivamente a entidade onipresente, mas sim um objeto que o designava, podendo ser esse um terço, uma cruz ou até mesmo um cálice. É nesse contexto que a ocorrência ocorre por metonímia.

Vejamos, agora, um último uso metonímico em *Vaca de Nariz Sutil*:

(18) Só tenho ódio à megera porque, antes de tudo, é uma megera: enquanto a <u>vulva</u> lhe servia ocupava-se com outras coisas e não tinha tempo para pensar na <u>vulva</u> dos outros. (CARVALHO, 2002, p. 207). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 87)

A ocorrência acima, "vulva", expõe uma cena em que o protagonista, no momento de exposição do trecho acima, encontra-se detido em uma delegacia de polícia por ter se envolvido sexualmente com Valquíria, uma jovem de apenas 16 anos, em cima da lápide de um homem no cemitério. Como já se deve imaginar, a denúncia foi feita pela referida megera, visto que a lápide na qual se encontravam Valquíria e o ex-combatente era, de fato, a de seu falecido marido. Assim, após ser detido e levado à delegacia, o protagonista tece comentários nada amigáveis a respeito da já idosa personagem.

Como ele afirma, o marido dessa fora traído algumas vezes por ela, época a qual ele se refere como “enquanto a vulva lhe servia”, isto é, quando seu órgão sexual atraia o interesse de outros homens. No entanto, após certa idade, esse órgão não mais chamou tanto a atenção, de modo que ela passou a arrumar tempo para visitar o marido em sua lápide e, do mesmo modo, deparar-se com cenas como aquela em que estava envolvido nosso narrador, o que ele chama de “ter tempo para pensar na vulva dos outros”.

Como já deve ter ficado claro, a “vulva” dos outros nada mais é do que a vida dos outros, um uso metonímico no qual, por meio do órgão sexual, o qual estava sendo utilizado no momento em que a cena ocorreu, fez referência à vida dos envolvidos. Assim, a utilização da vulva seria o ato sexual em si, e a preocupação com esse órgão seria uma forma de fazer referência à preocupação com a vida em si, isto é, com os acontecimentos vivenciados por uma pessoa. Assim, toma-se a parte “vulva” (órgão sexual), para referir-se a um todo amplo, a pessoa (sua vida).

O uso é inovador uma vez que, nos dicionários consultados, a palavra recontextualizada apenas designava o órgão sexual: “o conjunto das partes genitais externas da mulher” (CALDAS AULETE, 1964, p. 4265); “conjunto das partes externas dos órgãos genitais femininos dos mamíferos” (HOUAISS, 2009).

Esses foram, enfim, os dados retirados do romance *Vaca de Nariz Sutil*, a respeito da mudança de significado em lexias. Esperamos, mais uma vez, termos cumprido com o objetivo de passar um panorama de como a escolha lexical influencia diretamente na compreensão da narrativa, não sendo essa escolha mera obra do acaso, tendo um trabalho árduo e exaustivo do autor em veicular significados que possam cumprir totalmente o seu desejo expressivo.

Na sequência, serão expostas as ocorrências de *A Chuva Imóvel*.

6.3 A recontextualização de palavras em *A Chuva Imóvel*

Passemos, agora, às ocorrências encontradas no terceiro romance de *Obra Reunida*, *A Chuva Imóvel*:

(19) A chuva é porque é a chuva, não sou planta nem defunto para ter que suportá-la ano após ano, dia após dia, e a mesma sempre: muito menos um dilúvio destes, sem nenhuma Armênia à vista. (CARVALHO, 2002, p. 237). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 93)

Nessa ocorrência, podemos observar, mais uma vez, a referência a uma passagem bíblica, notadamente, a história da Arca de Noé. Conta a Bíblia que a arca, após passar o dilúvio, foi ter no Monte Ararat, localizado na Armênia. Campos de Carvalho, em mais um de seus romances, lança mão do recurso da recontextualização em passagens religiosas, através de uma ironia.

Ao fazer referência a uma chuva forte, o protagonista de *A Chuva Imóvel*, André, refere-se a ela como um dilúvio. No entanto, ele afirma não ter que suportar tal chuva, muito menos sem nenhuma "Armênia". Dito de outro modo, o país asiático aqui é apresentado como um objetivo, um propósito, motivo ou razão de algum ato. É um uso metafórico, visto que a finalidade da Arca de Noé, na história bíblica, foi a sobrevivência dos animais, e seu ponto de chegada foi a Armênia. No entanto, André não se vê obrigado a suportar um dilúvio, visto que não há propósito algum para isso. É notável o pessimismo do protagonista, já que, conforme explicitado no capítulo um, ele não consegue se encontrar nesse mundo, após a separação de sua irmã gêmea. Escolhemos iniciar pela análise dessa ocorrência por esse motivo: os protagonistas de *A Chuva Imóvel* e *Vaca de Nariz Sutil* trazem consigo esta semelhança: o pessimismo e a não adequação às normas mundanas.

Entendendo, por outro lado, todo o trecho como uma metáfora de sua vida, a chuva representaria toda a existência de André, a qual, conforme ele mesmo afirma: "a chuva é porque é a chuva" (CARVALHO, 2002, p. 237). Em outras palavras, não há razão para sua vida, não há "Armênia": propósito, finalidade. Sua vida (chuva) é um dilúvio, descontrolado, completamente sem sentido, o qual ele suporta desde que nasceu.

Vejamos, agora, mais uma ocorrência desse romance:

(20) [...] vão esperando sentados, aquela porta já não lhes servirá para nada, também ela irá pelos ares à procura de uma porta, Diomira ainda com as vestes arregaçadas. (CARVALHO, 2002, p. 241). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 95)

Nesse trecho, notam-se duas ocorrências da unidade "porta", a qual possui, em cada uso, um significado distinto. A primeira ocorrência apresenta o significado usual da lexia, qual seja: "abertura feita em parede, em muro ou em muralha e rasgada até ao nível do pavimento, para dar entrada ou saída" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3212); "abertura com o lado vertical mais comprido e a base ao nível do chão ou de um pavimento, que serve de entrada ou saída de um recinto" (HOUAISS, 2009).

No entanto, observa-se a recontextualização no segundo uso da unidade, a qual é utilizada com significado de saída, fuga, ou, até mesmo, salvação. Um dos semas originais da unidade "porta", isto é, "saída", se torna, então, um significado independente. É digno de ressalva o fato de ambos os dicionários consultados apresentarem o significado da palavra como "Entrada, acesso para algum lugar" (HOUAISS, 2009). No entanto, nenhum deles apresenta o significado da lexia como "saída", como meio de fuga ou salvação.

Justamente esse significado foi buscado por Campos de Carvalho. Mais uma vez, o discurso do narrador André está revestido de um pessimismo exacerbado, visto que, até mesmo a porta, que deveria ser o meio de fuga desse mundo, dos males que nele habitam, não será poupada e buscará a salvação, a saída. A imagem mental criada por esse uso, no qual a própria saída irá procurar uma saída, revela o caos interno no qual vive o narrador-protagonista, que não encontra sua identidade.

Enfim, vejamos outra ocorrência de uma unidade recontextualizada na obra *A Chuva Imóvel*:

(21) [...] não é à-toa que procuravam recordar até a infância dos outros, com esse copo na mão eu seria capaz de recordar até o futuro, o que aliás não é difícil. (CARVALHO, 2002, p. 248). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 96)

A expressividade linguística almejada por Campos de Carvalho em suas obras fica completamente evidente nesse trecho, por meio da recontextualização da palavra "recordar". Tal unidade, geralmente, possui sentido que remete ao passado, tornando a pensar, vivenciar ou lembrar de algo já ocorrido. Segundo os dicionários, "recordar" é: "tornar a trazer à memória [...] Fazer lembrar; dar semelhança de" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3436); "fazer voltar à memória ou vir de novo à memória; lembrar(-se); ter semelhança com, fazer lembrar" (HOUAISS, 2009). A própria morfologia da unidade comprova tal significado, visto que o prefixo *re-* significa "novamente, mais uma vez", isto é, pressupõe que algo passado ocorreu. Ao se unir aos verbos, o significado da unidade base passa a ter o sema do prefixo atrelado, assim como em reviver, relembrar e reutilizar.

Todavia, é justamente na desconstrução expressiva da linguagem que atua a criatividade carvaliana, ao apresentar, conforme o exemplo (21), determinada unidade com o significado completamente oposto ao seu. Assim, no trecho supracitado, "recordar" possui significado de "prever, adivinhar" e faz referência ao futuro. Ora, se a própria construção morfológica da lexia pressupõe a repetição de uma ação passada, não há forma mais clara de

desconstruir a linguagem do que recontextualizar seu significado, fazendo com que ele se refira ao futuro, algo incerto, que não pode ser afirmado com certeza.

Nota-se, portanto, como a expressividade na linguagem utilizada por Campos de Carvalho em *A Chuva Imóvel* segue a lógica de rompimento com instituições, regras e normas, até mesmo linguísticas, na construção de um novo mundo pautado no *nonsense*.

Posteriormente, encontramos outro caso de recontextualização por meio da adição de semas, como a que segue:

(22) A lógica dos lógicos não me interessa, o seu ontem e o seu hoje só me causam náuseas, seu relógio de cuco (mesmo de bolso) não me desperta qualquer curiosidade: também tenho o meu cuco entre as pernas e nem por isso ando a consulta-lo como a uma pitonisa. (CARVALHO, 2002, p. 234). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 92)

A unidade em questão, "cuco", ocorre duas vezes no mesmo trecho, com significados completamente distintos. Observamos que Campos de Carvalho faz este tipo de jogo de palavras: utiliza a mesma unidade em uma mesma passagem com dois significados distintos, conforme pudemos observar e evidenciar pelos variados exemplos já expostos aqui. Parece, inclusive, uma estratégia do autor, que faz uso da mesma lexia com sentidos que não se relacionam, visto que sua criatividade, dessa forma, fica mais evidente ao leitor. Ainda, pode-se afirmar que isso é uma forma de quebrar a expectativa da leitura, causando estranhamento e legitimando, assim, a literariedade em suas obras.

Para a palavra "cuco", logo vemos o primeiro significado atrelado a uma expressão sintagmática: "relógio de cuco". Essa expressão está atestada nos dicionários, e seu significado lá exposto: "ave da ordem dos trepadores [...]. Certa espécie de relógios que quando dão horas imitam o canto do cuco" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1022); "designação comum às aves da família dos cuculídeos; na caixa de certos relógios de pêndulo, pássaro mecânico que sai para marcar as horas com um canto semelhante ao dessa ave; esse tipo de relógio" (HOUAISS, 2009).

No entanto, a segunda ocorrência de "cuco" apresenta o significado recontextualizado da lexia, já que ele se refere não ao relógio ou à ave, mas sim ao órgão sexual do narrador André. Acreditamos, aqui, que o que motivou essa alteração de sentido foi a aproximação do órgão do protagonista com o relógio de cuco, o qual, periodicamente, marca as horas através da aparição da ave, que emite determinado som.

Assim como seu órgão sexual masculino que, periodicamente, o lembra que ele não mais é um ser duplo, André-Andréa, mas sim um ser único, apenas André, e o que o difere é justamente esse órgão sexual unicamente masculino, esse "cuco" que canta eventualmente a fim de lembrá-lo que Andréa e seu "não-cuco' se separaram e foram ser completas por si mesmas. O que resta a André, portanto, é se ater a seu próprio "cuco" (órgão sexual) e buscar essa unidade em si mesmo.

Outra unidade que desempenha papel importante nesse trecho é "pitonisa". Segundo os dicionários (Caldas Aulete, 1964; Houaiss, 2009), tal lexia faz referência a uma sacerdotisa grega, do templo de Apolo, que previa o futuro e o profetizava. É este o papel que desempenham os relógios, especialmente os de cuco, para o narrador-protagonista: serem profetas do futuro, tentarem adivinhar o que virá e lembrarem aos seres humanos ordinários de suas vidas medíocres e sem sentido. No entanto, André se diferencia deles. Ele tem o próprio "cuco", seu órgão sexual, que o lembra de sua unicidade atual, sua singularidade. Porém, ele não o consulta a todo momento, visto que ele não quer ser lembrado disso, pois sente falta de sua época múltipla, em que não era único, mas sim dois: André-Andréa. Por isso, consultar periodicamente seu "cuco" é como lembrar a si próprio de seu fracasso, de não conseguir se desvencilhar do passado para viver o presente.

Toda essa análise pode vir a ser confirmada por uma outra passagem, que revela mais uma recontextualização:

(23) Lembro-me de que era um lobisomem, a menos que ainda não seja meia-noite no relógio deles, eu nunca uso relógio nem deixo que ele me use. (CARVALHO, 2002, p. 248). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 97)

No contexto acima exposto, notamos a afirmação exposta do narrador de que não usa relógio, isto é, não se preocupa com a passagem do tempo. Isso porque, logo depois ele mesmo afirma não deixar que o relógio o use, ou seja, ele não deixa que a preocupação com a passagem constante do tempo o influencie, o faça tomar atitudes impensadas, desesperadas e o faça reduzir seu aproveitamento da vida ou deixar-se levar por desesperança. Obviamente, já sabemos ser o protagonista um ser já desesperado internamente, sem esperança de um futuro ou um presente melhor, pleno, em que as coisas façam sentido ou tenham qualquer valor mensurável. Por essa razão, o relógio não seria algo que o fizesse mudar a visão de mundo, mas sim algo que reforçaria todo esse ceticismo em relação ao mundo e às coisas que fazem parte dele.

A recontextualização ocorre, nesse caso, quando percebemos que o relógio aqui não simboliza o objeto que marca as horas em si, como atestam os dicionários: “maquinismo que serve para marcar as horas [...]; qualquer instrumento de marcar tempo” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3475); “maquinismo ou aparelho que serve para marcar o tempo e indicar as horas” (HOUAISS, 2009). Por outro lado, o “relógio” a que se refere André é o tempo em si mesmo, a passagem desse que é indicada pelos relógios, o futuro incerto e temeroso.

O narrador-personagem não se deixa levar pela passagem temporal, visto que ele já sabe que nada de esperançoso virá com isso, já que o caos de sua vida não pode ser resolvido com o tempo, pois é interno e não externo. Sua única esperança já se esgotou, e não há prazo temporal que possa trazê-la de volta.

Nesse sentido, notamos a próxima ocorrência, ainda contando com a comparação realizada pelo protagonista entre sua vida e um relógio:

(24) [...] a um menino é permitido ver coisas que não se permitem a um adulto, eu ou o gato era a mesma coisa, o relógio branco na parede pulsando os segundos, os minutos. (CARVALHO, 2002, p. 262). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 101)

Ora, o que controla nossa vida e nos permite estar vivos não é nada mais, nada menos, do que nosso coração, sua pulsação constante que bombeia o sangue para nossos órgãos. Caso aquele pare de funcionar, esses consequentemente também cessam suas atividades, tendo em vista que não mais terão sangue nem oxigênio, condições necessárias para o funcionamento normal de um corpo. Assim, para que uma vida possa ocorrer, a pulsação do coração é condição *sine qua non*.

No entanto, já vimos que a crítica de André recai sobre o tempo, o qual ele materializa na figura do relógio. Para ele, os seres humanos que fazem parte desta existência se deixam reger pelo tempo, fazendo desse uma necessidade, uma condição necessária para viver. O tempo, na crítica do protagonista de *A Chuva Imóvel*, é o Senhor de todas as vidas humanas, sendo responsável por todas as ações realizadas pelos seres, por todas suas preocupações, seus anseios, suas atitudes e, principalmente, suas esperanças de um futuro melhor. É nesse último aspecto que ele mais irá se debruçar, notadamente por já ter perdido toda e qualquer esperança de melhora no porvir. Assim, o relógio, símbolo da passagem do tempo, é o objeto que controla a existência humana, a qual se apega nesse símbolo e na esperança que ele traz de que, um dia, suas vidas serão melhores.

É nesse sentido que ocorre a recontextualização da lexia “pulsar”, no trecho acima. Pois bem, a partir da compreensão de que o coração, órgão responsável pela pulsação de sangue por todo o corpo, é encarregado de nos dar a vida, e tendo em vista que, para André, os humanos deixam que o tempo, representado em *A Chuva Imóvel* pelo relógio, motive toda e qualquer atitude, nada mais justo do que, nesse mesmo romance, ser realizada a metáfora da pulsação na figura de um relógio, transformando-o no agente incumbido de fazer com que tudo o que aconteça no corpo humano seja provocado por ele. Assim, ao invés de o coração pulsar o sangue, fazendo com que o corpo seja capaz de se locomover, pensar e agir, é o relógio que “pulsa” os segundos e minutos, de forma que isso influencie todas as atitudes humanas neste mundo.

Desse modo, “pulsar”, que nos dicionários possui sentido de: “impelir, repelir, pôr em movimento por meio de impulso” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3321) e “movimentar por meio de impulso; impelir, impulsionar; pôr em movimento ritmado” (HOUAISS, 2009), passa a ter o significado de finalidade incluso, sendo esse motivador para a existência humana.

Sendo assim, notamos que, para a compreensão total dos fenômenos de recontextualização de palavras analisados em (22), (23) e (24), o entendimento da narrativa na qual os exemplos ocorrem é fundamental, já que, para as três análises, observar o contexto de uso do protagonista da obra e a interpretação que ele confere a cada unidade foi o ponto de partida. É possível, assim, argumentar em favor de uma análise qualitativa por essa ser extremamente proveitosa nos pormenores que, para um leitor desatento, poderiam passar desapercebidos.

Nesse viés, vejamos três análises de ocorrências em um mesmo contexto, tendo todas uma expressividade metafórica, sendo totalmente dependentes de um sentido criado por Campos de Carvalho:

(25) [...] o laço da forca me apertava demais, não estava maduro para ser colhido pela polícia, e nem tão velho para despencar por conta própria, como um jenipapo e suas rugas. (CARVALHO, 2002, p. 255). (FICHAS LEXICOGRÁFICAS – 98, 99 e 100)

Os dados acima demonstrados são expressivos na obra ao compreendermos, conforme expusemos no item 1.3, que André não encontra saída ou motivação para sua existência única, sendo a morte sua única opção. A morte, para ele, só será atingida pelo suicídio, o qual ocorrerá, conforme premeditado pela passagem acima, pelo enforcamento (“o laço da forca

me apertava demais"). No entanto, essa mesma passagem revela que, naquele momento, o protagonista não se sentia pronto, ou corajoso, o suficiente para dar um fim a si próprio.

Essa interpretação é feita através de uma metáfora utilizada por Campos de Carvalho. Ele compara o personagem a um fruto, mais especificamente a um jenipapo, a qual fica dependurada nos galhos do jenipapeiro, árvore que dá tal fruto. A imagem criada pelo autor é deveras criativa, já que, ao se suicidar por enforcamento, o corpo de André ficará pendurado tal qual o da fruta.

Por essa razão, todo o vocabulário referente ao suicídio do narrador da obra é substituído por expressões usadas e relacionadas ao universo dos frutos. Dessa forma, "maduro" se refere ao fato de ele estar pronto e com coragem para se matar, "colhido" faz referência ao momento em que ele é encontrado morto pela polícia e retirado do local em que esteve pendurado, enquanto "despencar" seria uma segunda situação, em que o próprio peso de seu corpo o levaria ao suicídio e a não ficar dependurado por tanto tempo na corda. Assim, para a primeira lexia, cujos significados são: "amadurecido, sazonado, que atingiu a madureza ou a perfeição [...] Experimentado, completamente formado" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2456); "que, havendo atingido seu completo desenvolvimento, poderia ser comido, colhido ou semeado (diz-se de produto vegetal)." (HOUAISS, 2009), a metáfora criada amplia o significado da lexia para que ela se refira também aos humanos, com o sentido de "pronto, com coragem o suficiente para determinada atitude". É digno de ressalva o fato de ambos os dicionários registrarem um significado relacionado aos seres humanos, não só aos frutos, mas tal sentido se relaciona à idade desses, significando o indivíduo de idade avançada, idoso.

A segunda lexia, por sua vez, presente em uma das definições de "maduro", relaciona-se ao momento em que André, após ter se suicidado, é encontrado pela polícia na cena em que tudo haveria de ocorrer. Seus significados registrados nas obras lexicográficas são: "tirar, separar da haste (flôres, frutos ou fôlhas)" (CALDAS AULETE, 1964, p. 849); "apanhar, tirar (flores, frutos, folhas etc.), separando do ramo ou da haste; [...] pegar, aprisionar, prender, segurar" (HOUAISS, 2009). Notamos que, em Houaiss (2009) há o significado próximo ou mesmo o significado próprio que foi utilizado por Campos de Carvalho em *A Chuva Imóvel*, mas que isso não ocorreu em Caldas Aulete (1964), fazendo com que, mais uma vez, consideremos a relevância do autor na expansão do léxico da língua portuguesa.

Por fim, "despencar" é a lexia cujos significados atestados estão relacionados ao significado utilizado em (25), principalmente o de Houaiss (2009). Entretanto, seria leviano não a considerar parte integrante da metáfora criada pelo autor, de forma que a interpretamos como dado relevante para a análise. Dessa maneira, assim foram elaborados seus significados

nos dicionários: “separar do cacho (pencas de bananas, frutos, bagos, etc.) [...] cair desastradamente de grande altura” (CALDAS AULETE, 1964, p. 1186); “separar(-se) da penca, do cacho (esp. banana); desprender(-se) de onde estava preso ou apoiado” (HOUAISS, 2009). Novamente, notamos como os sentidos atestados em Houaiss (2009) se relacionam de melhor forma com o utilizado na obra carvaliana, de forma a que o consideramos motivador de mudanças linguísticas e influente autor para as gerações que a ele sucederam.

Por fim, ainda nesse sentido do suicídio por enforcamento do protagonista, vejamos a última unidade lexical recontextualizada em *A Chuva Imóvel:*

(26) Isso sem falar da corda, do ultimato da corda, cujo laço não sinto no pescoço mas tampouco sinto o próprio pescoço: e que me deixa assim em suspenso, senão suspenso. Uma porta talvez fosse a solução. (CARVALHO, 2002, p. 285). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 105)

O dado acima, também relacionada à morte do narrador, evidencia-nos a polissemia da unidade “suspenso”. A primeira ocorrência possui o significado de algo não acabado, incompleto, não concluído, o qual está atestado nos dicionários: “Cujo estado incompleto fica como em suspensão” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3855); “que se interrompeu temporária ou definitivamente; [...] que tem sentido incompleto” (HOUAISS, 2009). A segunda ocorrência, do mesmo modo, traz o sentido oposto a “despencar”, da ocorrência (25), isto é, de algo pendurado: “sustentado no ar, pendente” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3855); “sustentado do alto; pendente, pendurado” (HOUAISS, 2009).

Apesar de estarem atestados em ambos dicionários, os dois significados da lexia possuem uma importante expressividade na constituição da narrativa, o que nos fez considerá-la uma recontextualização. Inicialmente, consideramos o fato de Campos de Carvalho ter utilizado, novamente, como em toda a obra, a morte como escapatória à não aceitação de André nesse mundo. Isso pode ser comprovado pelo fato de ele relacionar o fato de estar suspenso, isto é, pendurado, prestes a se suicidar, como sua única saída. No entanto, ele, mais uma vez, não se sente pronto para tal ato, tendo que procurar outra alternativa. O que legitima tal interpretação é a aproximação da palavra “suspenso” com “porta”, presente no período seguinte, uma unidade já analisada nesse mesmo romance e interpretada como a fuga do protagonista dessa vida. Assim, estar “suspenso” não foi uma “porta” encontrada por André, e a morte, o suicídio, acabou não sendo, naquele momento, sua evasão.

Em segundo lugar, coadunamos a análise realizada por Oliveira (2013). A autora afirma que, através dessa passagem, não há como ter certeza de que André está, de fato,

pendurado à corda no momento em que escreve tais palavras, nem que, caso ele esteja, que o suicídio realmente aconteça. Dessa forma, o que Campos de Carvalho faz é um jogo de palavras, utilizando a lexia "suspenso" com dois sentidos diferentes, mas não para caracterizar o narrador, mas sim o leitor, que tem sua interpretação da passagem incompleta, isto é, "em suspenso" (OLIVEIRA, 2013, p. 130-131).

Isso nos leva a pensar em uma palavra que se relaciona foneticamente a "suspenso", qual seja, "suspense". Tais unidades são chamadas, na fonologia, de pares mínimos, visto que possuem todos os fonemas em comum, exceto um. Por não conseguirmos obter um esclarecimento sobre a situação de André nessa passagem – não sabemos se ele está suspenso ou se ele suspendeu tal ação -, é criado um suspense sobre sua morte ou não, se, naquele momento, o suicídio foi uma saída para ele. Cria-se, assim, uma incerteza, um suspense no leitor, que não possui certezas sobre a condição do personagem.

Por todo esse jogo de palavras, o qual desemboca em uma interpretação não concluída, "suspenso" acaba sendo uma lexia recontextualizada, pois resulta em um significado incompleto, sem conclusão, ou seja, "suspenso". Dessa maneira, a própria lexia se explica por ela mesma, sendo inovadora.

Enfim, notamos, através das análises acima expostas, como o fenômeno da recontextualização de palavras contribui efetivamente para a assimilação do terceiro romance de Campos de Carvalho a compor *Obra Reunida*, *A Chuva Imóvel*. Seguiremos, assim, com as análises do último romance da coletânea, *O Púcaro Búlgaro*.

6.4 A recontextualização de palavras em *O Púcaro Búlgaro*

Vejamos, agora, algumas ocorrências de *O Púcaro Búlgaro*, último romance a compor a *Obra Reunida*, o qual, conforme já mencionado no capítulo inicial deste estudo, é um dos que mais busca a eloquência no uso linguístico:

(27) Mesmo que ficasse um dia definitivamente demonstrada a inexistência da Bulgária, ou das Bulgárias, ainda assim continuariam a existir búlgaros – do mesmo modo como existem lunáticos que nunca foram e jamais irão à Lua. (CARVALHO, 2002, p.343). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 119)

Neste fragmento, a palavra "lunático" carrega consigo o traço semântico "da lua", isto é, de algo relativo à lua. Ainda assim, observamos que Campos de Carvalho utiliza o referido

traço semântico ligado a seres humanos, ou seja, "lunático" classificaria algo ou alguém relativo à lua. No entanto, sabemos que isso não existe, pois não há seres de origem lunar. A motivação inicial do autor se deve ao sufixo "–ático", que, dentre outras funções, forma adjetivos com o significado "relativo a", em semelhança a "midiático" (relativo a mídia), "sintático" (relativo a sintaxe).

Ademais, outra possível motivação está no paralelismo criado entre os pares Búlgaria (local)/ búlgaro (relativo a Bulgária) e lua (local)/ lunático (relativo a lua). Através dessa construção, Campos de Carvalho aplica a lógica gramatical para produzir o sentido desejado. Ao lançar mão de um paralelismo sintático, os sentidos das palavras se assemelham, de forma a manter a coerência da estrutura. Assim, se "búlgaro" é algo ou alguém relativo à Bulgária, "lunático" seria algo ou alguém relativo à lua, mesmo essa possibilidade sendo inexistente na lógica racional do mundo. No entanto, como vimos no item 1.4, o romance *O Púcaro Búlgaro* não obedece a lógica racional e normativa do mundo, criando sua própria lógica baseada na transgressão dessa racionalidade.

Podemos enxergar, portanto, a lógica do escritor. Ele percebeu ser possível formar a unidade "lunático", e ela ter o sentido explicado acima devido ao acréscimo do sufixo, mesmo sendo comprovadamente impossível a existência desse sentido no mundo real (não há seres de origem lunar). Ou seja, a língua permite formar uma palavra cuja combinação não fere qualquer regra ou norma linguística, mas fere uma norma social e lógica do mundo extralinguístico. Aplicando essa lógica ao enredo de *O Púcaro Búlgaro*, o qual gira em torno de comprovar a existência da Bulgária, o personagem percebe que, mesmo que tal país não exista (realidade extralinguística), é possível que existam búlgaros, já que a língua permite a existência dessa palavra. Trata-se, portanto, de um jogo lógico entre duas construções linguísticas que possuem o mesmo significado.

Por fim, nota-se que a utilização da palavra "lunático" não é desmotivada. Isso porque os sentidos que essa unidade possui, observando-se a consulta aos dicionários utilizados nesta pesquisa, estão relacionados a loucura, excentricidade. De acordo com tais obras, lunático designa: "Louco, maníaco, telhudo [...] excêntrico, extravagante; adoidado" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2430); "indivíduo de humor inconstante, ou que é dado a divagações, que vive no mundo da Lua [...] que ou aquele que procede de maneira incoerente, com excesso de excentricidade; maluco" (HOUAISS, 2009). Ora, sabemos se tratar de personagens loucos, e que vivem suas vidas e usam suas loucuras como um escape aos males do mundo regrado e normativo. Não é surpresa, portanto, que a construção lógica dessas figuras seja pautada em

uma lexia cujo significado no mundo considerado normal designe justamente indivíduos como os próprios personagens.

Passemos, agora, às ocorrências que ilustram a utilização da metonímia na narrativa, a fim de atingir o fenômeno da recontextualização:

(28) O autor, profundamente sensibilizado ante as ponderações de ordem moral e outras que lhe eram apresentadas, pediu um pequeno prazo para deliberar sobre o assunto, não sem antes ter tido o cuidado de verificar dentro do capuz que se dizia búlgaro se havia mesmo algum búlgaro dentro. O que havia. (CARVALHO, 2002, p. 314). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 108)

(29) Outro dia o troglodita quis convencer-me de que um dos meus quadros estava de cabeça para baixo, e o pior é que nem era um quadro, era um espelho. Possivelmente me viu debruçado à janela, por trás, e concluiu que aquilo não poderia ser uma bunda nem coisa parecida, daí meter-se a fazer crítica impressionista. Vê-se que ele não deve ver bunda há muito tempo, o infeliz. (CARVALHO, 2002, p. 322).

(30) Uma bunda que passava fez com que Radamés tardasse um pouco a responder. (CARVALHO, 2002, p. 352). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 121).

Durante a coleta dos dados, foi possível notar como Campos de Carvalho lançou mão do fenômeno da metonímia, especialmente em *O Púcaro Búlgaro*, para recontextualizar determinadas lexias. Nos trechos acima, vemos uma ocorrência da unidade "capuz" e três da unidade "bunda".

As duas unidades, nos contextos apresentados, significam a mesma coisa pelo processo metonímico: ser humano, pessoa. Cada uma a seu jeito, a finalidade foi a mesma, designar, através da parte pelo todo, um personagem humano na narrativa.

A primeira unidade é utilizada para designar "**1** parte de capa, capote, hábito ou similar que cobre a cabeça, ger. presa à vestimenta; capucho" (HOUAISS, 2009). Em outras palavras, "capuz" é parte de vestimenta, um adereço. No entanto, no uso carvaliano, a lexia passou a designar um ser humano, o qual não podia ser visto, justamente por cobrir o rosto com o "capuz" de sua blusa. Assim, lançando mão da metonímia, o protagonista Hilário afirma estar conversando com um "capuz", e confere a ele traços humanos, de forma que possa realizar ações, tais como falar, andar, ser natural da Bulgária, procurar o narrador e até mesmo oferecer-lhe dinheiro. O "capuz", portanto, se humaniza, visto que a pessoa que o utiliza parece não ter rosto, ou não o deixa a mostra.

A lexia "bunda", por sua vez, foi diversas vezes utilizada metonimicamente para se referir a um ser humano. Seu uso é um caso claro de metonímia, visto que se toma

determinada parte do corpo para se referir a ele todo. Tal parte, segundo os dicionários, são as "nádegas" (CALDAS AULETE, 1964, p. 606). Pôde-se observar, ainda, após a consulta aos dicionários, como tal lexia já havia sofrido uma extensão de sentido, a fim de se referir ao ânus, talvez em uma tentativa de eufemismo. Esse significado está atestado no Houaiss (2009): "**2** conjunto das nádegas e do ânus **2.1** o ânus".

No entanto, utilizar tal lexia como uma metonímia do corpo humano é inovador, configurando uma recontextualização. É interessante, ainda, notar que os significados de "bunda", nas ocorrências, possuem teor distinto. Nos exemplos em (29), "bunda" tem caráter impessoal, referindo-se a qualquer pessoa, de qualquer idade, sexo etc. Por outro lado, a ocorrência apresentada em (30) especifica que "bunda" se refere a uma mulher, e o uso não ocorre por acaso, visto que o personagem Radamés é, por diversas vezes, caracterizado como um personagem desejoso por mulheres. Assim, utilizar as nádegas para fazer referência a uma pessoa do sexo feminino não é desmotivado, visto que é assim que elas são vistas pelo personagem.

Outro uso parecido de metonímia, que faz referência a uma mulher por meio de seus atributos sexuais, e que chamam a atenção do professor Radamés, pode ser observado no exemplo abaixo, no qual os "seios" são mencionados para, metonimicamente, designarem uma mulher:

(31) O professor Radamés quase metia o nariz entre um par de <u>seios</u> que passava como que numa bandeja. (CARVALHO, 2002, p. 353). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 122)

Por fim, vejamos um último exemplo de recontextualização em *O Púcaro Búlgaro*, o qual já havia sido comentado e analisado por Oliveira (2013):

(32) Ele próprio, e sorriu o mais amarelo de seus sorrisos, já fora atacado de bulgarite aguda na sua mocidade, podendo assim falar de <u>cátedra</u> sobre o assunto – e aproveitou para sentar-se na sua <u>cátedra.</u> (CARVALHO, 2002, p. 329). (FICHA LEXICOGRÁFICA - 113)

A unidade "cátedra" foi utilizada duas vezes, no excerto acima, com significados distintos. Ainda assim, tais significados estão atestados, visto que o primeiro uso faz referência à autoridade do personagem psicanalista, indicando sua superioridade intelectual, ao passo que o segundo remete ao próprio objeto cadeira, utilizado para se sentar. Ainda assim, a análise apresentada por Oliveira (2013) nos faz repensar o uso, criando uma

recontextualização. Segundo o que ela apresenta, e mesmo como já mencionamos algumas vezes ao longo do trabalho, é comum Campos de Carvalho lançar mão de discursos de autoridade para, logo depois, o negar ou ironizar. Vejamos o que a autora afirma:

> Um procedimento recorrente na escrita de Campos de Carvalho é a utilização de um mesmo vocábulo em seus sentidos literal e figurado. Tomemos no trecho acima, por exemplo, o vocábulo "cátedra". No primeiro caso, ele expressa uma noção de autoridade e, no segundo, é utilizado como sinônimo de cadeira. Contudo, se tomarmos o segmento em seu contexto, recordaremos que, na consulta descrita pelo narrador, o psicanalista é, também, portador de uma postura ilógica, e admite, inclusive, ter sofrido de bulgarite, o que cria uma identificação entre paciente e analista. Portanto, é possível ler no episódio a desautorização do discurso psicanalítico, o que confirmamos por meio do vocábulo em questão, pois a segunda expressão tanto pode ser lida como uma simples atitude do analista de sentar-se no móvel como, também, evidenciar uma forma de subjugar ou eliminar a própria autoridade. (OLIVEIRA, 2013, p. 82).

Dito de outro modo, todo o acontecimento da visita do personagem Hilário, que notadamente não se encaixa nos padrões da sociedade, a um psicanalista revela que, também esse último personagem, não pode ser considerado normal. O diálogo entre os dois é revestido de uma normalidade, mas não tem sentido algum, e a conclusão a que chega o médico é simples: Hilário há de estar, mais cedo ou mais tarde, na Bulgária. Tal conclusão a que chega o psicanalista se deve ao fato de ele mesmo ter revelado já ter sofrido de bulgarite aguda, ou seja, ele compartilha da mesma lógica absurda que rege toda a narrativa de O Púcaro Búlgaro. Sendo assim, "cátedra" passa a não designar mais um discurso de autoridade, conforme apresenta o Caldas Aulete (1964, p. 1704): "*Falar de cadeira*, falar com profundo conhecimento de causa"; mas sim de loucura, de insanidade, de algo completamente absurdo, ou, até mesmo, um discurso de experiência, de vivência em situação semelhante. Ainda, é possível pensar que, por ter uma "cátedra" em seu consultório, poder falar algo "de cátedra" pode apenas significar que tal situação foi vivida pelo psicanalista naquele mesmo local, sentado em sua própria cadeira. É nesse ponto que a recontextualização ocorre, já que há a total desconstrução do discurso de autoridade e especialidade que, supostamente, o psicanalista teria.

Além da recontextualização em lexias simples, notamos que, em *O Púcaro Búlgaro* há ocorrências de recontextualização de expressões sintagmáticas consolidadas na língua portuguesa. Tais expressões são fruto de uma recontextualização anterior em alguma lexia simples, o que gera um significado diferente para a expressão do sentido da lexia por si só. No entanto, Campos de Carvalho usa as expressões de forma a fazer com que as lexias tenham

seus sentidos usuais, e não o sentido diferente que a unidade possui quando presente na expressão. Dessa forma, a recontextualização do autor ocorre pelo processo inverso, de desrecontextualizar algo que já teve seu sentido alterado. Observemos os exemplos:

(33) Saí para matar o tempo e matei-o. Quando cheguei em casa o meu relógio de pulso havia parado, e numa hora que nada tinha a ver com o tempo que passei na rua. (CARVALHO, 2002, p. 320). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 110)

A expressão destacada, "matar o tempo", é conhecida e muito usual em português, principalmente no Brasil. Apesar disso, notamos que tal expressão não está atestada em Caldas Aulete (1964), nem em Houaiss (2009). Por alguma razão, as duas obras não atestam a expressão. Ainda assim, é possível inferir, pelo contexto e saber popular, que o significado da expressão é "passar o tempo, gastar um período de tempo sem realizar atividade útil".

Porém, ao utilizar a expressão, a obra carvaliana a apresenta de forma diferente, tendo o verbo "matar" em seu sentido original, qual seja: "Arruinar, causar a perda de" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2539); "causar grande prejuízo ou dano a; arruinar" (HOUAISS, 2009). Dessa forma, quando Hilário afirma que saiu para matar o tempo, imaginamos que ele o fez com intuito de passar um período fora de casa, espairecendo, tirando todo o peso do planejamento da viagem à Bulgária de sua cabeça. Esse é o sentido suscitado, inclusive, pela primeira ocorrência da expressão.

Contudo, logo na sequência, o protagonista afirma que realizou a ação, e a explica: seu relógio de pulso havia parado de funcionar, tinha sido arruinado e perdeu sua função. Assim, a expressão "matar o tempo" tem um novo sentido atrelado a ela, já que o relógio é compreendido, assim como em *A Chuva Imóvel*, como o representante do tempo, matá-lo seria fazê-lo parar de funcionar, causar dano a ela de forma que ele não mais cumprisse sua função de marcar as horas.

Nota-se, dessa forma, que, na expressão "matar o tempo", o verbo que a integra tem seu significado original veiculado, e não o sentido metafórico que a expressão exige para se concretizar com eficiência. Esse exemplo também ocorre em outra expressão, a qual pode ser vista a seguir:

(34) Pelo visto, meu relógio de pulso de pulso só tem o nome – ou é o meu pulso que anda fraco, e de fato anda, e já mal dá conta de mim e dos meus problemas. (CARVALHO, 2002, p. 321). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 111)

Tal expressão sintagmática está atestada em um dos dicionários utilizados como crivo desta pesquisa, e seu significado está assim elaborado: "*Relógio de pulso*, relógio prêso a uma pulseira de couro, plástico ou metal, próprio para usar-se no pulso; relógio-pulseira" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3475). Assim, observamos que a expressão designa um objeto, e que o significado usado por uma das lexias na composição faz referência a uma parte do corpo, mais especificamente, o pulso.

Ainda assim, Campos de Carvalho joga com esses significados, explorando a polissemia dessa unidade lexical, de forma a alterar o significado da expressão como um todo. Assim, ele observa que a lexia "pulso", além de fazer referência à parte do corpo, possui outros sentidos, atestados pelos dicionários: "região correspondente ao ponto em que o antebraço se articulou com a mão [...] Pulsação arterial, que se faz sentir em diversas partes do corpo mas particularmente na região do pulso" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3322); "pulsação intermitente de uma artéria superficial, resultante da passagem de onda sanguínea; ponto em que o antebraço se articula com a mão, onde se sente melhor esse batimento" (HOUAISS, 2009).

Conforme observado, além do significado do local, no corpo humano, em que se unem antebraço e mão, "pulso" se refere também à pulsação, isto é, os batimentos cardíacos resultantes do bombeamento de sangue pelo corpo. Assim, é esse segundo sentido que o autor uberabense veicula na expressão, recontextualizando-a como um todo. Dessa maneira, "relógio de pulso" passa a não mais designar o marcador de tempo utilizado na região do pulso, mas sim um dispositivo que mede a pulsação arterial de pessoas. O protagonista Hilário, portanto, por possuir uma pulsação fraca, perde seu relógio de pulso, que não consegue marcar essa passagem de onda sanguínea, a qual é fraca em seu corpo.

(35) E começou a acariciar o gato que havia trazido para uso próprio, e que me pareceu antes o dorso de sua mão esquerda. [...] A primeira condição para se ir à Bulgária [...] é acreditar piamente que ela esteja ao alcance da nossa mão, como este belo gato está sempre ao alcance da minha mão. (CARVALHO, 2002, p. 334).

(36) O professor Radamés pode ser um grande bulgarólogo, mas o que ele é mesmo é um grande gastrônomo. [...] Começo enfim a compreender em toda a sua extensão o que se quer dizer quando se diz que fulano tem uma mão de gato. (CARVALHO, 2002, p. 336-337). (FICHA LEXICOGRÁFICA – 114)

Nos excertos acima, notamos as primeiras menções a outra expressão recontextualizada, “mão de gato”. Os trechos em (35) demonstram como Radamés, primeiro expedicionário a se juntar a Hilário, e professor de bulgarologia e bulgarosofia, afirma e acredita carregar sempre um gato em sua mão, mas logo notamos que, na verdade, não há gato algum, apenas a própria mão do personagem, que vive a buscar alimentos. Reiteramos, aqui, o que foi afirmado por Oliveira sobre esse personagem:

> [...] o professor constitui-se como um mestre na arte do absurdo, uma espécie de filósofo que tenta transmitir ao discípulo, no caso, Hilário, todas as nuances de seu sistema de pensamento. (OLIVEIRA, 2013, p. 68).

Assim, chegamos à interpretação do segundo trecho, no qual o protagonista do romance percebe como Radamés é uma pessoa que vive a comer, sempre pegando com suas mãos (inclusive a de gato) as comidas, o que o faz ser classificado como um “grande gastrônomo”.

A expressão “mão de gato”, atestada nas duas obras lexicográficas consultadas, não apresenta o significado proposta em *O Púcaro Búlgaro*. Em Caldas Aulete (1964, p. 2505-2506, grifo do autor), observamos: “**MÃO-DE-GATO¹**, *s. f.* arrebique, côr artificial com que se pinta o rosto. **MÃO-DE-GATO²**, *s. m.* (Bras.) planta conarácea”. Em Houaiss (2009), por sua vez, temos: “pequena árvore (*Connarus erianthus*), da fam. das conaráceas, nativa do Brasil, de folhas coriáceas, flores amarelas em espigas e folículos internamente pubescentes”.

Dessa forma, em ambas as obras temos acepções referentes a uma planta, e em uma delas uma entrada que designa uma coloração com que se pinta o rosto. No entanto, a expressão utilizada por Campos de Carvalho não condiz com nenhum dos significados mencionados. Muito pelo contrário, novamente o autor faz com que a alteração do significado de uma das lexias resulte em uma mudança de significado de toda a expressão. No caso acima, trata-se da lexia “gato”.

Dentre as acepções veiculadas a essa unidade, temos: “animal doméstico, mamífero, da ordem dos carnívoros, família e tipo dos felinos [...] Gatuno, ladrão” (CALDAS AULETE, 1964, p. 1916-1917); “pequeno mamífero carnívoro, doméstico, da fam. dos felídeos [...]; indivíduo ligeiro, esperto [...]; ladrão, gatuno” (HOUAISS, 2009). Assim, além de fazer referência ao animal, o substantivo também traz consigo o significado de indivíduo que rouba, esperto, larápio. Tal análise, também feita por Oliveira (2013), resultou no significado, enfim, da expressão “mão de gato” como colocada na obra carvaliana.

Desse modo, a expressão faz menção a própria personalidade do professor Radamés, qual seja, de um indivíduo muito esperto, que busca a moradia de Hilário apenas com o intuito de comer o quanto puder de graça, pegando os alimentos todos com sua mão, ou seu gato, como ele mesmo diz.

A compreensão desse sentido para tal expressão nos leva a outras recontextualizações de expressões e unidades correlativas, conforme o exemplo abaixo nos mostra:

(37) O professor fala de boca cheia, arrotando sabedoria, mas seus sofismas já não me impressionam tanto quanto no início, embora reconheça que em se tratando da Bulgária ele tem sempre a faca e o queijo na mão, tendo já devorado como já devorou tudo que lhe apareceu na frente, por mais indigesto que fosse. (CARVALHO, 2002, p. 341). (FICHAS LEXICOGRÁFICAS – 116 e 117)

Tendo em vista que o professor Radamés, larápio que é, além de alguém que ingere uma grande diversidade de alimentos, é descrito da forma acima, notamos a comparação feita por Campos de Carvalho entre a suposta sabedoria do personagem a respeito da Bulgária e sua índole duvidosa de ladrão de comida. Assim, todas as expressões destacadas se sobressaem por seu sentido polissêmico, podendo ser interpretado tanto no sentido de sabedoria quanto de ingestão de comida.

Dessa forma, "falar de boca cheia" pode ser tanto "dizer francamente, sem rebuço" (CALDAS AULETE, 1964, p. 562), "com orgulho" (HOUAISS, 2009), quanto ter o significado usual, lógico, isto é, com a boca cheia de alimentos que estão sendo ingeridos. Do mesmo modo, "arrotar sabedoria" é tanto "dar arrotos" (CALDAS AULETE, 1964, p. 396), "emitir (gases estomacais) pela boca" (HOUAISS, 2009) por causa da ingestão de alimentos, quanto "vangloriar-se de, alardear, blasonar" (HOUAISS, 2009) pela sabedoria a respeito da Bulgária.

Ademais, há recontextualizações pela própria interpretação literal da expressão, assim como em "falar de boca cheia". A expressão "ter a faca e o queijo na mão", atestada em ambos os dicionários, apresenta apenas o sentido metafórico, qual seja: "estar senhor absoluto da situação, ter ao seu alcance todos os elementos para fazer o que mais lhe apraz" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1695); "dispor dos meios para impor uma vontade" (HOUAISS, 2009). Esse significado faria sentido na narrativa pela autoridade da personagem Radamés no assunto da expedição à Bulgária, isto é, por ser uma professor e especialista em bulgarologia, ele seria senhor absoluto das decisões e informações a respeito da viagem. Entretanto,

sabemos ser tal personagem também um ladrão, mais especificamente de comida, e a expressão passaria, então, a ter sentido se considerada literalmente, isto é, "ter a faca e o queijo na mão" significaria, exatamente, ter em sua posse uma faca e um queijo, e estar ingerindo esse alimento regularmente. Novamente, assim como aconteceu com "falar de boca cheia", o entendimento da situação da personagem nos faz avistar possibilidades de retirar a expressão de seu sentido metafórico e considerá-la em seu sentido literal.

Por fim, "devorar" pode ser compreendido no mesmo sentido. Metaforicamente, teria o significado de "Consumir [...] Absorver" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1212), "absorver com ligeireza e avidez" (HOUAISS, 2009), relativo ao conhecimento sobre a Bulgária. No entanto, compreendendo-o no sentido literal, usual, teríamos a relação com a alimentação do professor, que não mede escrúpulos nem seleciona os alimentos sabiamente: "comer com sofreguidão; engolir" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1212); "comer com sofreguidão ou voracidade; engolir" (HOUAISS, 2009).

Assim sendo, todo o léxico veiculado na passagem exposta em (37) veicula significados metafóricos e literais, e devemos ter em mente que, em se tratando do personagem professor Radamés, cujas características foram expostas na análise (36), a respeito da unidade lexical "gato" e da expressão "mão de gato", é possível recontextualizar duas das expressões recentemente expostas, quais sejam "falar de boca cheia" e "ter a faca e o queijo na mão", visto que os significados literais delas não estão atestados nos dicionários consultados. Dessa maneira, até mesmo a simplificação de palavras, trazendo-as do significado metafórico para o usual, confere significados inovadores para sequências de palavras, configurando expressões sintagmáticas.

Vemos, assim, que a recontextualização de palavras está presente em diversas ocorrências das narrativas que compõem a *Obra Reunida* de Campos de Carvalho, de forma a conferir sentidos expressivos e estilísticos para a compreensão dos aspectos e dos objetivos de suas produções prosaicas. A obra carvaliana, assim, se prova um *corpus* extremamente produtivo para análises linguísticas, sobretudo no nível do léxico, no campo da mudança de significado em lexias.

Esperamos, com os trechos apresentados e as análises feitas, contribuir tanto para o estudo do fenômeno da recontextualização de palavras, quanto para o resgate e compreensão da obra de Campos de Carvalho. É notável como tal autor utiliza, expressivamente, recursos linguísticos em prol da construção de sentido de seus romances.

Sobrelevamos, enfim, o fato de tais análises serem, até certo ponto, de caráter pessoal do autor desta pesquisa, já que o discurso literário abre possibilidades diversas de

interpretação. Contudo, o estudo da literariedade e a aprofundada compreensão das narrativas permitem tais análises serem plausíveis e totalmente baseadas nas características e objetivos de Campos de Carvalho, quando da escrita dos romances. Ademais, todas as análises expostas, para os 4 romances, têm ancoragem nas explicações apresentadas no capítulo inicial desta pesquisa, o qual trouxe a compreensão de cada obra em sua singularidade. Por essa razão, não priorizamos nenhuma das quatro obras, apresentando uma quantidade igual de análises para cada uma, de forma a democratizar a coletânea carvaliana e sermos significativos no estudo do fenômeno em sua *Obra Reunida*.

A título de conclusão, consideramos de extrema relevância a compreensão das obras e das características estilísticas do autor para a compreensão das unidades recontextualizadas e das análises aqui feitas, e destacamos, mais uma vez, o fato de ancorarmos sempre nossas interpretações em aspectos antes mencionados, comprovando-os através do texto e tendo como base o conceito de literariedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura das narrativas de Campos de Carvalho suscita dúvidas e questionamentos sobre o modo como o autor constrói linguisticamente as obras, e as resoluções dessas perguntas são primordiais para o completo entendimento de tudo o que permeia os aspectos literários das obras do autor, tais como enredo, personagens, narrador, entre outros. A primeira pergunta que nos levou a esta pesquisa, assim, foi sobre a relevância do significado e da seleção de cada unidade, por parte de Campos de Carvalho, para a totalidade de cada uma de suas obras. Tal questionamento nos motivou a elaborar as análises e a projetar, para o futuro, um vocabulário contendo as lexias utilizadas nas narrativas do autor. A segunda motivação para o presente trabalho foi o pouco reconhecimento e valor conferidos ao autor e à sua participação na construção da literatura brasileira, tanto nos manuais científicos, quanto no saber popular. A indagação final deste estudo, desse modo, foi o desafio de conseguir unir a interpretação dos romances carvalianos aos preceitos teóricos dos estudos linguísticos, de modo a fazer com que estes justificassem a utilização das palavras naqueles.

Todas essas dúvidas nortearam a organização do texto, que se inicia justamente com a interpretação de cada uma das narrativas presentes em *Obra Reunida*, na ordem que aparecem: *A Lua Vem da Ásia*; *Vaca de Nariz Sutil*; *A Chuva Imóvel*; *O Púcaro Búlgaro*. Buscamos com essa apresentação justamente demonstrar tanto a relevância do autor para a formação do cenário literário nacional, quanto a importância de cada lexia na elaboração de seus romances. O segundo capítulo desta dissertação, dessa forma, veio com este intuito: apresentar as características que fazem do texto literário ele mesmo, de forma a ancorar toda a interpretação linguística que se seguiria, bem como já antecipar noções do estudo da língua, mais especificamente da Estilística.

Projetamos o capítulo seguinte, a respeito da recontextualização de palavras, baseados na indagação final, de unir a teoria linguística às interpretações de lexias em *Obra Reunida* de Campos de Carvalho. O quarto capítulo, dessa forma, retoma a motivação inicial, apresentando as noções que embasam o presente trabalho como um estudo preliminar para a futura elaboração de um vocabulário envolvendo a obra desse autor.

Tendo todas essas perguntas em mente, optamos pela utilização quase que exclusiva do método qualitativo na seleção das unidades, já que, além de ser mais proveitoso para uma análise como a que foi feita, ela auxilia em uma futura elaboração de obra lexicográfica, já que o *corpus* não é vasto, mas muito rico. Assim sendo, objetivamos preencher uma lacuna na interpretação dos romances de Campos de Carvalho, tendo em vista que a elaboração de um

vocabulário que contemple sua obra seria de grande valia para o público geral, que pouco ou quase nada conhece de seu estilo literário.

Para tal, partiu-se do estudo da linguagem carvaliana, sabidamente expressiva e inovadora, principalmente no que compete ao sentido, conforme foi possível observar a partir da quantidade de dados selecionados. Reiteramos: foram 537 unidades lexicais utilizadas com seu sentido menos usual, seja ele inovador ou não, sendo 124 totalmente neológicas. Busca-se, portanto, como encaminhamentos futuros, resolver a questão teórica a respeito do registro lexicográfico das lexias que sofreram recontextualização de palavras, a fim de registrá-las no vocabulário.

Justificamos o presente trabalho pautados em dois pilares: um social e outro científico. O primeiro pretende resgatar e auxiliar na divulgação da obra e da vida de Campos de Carvalho, um importante escritor brasileiro que, por diversos motivos, caiu no esquecimento do ideário literário nacional. O segundo, por sua vez, apresenta uma abordagem inovadora frente a obra carvaliana, por se tratar de um estudo linguístico, o qual nunca havia sido realizado até então.

Dessa forma, aqui, demonstramos de que forma o uso das palavras são importantes para a compreensão do texto literário do autor, para o entendimento de seus objetivos com os romances e para a interpretação de sua literatura como um todo, a partir do fenômeno da recontextualização de palavras. Em *Obra Reunida*, portanto, os exemplos de análises foram retirados tendo em vista os sentidos veiculados pelas unidades em seus diferentes contextos de uso. Fica óbvio, após uma leitura atenta, do início ao fim deste estudo, que, perpassando a compreensão dos romances, os estudos literários, estilísticos, lexicais e lexicográficos, há intensa valorização da linguagem na construção das narrativas por parte de Campos de Carvalho. É possível, ainda, afirmar que, um leitor que desconheça esse aspecto da produção carvaliana, pode ser extremamente prejudicado em sua leitura e compreensão da obra desse autor, de forma a não ser possível aceitar ou perceber as ironias, as metáforas, as quase brincadeiras lexicais que o autor realiza a todo momento. Nossas análises deixaram claro: não perceber um desses usos pode levar toda a obra para um outro viés, muito distante daquele pretendido pelo autor.

Nesse sentido, é correto e natural dizer que os textos do autor uberabense são únicos, cumprindo com total êxito o princípio da literariedade, exposto no capítulo 2 e utilizado ao longo de todo o trabalho como base para as análises. Destacamos, assim, que tal especificidade só se concretiza pelas escolhas lexicais, que são de extrema expressividade e produzem efeitos de sentido desejados pelo autor.

Por fim, o primeiro passo para essa elaboração de vocabulário já tem ponto de partida: elaborar modelos de verbetes que irão compor o vocabulário de Campos de Carvalho, a fim de resolver o problema do registro lexicográfico de palavras multissignificativas, como são as que sofreram recontextualização de palavras. Tais modelos são totalmente embasados nas fichas lexicográficas elaboradas, as quais podem ser consultadas nos Apêndices. Acreditamos que, pelos mesmos motivos que nos levaram a utilizar quase que exclusivamente o critério qualitativo, a elaboração do vocabulário não deverá fazer uso do critério quantitativo, importando-se com critérios de frequência e outras especificidades que uma produção como essa demandaria.

Através das informações fornecidas nesta pesquisa, tivemos a intenção de evidenciar a importância de cada unidade lexical para a compreensão e objetivos do texto carvaliano, além de esclarecer eventuais problemas de ordem teórica e analítica. Esperamos, de início, que o trabalho seja considerado relevante, mas também claro e objetivo. Além disso, almejamos estar realizando um estudo adequado, no caminho da ética, do conhecimento e da seriedade que uma pesquisa deste porte exige.

Temos a certeza da relevância do trabalho tanto para os estudos do léxico quanto para os estudos literários, principalmente os relacionados a obra de Campos de Carvalho. Sobrelevamos, outrossim, o fato de não termos considerado outras obras igualmente ricas do autor na elaboração deste estudo, tais como *Banda Forra* e *Tribo*, escritas e publicadas anteriormente às produções presentes em *Obra Reunida*. Ademais, os ensaios humorísticos presentes em *Cartas de Viagem e outras crônicas*, escritos no período pós *O Púcaro Búgaro* também nos interessa, mas não haveria coerência em trata-los aqui, já que objetivamos trabalhar apenas com romances carvalianos.

Ainda assim, encorajamos estudos com tais obras, bem como nos propomos a realiza-los posteriormente, em busca de uma maior clareza e objetivos mais bem consolidados a respeito da linguagem do autor mineiro. Deixamos em aberto, ainda, a utilização destas obras para a elaboração do vocabulário de Campos de Carvalho, ao qual nos mantivemos sempre ligados e intencionados a realizar em um futuro próximo.

Este trabalho, enfim, pode ser considerado de extrema relevância no quesito cultural e social, no resgate de uma memória literária, bem como de um autor e de uma região que sempre produziu importantes escritores, sejam eles romancistas ou não, para o cenário brasileiro. Além disso, fortalece a conjuntura linguística, literária e, porque não, das Letras em Uberaba, uma cidade que cresce na área e me presenteou com a apresentação à literatura de Campos de Carvalho.

Resta, agora, em posse dos dados e das análises aqui apresentadas, elaborar com extrema destreza e cuidado o vocabulário carvaliano, o qual certamente será de grande auxílio para futuros - e antigos – leitores desse escritor. Certamente, resolvidos os impasses lexicais, sejam eles lexicográficos ou lexicológicos, haverá maior facilidade no manuseio dos dados e na tomada de decisões por parte dos envolvidos na construção dessa importante obra.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. Teoria da literatura. Coimbra: Almedina, 2005.

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos; CORREIA, Margarita. *Neologismo em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ALVES, Gisele. *O estudo dos compostos e fraseologismos criador por João Cabral de Melo Neto:* proposta de estudo da coindexicação semântica. 2013. 271f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2013.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo*: criação lexical. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 33-51.

BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical***.** 2 ed. São Paulo: Ática, 1989.

BATELLA, Juva. *Quem tem medo de Campos de Carvalho?* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e língua portuguesa*, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.

_____. *Teoria linguística*: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2003.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 35 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica - Ciência das significações*. 2 ed. Campinas: Editora RG, 2008.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. v.3, p. 261-272.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3 ed. rev. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico: Brasília, INL, 1977.

CANO, Waldenice Moreira. Os arcaísmos no Dicionário Aurélio. In.: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia – vol. IV*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 2010. p. 351-362.

CARVALHO, Campos de. *Obra reunida*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CARVALHO, Nelly de. *O que é neologismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CORREIA, Margarita; LEMOS, Lúcia San Payo. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Colibri, 2005.

COUTO, José Geraldo. Um libertário da linguagem – Romances de Campos de Carvalho são reeditados. *Folha de S. Paulo*, Ficção Redescoberta, São Paulo, 4 jun. 1995. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/04/mais!/17.html>. Acesso em: 17 abril 2017.

DALL'CORTIVO-LEBLER, Cristiane. Do sentido ao valor: relações teóricas entre a Semântica de Michel Bréal e o Estruturalismo de Ferdinand de Saussure. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p. 1965-1987, 2017.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística I*: objetos teóricos. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 55-74.

GONZAGA, João Felipe. *Um Resgate da obra de Campos de Carvalho: o Surrealismo e a produção do cômico*. 2007. 142 f. Dissertação (mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1975.

HAENSCH, Günther. Tipología de las obras lexicográficas. In.: HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Editorial Gredos, 1982. p. 95-187.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARTINS, Evandro Silva. O neologismo cruzesousiano e o simbolismo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. v.3, p. 65-75.

MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à Estilística*: a expressividade na língua portuguesa. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

MOISÉS, Carlos Felipe. Introdução: A lua, a vaca, a chuva e o púcaro. In: CARVALHO, Campos de. *Obra Reunida*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. p. 15-24.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira, modernismo*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

MUÑOZ NÚÑEZ, Maria Dolores. *La polissemia léxica*. Cádiz: Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones, 1999.

NUNES, José Horta. Léxico e língua nacional: apontamentos sobre a história da lexicografia no Brasil. In: ORLANDI, Eni. *História das ideias linguísticas*: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat Editora, 2001. p. 71-87.

OGDEN, Chsarles Kay; RICHARDS, Ivor Armstrong. *The meaning of meaning*. New York: Hartcourt, 1956.

OLIVEIRA, Josiane Gonzaga. *A trajetória ética e estética dos narradores da Obra Reunida, de Campos de Carvalho.* 2013. 178f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2013.

PEREIRA, Roberval Alves. *O desertor no deserto: a trajetória do eu na Obra reunida de Campos de Carvalho*. 1999. 244 f. Tese (doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1999.

PERUCHI, Rosane Malusá Gonçalves. *O léxico da apicultura e da meliponicultura no Brasil*: estudos iniciais para a elaboração de um dicionário terminológico. 2009. 218 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009.

PORTO DAPENA, Jose-Álvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/ Libros, 2002.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e Dicionário. *Alfa*, São Paulo, 28 (supl.), 45-69, 1984.

SAMPSON, Kevin Blythe. The Cow with a Subtile Nose. *Curiator Beta*, 1 set. 2013. Disponível em: < https://curiator.com/art/jean-dubuffet/the-cow-with-a-subtile-nose>. Acesso em: 17 abril 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEIDE, Márcia Sipavicius. *A Semântica de Michel Bréal: recontextualização, fortuna crítica e aplicação.* 2006. 280f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006.

ULLMANN, Stephen. *Semântica*: uma introdução à ciência do significado. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía – de la linguística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Editoral Gredos, 1982. p. 259-328.

APÊNDICES

FICHA LEXICOGRÁFICA - MODELO
PALAVRA-ENTRADA:
ACEPÇÃO:
CONTEXTO:
SENTIDO FIGURADO:
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 1
PALAVRA-ENTRADA: MORRER, Verbo
ACEPÇÃO: "cessar de viver, perder todo o movimento vital, falecer [...] (Fig.) Cessar, extinguir-se [...] (Fig.) Findar, acabar, terminar, finalizar" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2682) / "perder a vida; finar-se, falecer, expirar; perder gradualmente a força, a intensidade; desaparecer, sumir" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "acendi um cigarro e deixei que ele fumasse por si mesmo, e depois morri tranquilamente, dentro da noite calma." (CARVALHO, 2002, p. 36)
SENTIDO FIGURADO: Dormir
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 2
PALAVRA-ENTRADA: DORMIR, Verbo
ACEPÇÃO: "estar entregue ao sono ou no estado natural periódico de torpor e inação orgânica [...]. Repousar" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1281) / "descansar em estado de sono; cair no sono; adormecer; passar em estado de sono; passar a noite; pernoitar" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Qual país esse fosse, nem eles nem eu sabíamos, de forma que voltei a dormir sob as pontes de diversos rios da Europa" (CARVALHO, 2002, p. 37)
SENTIDO FIGURADO: Viver, morar.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 3
PALAVRA-ENTRADA: CAMINHAR, Verbo
ACEPÇÃO: "andar, percorrer caminho a pé [...] Pôr-se em movimento, andar, marchar, seguir, rodar [...] (Fig.) ir, dirigir-se" (CALDAS AULETE, 1964, p. 661) / "ato de caminhar; jornada ou passeio que se faz a pé; longa extensão de caminho percorrido ou a percorrer" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "[...] e continuo acreditando que não estamos sequer em janeiro ou em março, pois o rio que ouço a distância continua a caminhar para a direita e só com a chegada da primavera é que ele se volta para a esquerda e se torna realmente belo" (CARVALHO, 2002, p. 39)
SENTIDO FIGURADO: Pôr-se em movimento; seguir; ir para. O leito de um rio corre. Ao usar "caminhar", o autor pode ter feito um jogo, dizendo que o leito do rio era lento.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 4
PALAVRA-ENTRADA: BÚSSOLA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "caixa que contém uma agulha magnética livremente suspensa sobre um ponto de apoio, e cujas pontas estão constantemente voltadas para os pólos magnéticos da terra [...] (Fig.) Tudo o que serve de guia em qualquer assunto ou negócio difícil" (CALDAS AULETE, 1964, p. 611) / "instrumento us. para determinar direções horizontais, o meridiano magnético terrestre ou a posição de algo ou alguém em relação a ele, e constante de uma agulha naturalmente magnética ou

magnetizada, imantada, ger. montada numa caixa com limbo graduado [Essa agulha, girando livremente na horizontal sobre um pino colocado no seu centro de gravidade, aponta para o Norte magnético] [...]; direção seguida ou a seguir; norte, meta" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "É a primeira chuva a que assisto da minha janela de hóspede – neste verão que bem pode ser a primavera, pois não tenho noção do tempo e não disponho de bússola para me guiar entre as horas do dia e da noite" (CARVALHO, 2002, p. 39)
SENTIDO FIGURADO: Instrumento utilizado para determinar o horário.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 5
PALAVRA-ENTRADA:ESCALADA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "assalto a uma praça por meio de escada; ataque, escalamento [...] Subida de monte ou elevação íngreme" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1488) / "ação de escalar, de subir ao topo (p. ex. de montanha) por local íngreme; escalamento; aumento progressivo da intensidade de uma atividade bélica ou violenta" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "Em mim, o superlúcido, o sono foi sempre uma conquista muito difícil, e sua escalada através dos anos sempre me pareceu mais penosa e meritória do que a do Himalaia, ou mesmo a do monte Everest" (CARVALHO, 2002, p. 40)
SENTIDO FIGURADO: Ação de realizar uma atividade contínua, a fim de atingir determinado objetivo, algo inalcançável ou de difícil conquista.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 6
PALAVRA-ENTRADA: ESPETÁCULO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "tudo quanto atrai a atenção, a vista [...] Representação teatral; exibição de quaisquer trabalhos artísticos" (AULETE, 1964, p. 1556) / "aquilo que chama e prende a atenção; qualquer apresentação pública de teatro, canto ou dança, num palco, em praça pública etc." (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "[...] e distrair-me assim com o espetáculo da parede branca e sempre imóvel, a dois palmos do meu nariz" (CARVALHO, 2002, p. 40)
SENTIDO FIGURADO: Cena deslumbrante, que chama a atenção. Uso irônico, pois há quebra de expectativa, uma parede totalmente branca, imóvel, sem qualquer aspecto que possa realmente deslumbrar, chamar a atenção.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 7
PALAVRA-ENTRADA: BAILAR, Verbo
ACEPÇÃO: "dançar, mover o corpo segundo as regras da dança ‖ (Fig.) Oscilar, vacilar, tremer" (CALDAS AULETE, 1964, p. 485) / "deslocar-se, movimentando o corpo de maneira graciosa e/ou ritmada, ger. ao som de música; dançar; mover-se em várias direções, como que dançando; balançar, oscilar, tremer **3** movimentar-se em curvas, volteios etc." (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Agora a chuva baila em torno da minha cabeça, e no hotel todos dormem ou fingem que dormem pelo menos, num silêncio que marca com exatidão o barulho da chuva sobre o telhado. [...] e a chuva já não teria a marcá-la o compasso unânime do sono de todos os imbecis da terra" (CARVALHO, 2002, p. 40)
SENTIDO FIGURADO: Cair, precipitar de forma ritmada, marcando compasso, como uma música.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 8
PALAVRA-ENTRADA: BOLACHA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "bôlo de farinha cozida no forno, sêca e pouco levedada, ordinariamente em forma de disco achatado [...] (Fam.) Bofetada" (CALDAS AULETE, 1964, p. 568) / "biscoito chato de farinha

de trigo ou maisena, doce ou salgado; tapa aplicado no rosto com a mão espalmada; bofetada, bolachada [...]; coisa banal; trivialidade" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: Esse mesmo legado, aliás, apresentou-me ao seu secretário particular e possivelmente o futuro Messias redivivo, o qual, durante todo o tempo em que conversamos, não disse bolacha. (CARVALHO, 2002, p. 44).
SENTIDO FIGURADO: assunto desinteressante, desprovido de sentido ou relevância.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 9
PALAVRA-ENTRADA: ARRISCAR, Verbo
ACEPÇÃO: "pôr em risco ou perigo, expor, aventurar (...) abalançar-se, aventurar-se, pôr-se em risco de (...) Expor-se a bom ou mau sucesso; correr perigo" (CALDAS AULETE, 1964, p. 394) // "expor a risco ou perigo; expor(-se) à boa ou má fortuna; sujeitar(-se) ao arbítrio da sorte; aventurar(-se)" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "Houve muito pranto, graças a Deus; e eu temia que não houvesse, não sei bem por quê. Eu mesmo arrisquei uma furtiva lágrima, que caiu bem no nariz do Papanatas e depois rolou pela sua boca" (CARVALHO, 2002, p. 46)
SENTIDO FIGURADO: Encenar; Fingir. Por se tratar do funeral de um ator grego, isto é, o local das tragédias.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 10
PALAVRA-ENTRADA: BROTAR, Verbo
ACEPÇÃO: "(Fig.) Dar saída a, deitar de si [...] Nascer, rebentar (diz-se dos vegetais) [...] (Fig.) Ter origem; proceder, manar, derivar; resultar" (CALDAS AULETE, 1964, p. 599) / "gerar ou lançar de si (a planta); germinar, desabrochar; ter origem; nascer, medrar; provir; originar-se [...]; aparecer; elevar-se, surgir [...]; **Rubrica: Biologia** formar-se por brotamento (de); gemar" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Se há os que acreditam em metempsicose, eu tenho o direito de acreditar nessa dualidade de meu ser, ou antes, nessa existência oculta de meu irmão gêmeo dentro de mim e que um dia brotará de meu corpo como um dente de siso retardado" (CARVALHO, 2002, p. 54)
SENTIDO FIGURADO: Nascer por brotamento; Surgir, ligado ao corpo principal. Uso extensivo do sentido da biologia.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 11
PALAVRA-ENTRADA: PÁLIDO, Adjetivo
ACEPÇÃO: "descorado, sem côr [...] Fraco, tênue, frouxo, pouco vivo, desbotado (falando da luz e das cores)" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2936) / "diz-se da pele ou mucosas visíveis descoradas, esp. do rosto; de coloração tênue; desmaiado; sem entusiasmo; inexpressivo" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Vez por outra um pálido reflexo de consciência assomava à minha cabeça imobilizada" (CARVALHO, 2002, p. 58)
SENTIDO FIGURADO: Fraco, de pouca expressão; breve, de intensidade tênue.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 12
PALAVRA-ENTRADA: VIGILANTE, Adjetivo
ACEPÇÃO: "que vela com grande atenção; cuidadoso; atento" (CALDAS AULETE, 1964, p. 4223) / "que vigia, vela, permanece atento; cuidadoso, cauteloso, precavido, zeloso, diligente" (HOUAISS, 2009)

CONTEXTO: “Daí nasceu, se não me engano, a minha vocação de *clown* – para muitos frustrada, para mim sempre vigilante – e que um dia explodirá de mim como fogos de artifício” (CARVALHO, 2002, p. 60)
SENTIDO FIGURADO: Diz-se do que está presente; que está na espreita para aparecer.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 13
PALAVRA-ENTRADA: POÇO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: “cova funda aberta na terra onde se junta água nascente ou da chuva [...]. Diz-se dos pontos em que os rios, ribeiros, etc., apresentam maior profundidade” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3171) / “grande buraco, ger. circular e murado, cavado na terra a fim de atingir um lençol aquífero [...]; o ponto mais fundo de um rio, lago etc.; poção” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “[...] eles que me leiam sem complicações, como se eu fora apenas um homem e não um poço de hieróglifos” (CARVALHO, 2002, p. 61)
SENTIDO FIGURADO: Grande profundidade intelectual e enigmática; vastidão, intensidade.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 14
PALAVRA-ENTRADA: NU, Adjetivo
ACEPÇÃO: “não vestido; privado de vestuário, despido [...] Descoberto, exposto ao ar ou às vistas, falto de cobertura [...] Privado, destituído, carecente [...] Sincero, não disfarçado, patente” (CALDAS AULETE, 1964, p. 2800) / “desprovido de qualquer vestimenta; desnudo, despido; que está sem o que o cubra ou vista; desprovido de ornamento [...]; em que não há qualquer afetação de linguagem; direto, simples; sem dissimulação, sem disfarce; carente, privado de alguma coisa mais ou menos essencial” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “Torturem-me até a mutilação, ponham me nu quantas vezes queiram, eu que já vivo nu sem que eles o percebam” (CARVALHO, 2002, p. 61)
SENTIDO FIGURADO: Mudança na função sintática de adjetivo para advérbio de modo. Significado: de modo sincero, desprovido de segredos; sem vida, sem motivo, razão ou vontade.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 15
PALAVRA-ENTRADA: PULAR, Verbo
ACEPÇÃO: “dar um ou mais pulos; elevar-se do chão com esforço rápido; saltar [...] Andar depressa e aos pulos” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3319) / “elevar-se do chão por impulso dos pés e das pernas; saltar [...]; transpor (algo), saltando por cima” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “Da ilha de Sumatra pulei, não sei como, para a de Madagáscar, de onde alcancei a nado a costa de Moçambique” (CARVALHO, 2002, p. 63-64)
SENTIDO FIGURADO: Percorrer o caminho entre um lugar e outro.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 16
PALAVRA-ENTRADA: LAVA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: “toda a matéria em fusão que deriva pelas fendas ou respiradouros dos vulcões” (CALDAS AULETE, 1964, p. 2341) / “magma em fusão natural, resultante de uma erupção vulcânica, podendo solidificar-se rapidamente ou percorrer grandes distâncias” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “Tento cuspir-lhe no rosto mas faltam-me as forças, e o mais que consigo é expelir pela boca uma lava amarga e oleosa, que me desce pelo pescoço e me faz lançar um grito horrível, que me assusta e paralisa” (CARVALHO, 2002, p. 66)
SENTIDO FIGURADO: Líquido quente e grosso (saliva). Há uma metáfora clara, de comparar a boca a um vulcão, e a saliva com a sua lava.

EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 17
PALAVRA-ENTRADA: PLÁTANO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "árvore frondosa de fôlhas largas, da família das platâneas (*Platanus orientalis*)" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3158) / "design. comum às árvores do gên. *Platanus*, da fam. das platanáceas, que reúne cerca de oito spp. monoicas, com folhas ger. penatilobadas, decíduas, flores pequenas em capítulos unissexuais, e aquênios pilosos ou núculas em capítulos globosos [Nativas do hemisfério norte, a madeira de algumas spp. é us. em móveis ou como polpa para papel, e alguns híbridos são muito cultivados como ornamentais.]; árvore (*Platanus orientalis*) com casca que absorve elementos atmosféricos poluentes e se renova constantemente, folhas palmatilobadas e flores esverdeadas, em capítulos, nativa do Sudoeste da Europa ao Norte do Irã, e cultivada como ornamental [Muitos híbridos e variedades são us. em arborização urbana, embora os pelos dasfolhas e frutos sejam prejudiciais aos brônquios.]" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Certa vez, disse ele, eu me encontrava em Dresde ao anoitecer e vinha caminhando por uma rua deserta e sem plátanos, onde ainda havia algumas ruínas da última e da penúltima guerra" (CARVALHO, 2002, p. 69)
SENTIDO FIGURADO: Qualquer árvore.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 18
PALAVRA-ENTRADA: VIAJAR, Verbo
ACEPÇÃO: "fazer viagem, ir de um lugar afastado para outro ou outros || Transitar por mar, por terra ou por ar [...] correr, percorrer" (AULETE, 1964, p. 4214) / "fazer uma viagem ou viagens; partir de viagem; transitar (por um caminho, estrada etc.); passar por, ao longe de (lugar ou lugares) viajando; percorrer, visitar; sofrer alucinação sob o efeito de alguma droga alucinógena" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Eu mesmo, que sou iraniano, ou pelo menos me sinto iraniano esta manhã, não sei dizer ao certo nem onde fica situado o Irã no mundo conturbado de hoje, embora já tenha viajado muito no passado, sobretudo em imaginação" (CARVALHO, 2002, p. 72)
SENTIDO FIGURADO: delirar; sonhar ou imaginar sobre a ocorrência de algo; fantasiar a respeito de determinada situação.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA – 19
PALAVRA-ENTRADA: IRANIANO, Adjetivo
ACEPÇÃO: "relativo ao Irã; o natural do Irã; irânico, irânio" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2235) / "relativo ao Irã (Ásia) ou o que é seu natural ou habitante; irânico" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Eu mesmo, que sou iraniano, ou pelo menos me sinto iraniano esta manhã, não sei dizer ao certo nem onde fica situado o Irã no mundo conturbado de hoje, embora já tenha viajado muito no passado, sobretudo em imaginação" (CARVALHO, 2002, p. 72)
SENTIDO FIGURADO: Sentimento de ser relativo ao Irã ou de lá ter nascido.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 20
PALAVRA-ENTRADA: CADINHO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "vaso de argila refratária, de ferro, de prata, de platina ou de outra matéria, que serve para nêle se fundirem metais ou outros minerais; crisol [Tem geralmente a forma de um um tronco ou cone] || A parte do forno onde se opera a fusão" (CALDAS AULETE, 1964, p. 633) / "vaso de material resistente ao fogo ger. com o formato de um tronco de cone, us. para fundir ou calcinar minérios e minerais (esp. metais) ou para realizar certas operações químicas ou fisioquímicas que

exigem altas temperaturas; crisol; a parte inferior do alto-forno, na qual fica o metal fundido, separado da escória; lugar onde as pessoas, coisas, entidades etc. se misturam ou se fundem; local ou instância em que algo (ou alguém) é testado, analisado, constituído ou depurado, submetido a provas ou condições extremas" (HOUAISS, 2009)**.**
CONTEXTO: "só porque os nossos carrascos decidiram que não somos homens até o dia em que finalmente resolvamos voltar ao aprisco das ideias feitas e ao cadinho de seus sentimentos desumanizados e postiços" (CARVALHO, 2002, p. 74)
SENTIDO FIGURADO: Estado; modo de ser, pensar e sentir.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 21
PALAVRA-ENTRADA: APRISCO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "curral, redil onde se recolhem as ovelhas [...] (Trás-M) Propriedade insignificante nas arribas || Toca, covil, caverna" (CALDAS AULETE, 1964, p. 337) / "curral destinado ao abrigo de ovelhas; redil; o seio da Igreja (comparando-se os fiéis às ovelhas); habitação rústica; choupana, cabana; local inquietador e misterioso; covil, antro" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "Há casos profundamente dolorosos, como o do dr. Keither por exemplo, que se vê obrigado a masturbar-se como um menino de colégio só porque os nossos carrascos decidiram que não somos homens até o dia em que finalmente resolvamos voltar ao aprisco das ideias feitas e ao cadinho de seus sentimentos desumanizados e postiços" (CARVALHO, 2002, p. 74)
SENTIDO FIGURADO: Conforto; segurança; diz-se de local onde não há liberdade de pensamento.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 22
PALAVRA-ENTRADA: FREQUENTAR, Verbo
ACEPÇÃO: "ir com assiduidade (a algum sítio); visitar amiudadas vezes" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1847) / "visitar com frequência, ir seguidamente a (algum lugar)" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Eu, neste particular, vivo às custas de minhas boas recordações de todos os bordéis e salões de luxo que frequentei dos vinte aos 35 anos, na Europa, na Ásia, na Oceania, na América, na África, e sobretudo em sonho" (CARVALHO, 2002, p. 74)
SENTIDO FIGURADO: Ir a determinado lugar, fisicamente ou não.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 23
PALAVRA-ENTRADA: PERPETUAR, Verbo
ACEPÇÃO: "tonar perpétuo; fazer durar sempre ou por muito tempo || Imortalizar, dar fama duradoura a [...] Propagar, dar sucessão por muito tempo a" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3087) / "fazer durar para sempre; tornar perpétuo; fazer durar, manter por tempo indeterminado, por longo tempo; tornar perpétuo; manter por reprodução ou por geração; transmitir de forma duradoura a" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "que teve a audácia de vir propor-me um concubinato ilegal e secreto, dado que não dispomos de mulheres e temos necessidade de perpetuar a espécie, de uma forma ou de outra" (CARVALHO, 2002, p. 77)
SENTIDO FIGURADO: Fazer durar para sempre, imortalizar; conceder fama. Uso irônico, visto que o que iria imortaliza-los seria o concubinato de dois homens, que não podem perpetuar a espécie humana biologicamente, mas caso se casassem e tivessem relação sexual seriam perpetuados por fama negativa.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 24
PALAVRA-ENTRADA: ARRANJAR, Verbo

ACEPÇÃO: "pôr em fileira; pôr em boa ordem, consertar, dispor, ordenar com acêrto e regularidade [...] Conciliar, ajustar amigávelmente [...] Obter; adquirir" (CALDAS AULETE, 1964, p. 384) / "pôr em ordem, dispor de maneira conveniente; arrumar [...]; conseguir, obter, alcançar" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Ressuscitado graças aos cuidados e carinhos da bela filha de um dos meus salvadores, que se apaixonou por mim à primeira vista, 15 dias depois já lhe arranjava um filho ou pelo menos me esforçava bastante para isso" (CARVALHO, 2002, p. 79)
SENTIDO FIGURADO: Dar; conceder; colocar.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 25
PALAVRA-ENTRADA: ANFÍBIO, Adjetivo
ACEPÇÃO: "que vive na terra e na água. Diz-se especialmente dos animais que possuem órgãos para respirar no ar [...] (Fig.) Diz-se de um homem que exerce ao mesmo tempo duas profissões opostas, que adota alternativamente duas opiniões contrárias" (CALDAS AULETE, 1964, p. 260) / "que pode viver tanto em terra como na água (diz-se de animal ou vegetal); que tanto pode andar sobre o solo como na água (diz-se de tanque, carro, lancha etc.)" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "e em pouco tempo era um dos homens mais ricos da cidade, com três automóveis e um iate anfíbio" (CARVALHO, 2002, p. 80)
SENTIDO FIGURADO: Que pode andar tanto na terra quanto na água.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA – 26
PALAVRA-ENTRADA: ÓRFÃO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "*adj*. que não tem pai ou mãe ou algum dêles [...] (Fig.) Vazio, despojado, privado, falto [...] (Fig.) Que perdeu o seu protetor, que perdeu a pessoa que lhe era cara [...] *s. m.* o que ficou órfão, o que não tem pai ou mão ou nem um nem outro" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2877) / "que perdeu o pai e/ou a mãe; que perdeu alguém que çhe era muito querido ou que o amparava, o protegia [...]; deixado ao abandono; abandonado, desamparado; carente ou privado de (algo); falto, vazio (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "E com isso eu fiquei sendo o único órfão do mundo que ainda tem mãe viva, o que não deixa de ser uma situação trágica e ao mesmo tempo engraçada" (CRAVALHO, 2002, p. 82)
SENTIDO FIGURADO: Que não tem qualquer relação com a mãe.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 27
PALAVRA-ENTRADA: RATOEIRA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "armadilha para apanhar ratos ou outro qualquer animal" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3411) / "armadilha para apanhar ratos; estratagema para fazer alguém cair em logro; artifício enganador; cilada, esparrela, ardil" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Se conseguíssemos, os dois, pôr no papel tudo isso que realmente estamos vivendo nesta ratoeira internacional, onde nem sequer o queijo é de boa qualidade" (CARVALHO, 2002, p. 84)
SENTIDO FIGURADO: Local fechado, onde se vive preso; lugar cercado por muros, no qual há um regime fechado.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 28
PALAVRA-ENTRADA: CONTRITO, Adjetivo
ACEPÇÃO: "que tem contrição" (CALDAS AULETE, 1964, p. 935) ❼ **CONTRIÇÃO:** "(teol.) dor profunda pelas ofensas feitas a Deus, a qual procede mais do amor e da gratidão para com o

Criador que do temor do castigo" (CALDAS AULETE, 1964, p. 934) / "que sente contrição; arrependido, pesaroso; que revela contrição" (HOUAISS, 2009) ➹ **CONTRIÇÃO**: "sentimento pungente de arrependimento por pecados cometidos e pela ofensa a Deus, menos pelo receio do castigo do que pelo amor e gratidão à divindade; prece feita pelo cristão para expressar o arrependimento de seus pecados" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Atrás de nós, contritos e como duas estátuas de mármore, o legado pontifício e seu secretário silencioso" (CARVALHO, 2002, p. 86)
SENTIDO FIGURADO: Há dois sentidos possíveis. 1º: contraído; imóvel; acanhado. Esse sentido é possível pela relação com "estátuas de mármore". 2º: arrependido; pesaroso. Esse sentido é o religioso, e surge pelo fato de os personagens estarem assistindo a uma missa.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 29
PALAVRA-ENTRADA: BATER, Verbo
ACEPÇÃO: "*v tr*. dar uma ou mais pancadas em [...] *v. intr*. dar uma ou mais pancadas [...] Soar [diz-se das horas, porque o martelo bate para as anunciar]" (CALDAS AULETE, 1964, p. 522) / "aplicar pancadas ou golpes em; golpear [...]; vibrar sonoramente; soar, tocar" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "O estilo era de Lautréamont, tanto quanto me foi possível ouvi-lo à distância, na escuridão da minha insônia, pela noite adentro. As notas batiam nos meus nervos, uma após outra, insolitamente, e quando não batiam eu ficava à sua espera" (CARVALHO, 2002, p. 86)
SENTIDO FIGURADO: Soar incomodativo; Pulsar, latejar.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 30
PALAVRA-ENTRADA: MARTELAR, Verbo
ACEPÇÃO: "*v. intr*. bater com o martelo; trabalhar batendo com o martelo || (Fig.) Insistir, teimar para persuadir ou alcançar alguma coisa [...] *v. tr*. Bater com o martelo em || Bater repetidamente em alguma coisa como um martelo [...] (Fig.) Apoquentar, maçar, causticar, importunar" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2530) / "bater com martelo em; malhar; bater como se fosse com um martelo; dar repetidos golpes em; fazer soar fortemente, tocar com força [...]; bater com força repetidas vezes" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "O resultado é que a missa não me pareceu tão bela, dado o meu estado de cansaço na manhã fria e brumosa, ainda com as teclas do piano me martelando os tímpanos e a raiz do cérebro, em notas soltas e perfeitamente demoníacas" (CARVALHO, 2002, p. 86)
SENTIDO FIGURADO: Soar com força e ritmadamente; dar golpes repetidamente.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 31
PALAVRA-ENTRADA: SACRISTIA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "casa contígua a igreja, onde se guardam os paramentos e vasos sacerdotais destinados ao culto e onde se revestem os sacerdotes || Diz-se por extensão dos rendimentos da igreja" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3613) / "casa anexa a uma igreja, ou dependência dela, onde são guardados os paramentos e outros objetos de culto, e onde os padres oficiantes tomam as vestes do culto; rendimento da igreja católica" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Os doces e salgados eram bem-feitos mas traziam um indisfarçável cheiro de sacristia, e limitei-me a prova-los com uma rapidez espantosa" (CARVALHO, 2002, p. 88)
SENTIDO FIGURADO: A igreja em si; a religião católica.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 32
PALAVRA-ENTRADA: NEGRO, Adjetivo

ACEPÇÃO: "prêto; escuro [...] Escuro, sombrio" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2755) / "a cor do piche; preto; diz-se de ou indivíduo de cor negra; que apresenta a cor negra; diz-se dessa cor" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Capítulo Negro / Tenho sido injusto para com a Noite. Amo a Noite e vivo a difamá-la" (CARVALHO, 2002, p. 89)
SENTIDO FIGURADO: Diz-se de algo que faz referência à noite.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 33
PALAVRA-ENTRADA: ASSENTAR, Verbo
ACEPÇÃO: "pôr sobre o assento, fazer sentar [...]. Colocar (uma coisa de modo que fique segura) [...]. Notar por escrito, inscrever, registrar [...]. Assegurar, firmar, fazer seguro [...] Ficar justo [diz-se do vestuário em relação ao corpo]" (CALDAS AULETE, 1964, p. 418) / "pôr(-se) sobre assento; sentar(-se); pôr sobre ou estar apoiado, de forma estável e/ou estática [...]; combinar com; ajustar-se a" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "A Noite é a túnica que me assenta como uma luva, como sudário a um cadáver" (CARVALHO, 2002, p. 89)
SENTIDO FIGURADO: Revestir perfeitamente; envolver; cobrir.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 34
PALAVRA-ENTRADA: QUADRO-NEGRO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "Superfície plana, ordinariamente negra, feita de madeira ou de ardósia, onde se escrevem cálculos, se traçam figuras geométricas ou quaisquer caracteres; quadro-negro"(CALDAS AULETE, 1964, p. 3337) / "superfície lisa, plana, freq. pintada de negro ou verde, muito us. nas escolas para sobre ela escrever-se a giz; quadro de giz, quadro-negro, pedra, lousa" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "E aqui lhe rendo esta homenagem tardia mas veemente, no pleno silêncio deste quarto frio e povoado de trevas, tendo por quadro-negro esta parede onde a custo faço deslizar a ponta do meu lápis" (CARVALHO, 2002, p. 90)
SENTIDO FIGURADO: Qualquer local onde se pode escrever.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 35
PALAVRA-ENTRADA: ÁSIA, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: Não há em Caldas Aulete (1964), nem em Houaiss (2009)
CONTEXTO: "À noite a lua vem da Ásia, mas pode não vir, o que demonstra que nem tudo neste mundo é perfeito" (CARVALHO, 2002, p. 52) / "tendo por quadro-negro esta parede onde a custo faço deslizar a ponta do meu lápis, já que a lua hoje não veio da Ásia e não consigo sequer enxergar o meu triste corpo ajoelhado na cama" (CARVALHO, 2002, p. 90).
SENTIDO FIGURADO: Oriente; Leste; Local de nascimento do sol e da lua.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 37
PALAVRA-ENTRADA: RELATIVAMENTE, Advérbio
ACEPÇÃO: "de modo relativo; em referência; com relação" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3471) / "em comparação com outros elementos; em termos relativos; não totalmente, mais ou menos" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Em Adis-Abeba conheci dois irmãos siameses que tocavam piano a quatro mãos. Quando um deles morreu, o outro teve que ser enterrado junto, embora protestasse inocência e fosse noivo de uma moça que o amava relativamente" (CARVALHO, 2002, p. 94)

SENTIDO FIGURADO: Não completamente. Jogo de ironia pelo fato de serem irmãos siameses, isto é, dividirem parte do corpo, sendo impossível amar um completamente sem amar o outro.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 38
PALAVRA-ENTRADA: BENFEITOR, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "o que faz benefícios ou ações de caridade. || O que faz benfeitorias em herdade" (CALDAS AULETE, 1964, p. 535) / "que ou o que benfaz, que pratica o bem, que beneficia, ajuda ou favorece algo ou alguém" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Sem ao menos despedir-me do meu benfeitor, afastei-me às pressas para um quarteirão vizinho" (CARVALHO, 2002, p. 100) / "[...] até que, noite alta, fui dar com o corpo do meu benfeitor suspenso da árvore e com a metade da língua de fora" (CARVALHO, 2002, p. 102)
SENTIDO FIGURADO: Diz-se de quem presta auxílio a outra pessoa (mesmo que inconscientemente); diz-se de quem é explorado em prol do bom. Há a retirada do sentido de "fazer", visto que o benfeitor está morto e não praticou ação alguma em prol de ninguém.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 39
PALAVRA-ENTRADA: SOMBRA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "espaço privado de luz, pela interposição ou presença de corpo opaco; a falta de luz produzida pela presença de um corpo opaco || Escuridão; trevas; noite || (Fig. e poét.) Coisa que parece impalpável e imaterial como a sombra. || Mancha, nódoa; laivo [...] (Fig.) Mácula, defeito, senão [...] (Fig.) Catadura, semblante, ar [...] Alma, espírito; o que de uma pessoa se supõe sobreviver à sua morte; manes; visão; fantasma, espectro [...] Pessoa que acompanha ou persegue constantemente outra || Vestígio, ar, aparência; sinal, traço" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3796) / "obscuridade produzida pela interceptação dos raios luminosos por um corpo opaco; espaço menos iluminado, sobre o qual não incide luz direta; ausência de luz; escuridão (tb. us. no pl.); ausência da luz solar; noite, escuridão; falta de conhecimentos, instrução; obscurantismo, ignorância [...]; indício, traço, sinal [...]; aquele que costuma acompanhar alguém aonde quer que vá" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Sento-me no meio-fio e, como um desesperado, choro pela madrugada adentro, tendo por única companhia a lua cheia sobre a cabeça e a sombra do meu irmão refletida numa poça d'água sob os meus pés" (CARVALHO, 2002, p. 105)
SENTIDO FIGURADO: Reflexo.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 40
PALAVRA-ENTRADA: LÍRICO, Adjetivo
ACEPÇÃO: "relativo a lira || Que pertence à poesia || Que pertence à escola lírica ou ao gênero lírico" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2397) / "na Antiguidade, dizia-se de composição poética para ser cantada com acompanhamento da lira; diz-se de obra em verso feita para canto, ou própria para se musicar; que se distingue pelo sentimentalismo, pelo enlevo poético; diz-se de ou que possui gênero poético ou musical consagrado à expressão de sentimentos e pensamentos íntimos; relativo a ópera" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Mas, como estou lírico e ainda não tenha vomitado a noite toda a minha alma, levo-a assim mesmo para o quarto e ali a possuo por três vezes seguidas" (CARVALHO, 2002, p. 104) / "e, após acordar toda a vizinhança com os nossos gritos obscenos, despedimo-nos como dois líricos namorados, não sem antes copularmos mais uma vez, em plena rua" (CARVALHO, 2002, p. 105)
SENTIDO FIGURADO: 1º ocorrência: De pleno domínio dos sentidos; sóbrio. 2º ocorrência: apaixonado.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 41
PALAVRA-ENTRADA: PICASSO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: Não há em Caldas Aulete (1964), nem em Houaiss (2009)
CONTEXTO: "logo fico sabendo ser o dono do quarto, e por conseguinte da cama e do Picasso na parede [...] O Picasso na parede não chega a ser propriamente um Picasso, mas um espelho sem brilho e quase surrealista" (CARVALHO, 2002, p. 107)
SENTIDO FIGURADO: O quadro do pintor Pablo Picasso.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 42
PALAVRA-ENTRADA: VAGABUNDO, Adjetivo
ACEPÇÃO: "errante, que vagueia [...] Nômade [...] Vadio" (CALDAS AULETE, 1964, p. 4154) / "que ou quem leva vida errante, perambula, vagueia, vagabundeia; que ou quem leva a vida no ócio; indolente, vadio" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "[...] fico sabendo que seu nome é Sócrates – sem dúvida o único Sócrates negro em todo mundo -e que nas horas vagas se dedica à nobre ocupação de vagabundo, exatamente como eu já suspeitara pela mobília do quarto" (CARVALHO, 2002, p. 107)
SENTIDO FIGURADO: Emprego, profissão exercida por alguém, de não exercer profissão alguma.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 43
PALAVRA-ENTRADA: FOGO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "desenvolvimento de luz e calor produzido simultaneamente pela combustão de certos corpos [...]. Tiros de fuzilaria, de artilharia ou de qualquer arma de fogo; combate" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1803) / "fenômeno que consiste no desprendimento de calor e luz produzidos pela combustão de um corpo; lume [...]; incêndio, combustão" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Como não tenho onde urinar, subo à janela e de lá urino com vontade sobre a cidade em pé de guerra, ouvindo à distância o fogo da metralha e uma ou outra explosão mais forte" (CARVALHO, 2002, p. 107)
SENTIDO FIGURADO: Tiro; o barulho produzido pelos tiros de fuzilaria.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 44
PALAVRA-ENTRADA: PROFÉTICA, Adjetivo
ACEPÇÃO: "relativo ou pertencente a profeta ou a profecia; que tem natureza de profeta ou de profecia [...] Que tem o dom de prever e predizer o futuro; vidente" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3277) / "relativo a profeta ou a profecia; que antevê o futuro; que contém profecia; vaticinador" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "Um cavalo cego, puxado por um velho de barbas proféticas, estaca por um instante diante dos meus dedos transformados em signos do zodíaco" (CARVALHO, 2002, p. 109
SENTIDO FIGURADO: Que indicam velhice; brancas, em sinal de experiência, idade avançada.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 45
PALAVRA-ENTRADA: BÍBLICO, Adjetivo
ACEPÇÃO: "pertencente à bíblia; própria da bíblia" (CALDAS AULETE, 1964, p. 542) / "que é da Bíblia ou a ela se refere; que apresenta ou evoca características da Bíblia (quanto ao pensamento, texto, estilo etc.) ou da época ou lugares em que se deram os fatos nela narrados; que tem a Bíblia por objeto" (HOUAISS, 2009)

CONTEXTO: “Estou mais bíblico do que são João em Patmos, e o meu silêncio é uma harpa eólia que o vento da manhã só torna audível aos que sintam comigo a gravidade da hora presente” (CARVALHO, 2002, p. 109)
SENTIDO FIGURADO: Sozinho, solitário; exilado.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 46
PALAVRA-ENTRADA: ARGUMENTO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: “raciocínio, arrazoamento oral ou por escrito, por meio do qual se tira uma consequência de uma ou mais proposições [...]. Prova, indício” (CALDAS AULETE, 1964, p. 368) / “razão, raciocínio que conduz à indução ou dedução de algo; prova que serve para afirmar ou negar um fato; recurso para convencer alguém, para alterar-lhe a opinião ou comportamento; disputa de palavras; contenda” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “Em tempos normais eu teria enriquecido facilmente, com um argumento tão bom como é e sempre foi um fuzil-metralhadora a tiracolo” (CARVALHO, 2002, p. 110)
SENTIDO FIGURADO: Razão; pretexto; motivo.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 47
PALAVRA-ENTRADA: OTIMISTA, Adjetivo
ACEPÇÃO: “relativo ao otimismo || Que segue a doutrina do otimismo; que vê o bem em tudo” (CALDAS AULETE, 1964, p. 2899) / “relativo ao otimismo; que ou aquele que demonstra otimismo” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “Que o otimismo é uma grande coisa não resta a menor dúvida, como o é também a santidade, dentro ou fora da Igreja Católica Apostólica Romana. Só que não é otimista quem quer, ao contrário do que pregam os norte-americanos, como não se é santo pela simples extirpação dos testículos ou pelo desejo acirrado de servir ao próximo, mesmo quando se trate de nosso maior inimigo. Ou se nasce inocente ou não se nasce, e a inocência, que rima com inconsciência, é a chave de todo o segredo do santo como do otimista, e nem toda a riqueza do mundo é capaz de pagar o seu preço. Se não consigo ser otimista é porque igualmente não consigo ser menos calvo do que sou, ou menos baixo de estatura, ou ainda menos feio do que pareço diante do espelho” (CARVALHO, 2002, p. 111)
SENTIDO FIGURADO: É a qualidade de ter nascido inocente, de ver as coisas boas de tudo; diz-se de quem nasce com otimismo.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 48
PALAVRA-ENTRADA: AZUL, Adjetivo
ACEPÇÃO: “*adj.* que é da côr do céu sem nuvens [...] *s. m.* a côr azul” (CALDAS AULETE,1964, p. 472) / “cor que, no espectro solar, ocupa a área entre o verde e o violeta; cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática, cujo comprimento de onda é da ordem de 455 a 492 nanômetros” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “Mas a manhã é azul demais, e eu, sem o meu fuzil, sinto-me impotente diante da beleza do céu e da feiúra dos homens” (CARVALHO, 2002, p. 112)
SENTIDO FIGURADO: Alegre, feliz; clara, iluminada; otimista.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 49
PALAVRA-ENTRADA: VAZA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: “**VAZA[1],** *s. f.* (jôg.) o conjunto das cartas que os diversos parceiros jogam uns após outros em cada cartada e que são recolhidas pelo que ganhou [...] **VAZA[2],** *s. f.* lavor, feitio vazado ou

escavado" (CALDAS AULETE, 1964, p. 4177) / "**¹VAZA 1** bordado, rendado, ou outro trabalho manual vazado ou escavado **²VAZA** a coleção das cartas jogadas por todos os jogadores em uma rodada e que é recolhida pelo ganhador da mão ('lanço completo')" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Eu mesmo, que não sou muito sensual, senti-me imediatamente ereto diante daquela cena de imprevista libidinagem junto ao cheiro do café e do morto, e não perdi vaza para lançar à menina o meu olhar mais luxurioso, que ela parece ter compreendido instantaneamente" (CARVALHO, 2002, p. 120)
SENTIDO FIGURADO: Oportunidade; chance.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 50
PALAVRA-ENTRADA: BRIGAR, Verbo
ACEPÇÃO: "lutar, combater braço a braço || Disputar; disputar || (Fig.) Disparatar, não condizer; destoar" (AULETE, 1964, p. 594) / "bater-se corpo a corpo; desentender-se verbalmente; altercar [...]; disputar um privilégio, um favor, uma colocação; batalhar, esforçar-se" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "[...] se por dentro eles são como que um verdadeiro saco de gatos ou como que uma casa de orates, os órgãos todos (e o esqueleto primeiro) brigando entre si numa legítima guerra intestina" (CARVALHO, 2002, p. 124)
SENTIDO FIGURADO: Que se debate, se confunde; que ocupa o espaço de outro (objeto ou pessoa).
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 51
PALAVRA-ENTRADA: FÓSSIL, Adjetivo
ACEPÇÃO: "que ou o que se extrai da terra. || Nome dado aos corpos ou vestígios de corpos organizados, conchas, plantas, etc., encontrados naturalmente no seio da terra, fora das condições normais da sua existência, por virtude da formação das camadas do globo terrestre [...] (Fig.) Antiquado, retrógrado, rançoso" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1828-1829) / "que ou o que se extrai do seio da terra; que ou o que nela se encontra enterrado (diz-se de metais, minerais, rochas etc.); diz-se de ou aglomeração de despojos, restos, formas, figuras de corpos organizados, que se encontram enterrados em diversas profundidades ou embebidos em variadas matérias, e que indica as suas formas primitivas; que ou aquilo que é muito antigo (em relação a outra coisa); diz-se de ou pessoa cujas ideias são retrógradas, ultrapassadas" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "que se achava hospedada no mesmo hotel em companhia do fóssil do seu marido (102 anos) e que uma noite errou de porta e veio cair justamente em cima da minha cama" (CARVALHO, 2002, p. 132)
SENTIDO FIGURADO: Que é muito velho, antigo; idoso
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 52
PALAVRA-ENTRADA: FANTASMAS, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "imagem sobrenatural, que por alucinação, por defeito da vista ou do cérebro, alguém julga ver; espectro; visão medonha, terrífica [...] Imagem de defunto que os supersticiosos julgam ver aparecer; alma do outro mundo" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1715) / "imagem ou visão quimérica e assustadora; aparição sobrenatural de pessoa morta; algo que gera medo, terror" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Mas o meu cipreste, modéstia à parte, é um mimo de cipreste e bem mereceria estar num cemitério, ao lado de outros fantasmas de sua espécie, povoando a solidão dos mortos e velando o seu sono tranquilo e eterno" (CARVALHO, 2002, p. 135)
SENTIDO FIGURADO: Árvores; plantas.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 53
PALAVRA-ENTRADA: RÉSTIA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "corda feita por hastes entrelaçadas [...] Feixe ou raio de luz" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3519) / "espécie de corda ou trançado formado por hastes, palhas etc.; feixe de luz que passa através de orifício ou abertura estreita" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Isto mesmo que estou escrevendo, está sendo escrito à luz do crepúsculo, nesta réstia de terra que é minha propriedade como é o próprio cipreste que a cobre" (CARVALHO, 2002, p. 136)
SENTIDO FIGURADO: Espaço compreendido entre um ponto e outro.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 54
PALAVRA-ENTRADA: FARÂNDOLA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "(pop.) grupo de maltrapilhos, súcia de farsistas, gente desprezível. || Dança provençal de cadeia" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1716) / "**1** dança de origem provençal em que os pares, segurando-se pelas mãos, formam extensa fila que se movimenta de maneira agitada **1.1** dança provençal em compasso ('fórmula') binário composto e andamento ('velocidade das pulsações') vivo **2** pequeno grupo teatral volante na Espanha do sXVI **3** grupo de pessoas que se movem em fila **4** grupo de maltrapilhos; farandolagem **5** bando de indivíduos de má fama" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Ainda ontem à noite, quando me encontrava num bordel copulando com uma bela desconhecida, e no instante mesmo em que o espasmo final se aproximava, em meio a uma farândola de pernas e braços entrelaçados" (CARVALHO, 2002, p. 140)
SENTIDO FIGURADO: Bagunça, desordem; mistura, união.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 55
PALAVRA-ENTRADA: EXTRA, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "pref. lat. que significa *fora, além de fora, para fora*" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1686) / "que ou o que se executa de modo suplementar, adicional (diz-se de trabalho, tarefa etc.) [...]; figurante" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Veio um diretor de cinema francês filmar nos arredores de San Juan e, sem que eu nada pedisse, vi-me contratado como extra para uma das cenas mais importantes do filme" (CARVALHO, 2002, p. 142)
SENTIDO FIGURADO: Figurante.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 56
PALAVRA-ENTRADA: USAR, Verbo
ACEPÇÃO: "pôr em uso ou em prática; fazer uso de [...] Costumar; ter por uso ou costume [...] Empregar, servir-se de [...] Costumar ter; trazer habitualmente; trazer ao uso [...] Gastar ou deterioras pelo uso; cotiar" (CALDAS AULETE, 1964, p. 4145) / "**1** ter por hábito, por costume; costumar **2** pôr em prática, empregar habitualmente; praticar **3** servir-se de, lançar mão de; fazer uso de; utilizar, empregar" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "E, no instante mesmo em que escrevo isto, uma senhora aparentemente decente e que usa uma verruga na ponta do nariz pede-me humildemente um autógrafo" (CARVALHO, 2002, p. 144)
SENTIDO FIGURADO: Ter, possuir de nascença.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 57
PALAVRA-ENTRADA: VULVA, Substantivo Feminino

ACEPÇÃO: "(anat.) o conjunto das partes genitais externas da mulher" (CALDAS AULETE, 1964, p. 4265) / "conjunto das partes externas dos órgãos genitais femininos dos mamíferos [Na anatomia humana, compreende o monte pubiano, os grandes e pequenos lábios, o clitóris, o vestíbulo da vagina, as glândulas de Skene, as glândulas de Bartholin, a abertura da uretra e a vagina.]"
CONTEXTO: "Vendo o sol que nasce pela vulva da janela entreaberta" (CARVALHO, 2002, p. 145)
SENTIDO FIGURADO: Qualquer abertura pequena
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 58
PALAVRA-ENTRADA: UIVO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "a voz do lôbo, e de outras feras [...]. Grito ou latido lamentoso do cão" (CALDAS AULETE, 1964, p. 4118) / "voz triste e aguda característica dos canídeos (cães, raposas e lobos); grito alto e contínuo de dor ou tristeza; qualquer clamor ou vociferação alta e estridente" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "é que sob o meu quarto mora agora uma pobre louca, que não suporta a lua cheia e se põe a uivar desesperadamente – e eu não suporto o uivo dos loucos, sobretudo dos que não conheço" (CARVALHO, 2002, p. 135) / "não necessito de acompanhamento de vozes estranhas e muito menos de uivos estranhos – eu quejá tenho o meu uivo próprio" (CARVALHO, 2002, p. 146)
SENTIDO FIGURADO: Qualquer grito de dor ou tristeza; som alto de clamor.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 59
PALAVRA-ENTRADA: HOSPÍCIO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "recolhimento ou casa de caridade onde se recebem pessoas pobres; asilo. || Casa ou estabelecimento de caridade onde são tratadas pessoas doentes e pobres; hospital [...] Asilo de loucos; hospital de alienados" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2090) / "estabelecimento onde se dá hospedagem e/ou tratamento gratuitos a pessoas pobres ou doentes; asilo, abrigo; asilo de loucos; hospital de alienados; manicômio; lugar que oferece abrigo e tratamento a animais abandonados; ato de dar acolhida, de proteger; acolhimento, abrigo, proteção" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "lembro-me de súbito de que passei a noite em claro, devido aos uivos da louca sob os meus pés, e de que necessito mudar-me para um hospício mais sossegado, onde os loucos tenham pelo menos que respeitar o sossego noturno" (CARVALHO, 2002, p. 146)
SENTIDO FIGURADO: Pensão onde pessoas loucas vivem com pessoas não consideradas loucas.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 60
PALAVRA-ENTRADA: HOMICÍDIO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "morte que uma pessoa causa a outrem voluntária ou involuntàriamente" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2082) / "destruição, voluntária ou involutária, da vida de um ser humano; assassínio, assassinato" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "O certo mesmo seria chamar a este meu suicídio de homicídio, já que em mim eu mato o homem que não me agrada e não o meu eu verdadeiro, que é até simpático" (CARVALHO, 2002, p. 150)
SENTIDO FIGURADO: Ato de causar a morte a si próprio
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 61
PALAVRA-ENTRADA: GINÁSTICA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "arte de exercitar o corpo para desenvolver a musculatura. || Conjunto dos exercícios próprios para êsse fim [...] (Fig.) (fam.) conjunto de movimentos para um determinado fim"

(CALDAS AULETE, 1964, p. 1940) / “técnica ou arte que, por meio de exercícios especializados, visa fortificar e/ou dar maior elasticidade ao corpo; conjunto de movimentos que uma pessoa faz ao praticar esta técnica ou arte; esforço excessivo (intelectual, físico ou moral) para se atingir determinado fim” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “eu poderia superar com ajuda de alguma filosofia, desde que me dispusesse a praticar a necessária ginástica mental diante do espelho (CARVALHO, 2002, p. 151)
SENTIDO FIGURADO: Qualquer esforço ou exercício.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 62
PALAVRA-ENTRADA: ALMINHA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: “*s. f.* o mealheiro das almas. || -, *s. f. pl.* (pop.) painel que representa as almas penando no purgatório” (CALDAS AULETE, 1964, p. 185) / Não há em Houaiss (200)
CONTEXTO: “deu-se o entrechoque fatal entre a minha multidão de almas e a alminha dos meus pseudo-semelhantes” (CARVALHO, 2002, p. 151)
SENTIDO FIGURADO: Alma pequena, vaga, inútil.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 63
PALAVRA-ENTRADA: CAMUFLAR, Verbo
ACEPÇÃO: “dissimular (objetos militares) por meio de pintura, galhos de árvores, etc., a fim de enganar o inimigo. || (Fig.) Disfarçar, dissimular, esconder (obras ou intenções) sob falsas aparências” (CALDAS AULETE, 1964, p. 666) / “esconder(-se) ou disfarçar(-se) por meio de camuflagem, esp. na guerra; disfarçar(-se) ou dissimular(-se) por meio de aparência enganadora” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “A princípio, diziam, era a amnésia, depois a esquizofrenia – tantas palavras belas para camuflar este vazio, esta cratera de suas bombas que se abriu dentro de minha consciência: um buraco, eis o nome” (CARVALHO, 2002, p. 157)
SENTIDO FIGURADO: Disfarçar um vazio existencial causado pela guerra.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 64
PALAVRA-ENTRADA: CRATERA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: “abertura larga por onde o vulcão expele as matérias inflamadas” (CALDAS AULETE, 1964, p. 991) / “antigo jarro, semelhante a uma ânfora, us. pelos gregos para levar à mesa vinho e água; abertura no cume de vulcão ativo ou extinto; grande buraco” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “A princípio, diziam, era a amnésia, depois a esquizofrenia – tantas palavras belas para camuflar este vazio, esta cratera de suas bombas que se abriu dentro de minha consciência: um buraco, eis o nome” (CARVALHO, 2002, p. 157)
SENTIDO FIGURADO: Vazio existencial.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 65
PALAVRA-ENTRADA: TÚMULO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: “monumento elevado à memória de alguém no lugar em que repousam as suas cinzas. || Armação alta, sôbre que se coloca o ataúde na igreja; eça. || Sepultura. || (Fig.) Morte.” (AULETE, 1964, p. 4101) / “**1** cova na terra ou na rocha onde um cadáver é enterrado; sepultura, campa, tumba **2** construção erguida sobre essa cova em homenagem à memória do(s) morto(s); jazigo, sepulcro, mausoléu **3** lugar triste, silencioso, sem vida **4** lugar onde algo morre, acaba” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “Se também é um herói nunca lhe perguntei, mesmo porque não obteria nenhuma resposta – o homem é um túmulo” (CARVALHO, 2002, p. 158)
SENTIDO FIGURADO: Pessoa fechada, que não exprime vida, não dialoga, sem expressão.

EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 66
PALAVRA-ENTRADA: TRINCHEIRA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "espécie de fôsso ou escavação longitudinal do solo que no ataque ou cêrco de uma praça, abrem os sitiantes e que lhes serve de parapeito para se aproximarem dela; trincha" (CALDAS AULETE, 1964, p. 4070) / "fosso ou escavação feita no solo cuja profundidade e parapeito servem como abrigo aos combatentes" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Muito bela esta música, e sobretudo ensurdecedora, mas prefiro voltar à trincheira do meu corpo, a que eu mesmo cavei enquanto eles cavavam as suas" (CARVALHO, 2002, p. 163)
SENTIDO FIGURADO: Vazio interior, infelicidade moral.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 67
PALAVRA-ENTRADA: GRATUITO, Adjetivo
ACEPÇÃO: "feito ou dado de graça, de boa vontade, sem obrigação de restituição ou de recompensa" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1981) / "que não requer pagamento; de graça, grátis; sem motivo, sem justificativa; infundado" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "Tudo tão caro! – geme a dona da pensão, do fundo das suas banhas. TUDO TÃO GRATUITO, *penso comigo* – mas pago-lhe assim mesmo". (CARVALHO, 2002, p. 165).
SENTIDO FIGURADO: Sem esperança, utilidade, sentido. Ínfimo.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 68
PALAVRA-ENTRADA: VIA SACRA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "série de cruzes, ou quadros que representam cenas do martírio de Cristo [...] As orações que se rezam diante dessas cruzes" (CALDAS AULETE, 1964, p. 4215) / "série das 14 estações, constituídas de quadros ou esculturas que representam as principais cenas da Paixão de Cristo; caminho da cruz, *via crucis*, via dolorosa; conjunto das orações que se fazem diante dessas estações; longo período de sofrimento" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Com o pênis e este par de pernas faço minha via-sacra ao longo do corredor escuro" (CARVALHO, 2002, p. 165)
SENTIDO FIGURADO: Caminhada; caminho percorrido regularmente para determinado fim.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 69
PALAVRA-ENTRADA: COPULAR, Verbo
ACEPÇÃO: "ajuntar, irmanar, acasalar" (AULETE, 1964, p. 944) / "juntar, unir, acoplar; manter cópula ('relação sexual')" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Foi quando decidi copular por via indireta, através das fechaduras: nem a imaginação nem a falta de imaginação, os outros fazendo força e eu simplesmente no meu posto de sentinela" (CARVALHO, 2002, p. 167)
SENTIDO FIGURADO: Observar, assistir ao ato sexual de outras pessoas.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 70
PALAVRA-ENTRADA: CLARÃO, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "grande claridade [...]. Brilho [...]. Jacto de luz viva que alumia um grande espaço [...] (Fig.) Assomo de um sentimento, ou curta duração de um estado de espírito, comparáveis ao brilho ou claridade da luz" (CALDAS AULETE, 1964, p. 817) / "claridade intensa; jato de luz viva e

instantânea; cintilação rápida; brilho; revelação de um sentimento ou breve duração de um estado de espírito" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Esse clarão de infância, assim de novo, talvez quisesse significar alguma coisa – o senhor simplesmente perdeu a memória, dissera o médico" (CARVALHO, 2002, p. 173)
SENTIDO FIGURADO: Assomo de uma memória.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 71
PALAVRA-ENTRADA: VIRGEM, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "mulher que conserva o seu estado de pureza, que está intata, que ainda não teve cópula carnal; donzela" (CALDAS AULETE, 1964, p. 4235) / "que ou quem não teve relações sexuais" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Ali a biblioteca pública; muito bem! Dizem que não há virgens na cidade, pois essa é uma delas, a última. Que me lembre, ali nunca entrou ninguém, a não ser o bibliotecário – e de cara sempre amarrada". (CARVALHO, 2002, p. 175)
SENTIDO FIGURADO: Local que não foi frequentado, não foi usado.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 72
PALAVRA-ENTRADA: VÔMITO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "ação ou efeito de vomitar; o vomitado. || Ato pelo qual as substâncias contidas no estômago são lançadas com esfôrço pela bôca" (CALDAS AULETE, 1964, p. 4259) / "emissão do conteúdo do estômago pela boca, havendo diversidade de causas; material que foi expelido do estômago pela boca; afirmação enojante, revoltante, chocante etc." (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "O tédio que sinto diante das coisas chamadas adultas, vômito mais do que tédio, deixa entrever o que de maravilhas se apagou para sempre no campo da minha consciência" (CARVALHO, 2002, p. 176-177)
SENTIDO FIGURADO: Nojo.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 73
PALAVRA-ENTRADA: SOMBRA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "espaço privado de luz, pela interposição ou presença de corpo opaco; a falta de luz produzida pela presença de um corpo opaco; Escuridão, trevas, noite" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3796) / "obscuridade produzida pela interceptação dos raios luminosos por um corpo opaco [...]; indício, traço, sinal" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Não tenho nada a ver com o seu destino, a minha sombra já me pesa o suficiente para alquebrar à direita ou à esquerda" (CARVALHO, 2002, p. 177)
SENTIDO FIGURADO: Destino.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 74
PALAVRA-ENTRADA: PAZ, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "estado tranqüilo de um povo, de uma nação, de um reino que não tem inimigo a combater [...] Sossêgo, tranqüilidade de alma" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3024); "relação entre pessoas que não estão em conflito; acordo, concórdia; estado de espírito de uma pessoa que não é perturbada por conflitos ou inquietações" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "[...] um bom homem seu pai Valquíria, o convívio com a morte lhe deu uma paz que jamais hei de possuir, nem depois que a paz descer sobre a minha face e o meu coração". (CARVALHO, 2002, p. 177).
SENTIDO FIGURADO: A morte.

EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 75
PALAVRA-ENTRADA: LATIM, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "a língua do antigo Lácio [...] e de Roma [...], e até os tempos modernos a língua da Universidade da Igreja e do Estado" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2337) / "língua indo-europeia (do ramo ocidental dessa família), falada pelos habitantes do Lácio e pelos antigos romanos, documentada desde o sVII a.C." (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "um pouco é por timidez e para não ter que falar com ninguém, já sou obrigado a aguentar meu latim imagine ter que aguentar o latim dos outros" (CARVALHO, 2002, p. 188)
SENTIDO FIGURADO: Voz; pensamentos, ideias.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 76
PALAVRA-ENTRADA: MASTURBAÇÃO, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "ato de masturbar ou masturbar-se" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2537) / "estimulação manual dos órgãos genitais que ger. leva ao orgasmo inutilidade de tratar os mesmos temas (considerados infecundos), numa discussão ou pesquisa intelectual ou artística, de modo repetitivo, complacente e inconcludente" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "aquilo foi mais para dar tratos à bola enquanto não aparecia o inimigo – uma espécie de masturbação cerebral, para ser exato" (CARVALHO, 2002, p. 188)
SENTIDO FIGURADO: Exercício mental.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 77
PALAVRA-ENTRADA: OUVIR, Verbo
ACEPÇÃO: "entender, dar ouvidos a ou Às palavras de, perceber (os sons) pelo sentido do ouvido [...] Atender, escutar" (AULETE, 1964, p. 2905) / "**1** perceber (som, palavra) pelo sentido da audição; escutar **2** dar atenção a; atender, escutar **3** levar em conta; considerar [...] **5** ter o sentido da audição" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "já tenho vomitado com motivo ou sem motivo, desta vez foi como se fosse eu o vomitado, o vômito – Aristides que é surdo ouviu, e já estava dormindo!" (CARVALHO, 2002, p. 193)
SENTIDO FIGURADO: Perceber, notar, reparar.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 78
PALAVRA-ENTRADA: RUGIDO, Adjetivo
ACEPÇÃO: "que se rugiu; emitido a rugir [...] a voz própria ou urro do leão. || (Fig.) Bramido, voz estridente e prolongada; frêmito; som áspero e cavernoso como de pessoa irosa" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3593) / "a voz própria ou o urro do leão, tigre e outros felinos; som cavernoso; som semelhante ao rugido das feras; bramido, frêmito; grito humano; conjunto de gritos de cólera, de protesto, de revolta" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Devo ter feito estremecer os alicerces da casa, daqui a pouco vêm saber o que se passa, o que se passa é o que se passa, também tenho direito de dar os meus rugidos" (CARVALHO, 2002, p. 193)
SENTIDO FIGURADO: Grito humano, de reclamação, dor, nojo, repulsa ou mal-estar social.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 79

PALAVRA-ENTRADA: PIANO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "instrumento musical formado por uma grande caixa sonora, com um sistema especial de cordas e teclado, e que dá as notas por percussão [...] O pianista de uma orquestra" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3106) / "instrumento de teclado (88 teclas) com cordas percutidas por martelos revestidos de feltro" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "É bom que eu saiba que aqui se pode matar à vontade, depois de todos dormidos, ou copulados, ou masturbados – por falar nisto, como irá indo a noivinha com o seu piano portátil e silencioso: começa com uma valsa e acaba no puro *rock*, sempre o mesmo repertório". (CARVALHO, 2002, p. 194).
SENTIDO FIGURADO:
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 80
PALAVRA-ENTRADA: VALSA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "nome de uma dança em compasso de 3 por 4, de movimento lento, alegreto ou alegro, e da música que serve para a acompanhar" (CALDAS AULETE, 1964, p. 4163) / "dança em compasso ternário, derivada do *ländler* ('dança austríaca'), surgida no final do sXVIII, constituída por uma série de melodias entremeadas, com introdução e coda; peça musical composta sob essa fórmula; alternância, mudança frequente ou frenética; modificação, troca contínua (de coisas)" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "É bom que eu saiba que aqui se pode matar à vontade, depois de todos dormidos, ou copulados, ou masturbados – por falar nisto, como irá indo a noivinha com o seu piano portátil e silencioso: começa com uma valsa e acaba no puro *rock*, sempre o mesmo repertório". (CARVALHO, 2002, p. 194).
SENTIDO FIGURADO: Masturbação em ritmo lento.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 81
PALAVRA-ENTRADA: ROCK, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: Não há em Caldas Aulete (1964) / "música popular derivada do *rhythm and blues*, ger. executada em instrumentos de amplificação eletrônica, que se caracteriza por um persistente ritmo quaternário" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "É bom que eu saiba que aqui se pode matar à vontade, depois de todos dormidos, ou copulados, ou masturbados – por falar nisto, como irá indo a noivinha com o seu piano portátil e silencioso: começa com uma valsa e acaba no puro *rock*, sempre o mesmo repertório". (CARVALHO, 2002, p. 194).
SENTIDO FIGURADO: Masturbação em ritmo veloz.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 82
PALAVRA-ENTRADA: REPERTÓRIO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "Os papéis ou partes que um artista tem representado ou cantado [...]. Trechos de música que se tocam num concêrto" (AULETE, 1964, p. 349) / "conjunto de músicas interpretadas ou executadas por um cantor, um instrumentista, uma orquestra etc." (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "É bom que eu saiba que aqui se pode matar à vontade, depois de todos dormidos, ou copulados, ou masturbados – por falar nisto, como irá indo a noivinha com o seu piano portátil e silencioso: começa com uma valsa e acaba no puro *rock*, sempre o mesmo repertório". (CARVALHO, 2002, p. 194).
SENTIDO FIGURADO: Sucessão de acontecimentos de cunho sexual.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 83
PALAVRA-ENTRADA: MÚMIA, Substantivo feminino
ACEPÇÃO: "cadáver dessecado ou embalsamado à moda dos egípcios e que se conserva quase intato até ao presente em caixões de cedro ou de sicômoro [...]. (Fig.) Pessoa extremamente magra, descarnada, sêca" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2707) / "no antigo Egito, o corpo de pessoas ilustres (faraós, sacerdotes, sábios, comerciantes etc.) preservado, após a morte, pelo emprego de substâncias balsâmicas cadáver embalsamado por processos semelhantes aos us. pelos egípcios qualquer cadáver encerrado em local muito seco e quente que, passando pelos processos de dessecação e endurecimento, não entra em estado de putrefação indivíduo muito velho, carcomido, magro" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Minha mãe tricotava sob a lâmpada, a múmia do avô ronronando no seu canto, há que ao menos respeitar os mortos e nem isso meu pai respeitava" (CARVALHO, 2002, p. 197)
SENTIDO FIGURADO: Indivíduo muito velho.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 84
PALAVRA-ENTRADA: ATRÁS, Advérbio
ACEPÇÃO: "no lugar posterior, detrás; no lugar precedente" (CALDAS AULETE, 1964, p. 441) / "na parte posterior (de pessoa, animal, objeto etc.)" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "esse pulha de seu filho esteve na Frente mas o seu verdadeiro heroísmo era atrás" (CARVALHO, 2002, p. 198)
SENTIDO FIGURADO: Nas nádegas.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 85
PALAVRA-ENTRADA: PORTA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "abertura feita em parede, em muro ou em muralha e rasgada até ao nível do pavimento, para dar entrada ou saída" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3212); "abertura com o lado vertical mais comprido e a base ao nível do chão ou de um pavimento, que serve de entrada ou saída de um recinto" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "Eu também já subi no palanque, não neste nem no outro, mas foi para arengar às massas, a madrugada estava fria, eu estava bêbado que nem uma porta, havia um gato observando-me do jardim" (CARVALHO, 2002, p. 200)
SENTIDO FIGURADO: Objeto que está fora de seus domínios mentais.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 86
PALAVRA-ENTRADA: VOMITAR, Verbo
ACEPÇÃO: "lançar com esfôrço pela bôca (matérias contidas no estômago) [...]. Lançar fora de si, expelir pela bôca" (CALDAS AULETE, 1964, p. 4259) / "expelir pela boca (o conteúdo do estômago); borcar; [...] lançar pela boca; expelir; lançar de si; expelir, jorrar, verter" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "[...] o importante era que ficasse bem claro o protesto, e havia vulcões que vomitavam meses seguidos: aquilo sim eram tempo" (CARVALHO, 2002, p. 200)
SENTIDO FIGURADO: Entrar em erupção.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 87
PALAVRA-ENTRADA: VULVA, Substantivo Feminino

ACEPÇÃO: “o conjunto das partes genitais externas da mulher” (CALDAS AULETE, 1964, p. 4265); “conjunto das partes externas dos órgãos genitais femininos dos mamíferos” (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: Só tenho ódio à megera porque, antes de tudo, é uma megera: enquanto a vulva lhe servia ocupava-se com outras coisas e não tinha tempo para pensar na vulva dos outros. (CARVALHO, 2002, p. 207).
SENTIDO FIGURADO: A vida.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 88
PALAVRA-ENTRADA: CORNO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: “chifre [...] guampa [...]. Cada um dos apêndices sólidos que fazem saliência na cabeça de alguns animais [...]. Marido a quem a mulher é infiel” (CALDAS AULETE, 1964, p. 956); “cada um dos dois apêndices ósseos presentes na parte superior da cabeça de muitos ungulados; [...] que ou aquele que é traído pela mulher” (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: Aquela megera! O marido tinha os cornos tão grandes que teve de ser enterrado num caixão especial” (CARVALHO, 2002, p. 206); “depois virou um poço de virtudes e acha até tempo de ir visitar os cornos do marido no cemitério, com Deus na mão para qualquer imprevisto. (CARVALHO, 2002, p. 207).
SENTIDO FIGURADO: O próprio marido da megera.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 89
PALAVRA-ENTRADA: DEUS, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: “ente infinito e existente por si mesmo; a causa necessária e fim último de tudo que existe” (CALDAS AULETE, 1964, p. 1209); “ente infinito, eterno, sobrenatural e existente por si só; causa necessária e fim último de tudo que existe” (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: “depois virou um poço de virtudes e acha até tempo de ir visitar os cornos do marido no cemitério, com Deus na mão para qualquer imprevisto. (CARVALHO, 2002, p. 207).
SENTIDO FIGURADO: Objeto que designa o ente onipresente.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 90
PALAVRA-ENTRADA: MONTADO, Adjetivo
ACEPÇÃO: “posto sobre o cavalo” (CALDAS AULETE, 1964, p. 2670) / “colocado sobre animal (ger. cavalgadura); que faz a guarda sob cavalo (diz-se de polícia; colocado sobre qualquer coisa como se ela fosse um cavalo” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “Óculos para não ver, disso é que preciso, não destes: use-os qualquer vaca, ou árvore: por pouco não batem na janela, eles mesmos não enxergam: até meu nariz ficou mais leve, não foi feito para ser montado nem eu” (CARVALHO, 2002, p. 213)
SENTIDO FIGURADO: Qualquer coisa colocada em cima de outra.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 91
PALAVRA-ENTRADA: AMESTRAR, Verbo
ACEPÇÃO: “tornar mestre, adestrar, ensinar, industriar. [Aplica-se não só às pessoas, mas também aos animais, especialmente cavalos]” (CALDAS AULETE, 1964, p. 222) / “tornar(-se) mestre; instruir(-se), industriar(-se); ensinar (animais) a desenvolver certas habilidades; adestrar, treinar; [...] domesticar” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “[...] ou talvez por isso mesmo: a função do mestre é amestrar, para isso foi amestrado” (CARVALHO, 2002, p. 213)

SENTIDO FIGURADO: Adestrar; domesticar; não tornar ninguém mestre.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 92
PALAVRA-ENTRADA: CUCO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "ave da ordem dos trepadores [...]. Certa espécie de relógios que quando dão horas imitam o canto do cuco" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1022); "designação comum às aves da família dos cuculídeos; na caixa de certos relógios de pêndulo, pássaro mecânico que sai para marcar as horas com um canto semelhante ao dessa ave; esse tipo de relógio" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: A lógica dos lógicos não me interessa, o seu ontem e o seu hoje só me causam náuseas, seu relógio de cuco (mesmo de bolso) não me desperta qualquer curiosidade: também tenho o meu cuco entre as pernas e nem por isso ando a consulta-lo como a uma pitonisa. (CARVALHO, 2002, p. 234).
SENTIDO FIGURADO: Órgão sexual masculino.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS: RELÓGIO DE CUCO

FICHA LEXICOGRÁFICA - 93
PALAVRA-ENTRADA: ARMÊNIA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: Não está atestado em Caldas Aulete (1964), nem em Houaiss (2009)
CONTEXTO: "A chuva é porque é a chuva, não sou planta nem defunto para ter que suportá-la ano após ano, dia após dia, e a mesma sempre: muito menos um dilúvio destes, sem nenhuma Armênia à vista". (CARVALHO, 2002, p. 237).
SENTIDO FIGURADO: Objetivo, propósito, motivo ou razão de algum ato.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 94
PALAVRA-ENTRADA: ÓRBITA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "caminho que percorre [...] ou parece percorrer [...] um corpo celeste em virtude do seu movimento próprio ou aparente" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2872) / "trajetória descrita por um astro em torno de outro" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "[...] a maldição de ter nascido André e Andréa, num tempo só e girando na mesma órbita!" (CARVALHO, 2002, p. 241)
SENTIDO FIGURADO: Placenta.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 95
PALAVRA-ENTRADA: PORTA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "abertura feita em parede, em muro ou em muralha e rasgada até ao nível do pavimento, para dar entrada ou saída" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3212); "abertura com o lado vertical mais comprido e a base ao nível do chão ou de um pavimento, que serve de entrada ou saída de um recinto" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "[...] vão esperando sentados, aquela porta já não lhes servirá para nada, também ela irá pelos ares à procura de uma porta, Diomira ainda com as vestes arregaçadas". (CARVALHO, 2002, p. 241).
SENTIDO FIGURADO: Saída; escape.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 96
PALAVRA-ENTRADA: RECORDAR, Verbo

ACEPÇÃO: “tornar a trazer à memória [...] Fazer lembrar; dar semelhança de” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3436); “fazer voltar à memória ou vir de novo à memória; lembrar(-se); ter semelhança com, fazer lembrar” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “[...] não é à-toa que procuravam recordar até a infância dos outros, com esse copo na mão eu seria capaz de recordar até o futuro, o que aliás não é difícil”. (CARVALHO, 2002, p. 248
SENTIDO FIGURADO: Prever; adivinhar.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 97
PALAVRA-ENTRADA: RELÓGIO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: “maquinismo que serve para marcar as horas [...]; qualquer instrumento de marcar tempo” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3475); “maquinismo ou aparelho que serve para marcar o tempo e indicar as horas” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “Lembro-me de que era um lobisomem, a menos que ainda não seja meia-noite no relógio deles, eu nunca uso relógio nem deixo que ele me use”. (CARVALHO, 2002, p. 248).
SENTIDO FIGURADO: O tempo.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 98
PALAVRA-ENTRADA: MADURO, Adjetivo
ACEPÇÃO: “amadurecido, sazonado, que atingiu a madureza ou a perfeição [...] Experimentado, completamente formado” (CALDAS AULETE, 1964, p. 2456); “que, havendo atingido seu completo desenvolvimento, poderia ser comido, colhido ou semeado (diz-se de produto vegetal)” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “[...] o laço da forca me apertava demais, não estava maduro para ser colhido pela polícia, e nem tão velho para despencar por conta própria, como um jenipapo e suas rugas”. (CARVALHO, 2002, p. 255).
SENTIDO FIGURADO: Pronto, com coragem suficiente para determinada atitude.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 99
PALAVRA-ENTRADA: COLHER, Verbo
ACEPÇÃO: “tirar, separar da haste (flôres, frutos ou fôlhas)” (CALDAS AULETE, 1964, p. 849); “apanhar, tirar (flores, frutos, folhas etc.), separando do ramo ou da haste; [...] pegar, aprisionar, prender, segurar” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “[...] o laço da forca me apertava demais, não estava maduro para ser colhido pela polícia, e nem tão velho para despencar por conta própria, como um jenipapo e suas rugas”. (CARVALHO, 2002, p. 255).
SENTIDO FIGURADO: Encontrar e retirar o corpo da corda que o matou.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 100
PALAVRA-ENTRADA: DESPENCAR, Verbo
ACEPÇÃO: “separar do cacho (pencas de bananas, frutos, bagos, etc.) [...] cair desastradamente de grande altura” (CALDAS AULETE, 1964, p. 1186); “separar(-se) da penca, do cacho (esp. banana); desprender(-se) de onde estava preso ou apoiado” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “[...] o laço da forca me apertava demais, não estava maduro para ser colhido pela polícia, e nem tão velho para despencar por conta própria, como um jenipapo e suas rugas”. (CARVALHO, 2002, p. 255).
SENTIDO FIGURADO: Separar-se da corda utilizada para o suicídio.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 101
PALAVRA-ENTRADA: PULSAR, Verbo
ACEPÇÃO: "impelir, repelir, pôr em movimento por meio de impulso" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3321) / "movimentar por meio de impulso; impelir, impulsionar; pôr em movimento ritmado" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "[...] a um menino é permitido ver coisas que não se permitem a um adulto, eu ou o gato era a mesma coisa, o relógio branco na parede pulsando os segundos, os minutos". (CARVALHO, 2002, p. 262).
SENTIDO FIGURADO: Impulsionar o relógio.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 102
PALAVRA-ENTRADA: ESPANTALHO, Adjetivo
ACEPÇÃO: "figura de palha, ou qualquer objeto que se põe nas árvores ou se espeta no chão para espantar e afugentar as aves. || (Fig.) Pessoa feia e mal vestida; pessoa desastrada e sem préstimo" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1544) / "boneco, ger. em tamanho natural, ou objeto que, no campo, serve para espantar aves predadoras; pessoa deselegante, malvestida; indivíduo que não serve para nada; imprestável, paspalho" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Venderam-me o *smoking* sem ao menos me consultar, servia-me ao menos de espantalho no cabide mas isto não tem a mínima importância" (CARVALHO, 2002, p. 269)
SENTIDO FIGURADO: Enfeite.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 103
PALAVRA-ENTRADA: BÊBADO, Adjetivo
ACEPÇÃO: "que tem o espírito perturbado pelo vinho ou por qualquer bebido alcoólica" (CALDAS AULETE, 1964, p. 526) / "que ou aquele que se intoxicou com bebida(s) alcoólica(s) que ou aquele que se embriaga por hábito; que ou aquele que é dado ao vício da embriaguez; borracho" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "[...] e eu ensinando-lhes novos truques, bêbado de cerveja e de nojo, e sobretudo de horror" (CARVALHO, 2002, p. 272)
SENTIDO FIGURADO: Cheio de; Preenchido com.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 104
PALAVRA-ENTRADA: LATIM, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "a língua do antigo Lácio [...] e de Roma [...], e até os tempos modernos a l´´ingua da Universidade da Igreja e do Estado" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2337) / "língua indo-europeia (do ramo ocidental dessa família), falada pelos habitantes do Lácio e pelos antigos romanos, documentada desde o sVII a.C." (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "[...] o padre ao lado me olhando com repugnância, este cheiro de puta não há latim que aguente" (CARVALHO, 2002, p. 274)
SENTIDO FIGURADO: Castidade, pureza religiosa.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 105
PALAVRA-ENTRADA: SUSPENSO, Adjetivo

ACEPÇÃO: “Cujo estado incompleto fica como em suspensão [...] sustentado no ar, pendente” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3855); “que se interrompeu temporária ou definitivamente; [...] que tem sentido incompleto; sustentado do alto; pendente, pendurado” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: Isso sem falar da corda, do ultimato da corda, cujo laço não sinto no pescoço mas tampouco sinto o próprio pescoço: e que me deixa assim em suspenso, senão suspenso. Uma porta talvez fosse a solução. (CARVALHO, 2002, p. 285).
SENTIDO FIGURADO:
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 106
PALAVRA-ENTRADA: RATOEIRA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: “armadilha para apanhar ratos ou outro qualquer animal” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3411) / “armadilha para apanhar ratos; estratagema para fazer alguém cair em logro; artifício enganador; cilada, esparrela, ardil” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “Um rato não teria esta lucidez de um homem, mesmo assim acurado, neste frio e acuado, sabendo que vai morrer porque resolveram que vai morrer, os donos dos ratos, os donos da ratoeira, por coincidência os mesmos donos dos homens, os donos desta ratoeira para homens” (CARVALHO, 2002, p. 302)
SENTIDO FIGURADO: Armadilha para apanhar homens.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 107
PALAVRA-ENTRADA: PÊNDULO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: “corpo pesado, suspenso na extremidade inferior de uma linha ou de uma vara metálica que tem a outra extremidade ligada a um ponto fixo” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3052) / “corpo pesado, pendurado num ponto fixo, e que oscila em movimento de vaivém” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “O que fizeram de mim está feito, o que eu mesmo fiz de mim, este estrangulamento perfeito, eu este pêndulo morto e no entanto ainda vivo, este cérebro latejando dentro de mim e eu dentro dele” (CARVALHO, 2002, p. 306)
SENTIDO FIGURADO: Corpo pesado, que deve ser carregado; fardo.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 108
PALAVRA-ENTRADA: CAPUZ, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: “peça de estôfo talhado ordinariamente em ponta que serve para cobrir a cabeça e quase sempre presa a capa ou a hábito; capelo” (CALDAS AULETE, 1964, p. 693) / “parte de capa, capote, hábito ou similar que cobre a cabeça, ger. presa à vestimenta; capucho” (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: O autor, profundamente sensibilizado ante as ponderações de ordem moral e outras que lhe eram apresentadas, pediu um pequeno prazo para deliberar sobre o assunto, não sem antes ter tido o cuidado de verificar dentro do capuz que se dizia búlgaro se havia mesmo algum búlgaro dentro. O que havia. (CARVALHO, 2002, p. 314).
SENTIDO FIGURADO: Pessoa, ser humano.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 109
PALAVRA-ENTRADA: PATRANHA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: “narração ou história mentirosa; maranhão. Mentira muito manifesta” (CALDAS AULETE, 1964, p. 3011) / “história mentirosa; engano, falsidade, patranhada” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “[...] e Marco Polo com suas verdadeiras patranhas, suas patranhas verdadeiras, ao descobrir que para ter vivido vinte anos no país dos tártaros teria que pelo menos ter atravessado um dia o país dos búlgaros” (CARVALHO, 2002, p. 318)

SENTIDO FIGURADO: História, seja mentirosa ou verdadeira.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 110
PALAVRA-ENTRADA: MATAR, Verbo
ACEPÇÃO: "Arruinar, causar a perda de" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2539) / "causar grande prejuízo ou dano a; arruinar" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: Saí para matar o tempo e matei-o. Quando cheguei em casa o meu relógio de pulso havia parado, e numa hora que nada tinha a ver com o tempo que passei na rua. (CARVALHO, 2002, p. 320).
SENTIDO FIGURADO: Passar, gastar um período de tempo sem realizar atividade útil
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS: MATAR O TEMPO

FICHA LEXICOGRÁFICA - 111
PALAVRA-ENTRADA: RELÓGIO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "*Relógio de pulso*, relógio prêso a uma pulseira de couro, plástico ou metal, próprio para usar-se no pulso; relógio-pulseira" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3475); "região correspondente ao ponto em que o antebraço se articulou com a mão [...] Pulsação arterial, que se faz sentir em diversas partes do corpo mas particularmente na região do pulso" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3322) / "pulsação intermitente de uma artéria superficial, resultante da passagem de onda sanguínea; ponto em que o antebraço se articula com a mão, onde se sente melhor esse batimento" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "Pelo visto, meu relógio de pulso de pulso só tem o nome – ou é o meu pulso que anda fraco, e de fato anda, e já mal dá conta de mim e dos meus problemas". (CARVALHO, 2002, p. 321).
SENTIDO FIGURADO: Dispositivo que mede a pulsação arterial.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS: RELÓGIO DE PULSO

FICHA LEXICOGRÁFICA - 112
PALAVRA-ENTRADA: ARMÁRIO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "móvel de madeira em forma de uma caixa alta, com prateleiras e, abrindo pela frente, para guardar roupas, louças, papéis, etc." (CALDAS AULETE, 1964, p. 374) / "móvel de madeira, metal ou outro material (ou vão aberto na parede), dividido internamente por prateleiras ou gradis, para guardar roupas, louças etc.; homem muito grande e forte" (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "A menina deve ter seus 14 ou 15 anos, e não sei por que cismou que quem faz parte do mobiliário sou eu e não a Rosa – e de minha parte faço o possível para corroborar a sua teoria. Despe-se na minha frente como se fôssemos copular daí a um minuto, e põe-se a acariciar os pequenos seios como se os estivesse pondo na minha boca – eu um armário". (CARVALHO, 2002, p. 322).
SENTIDO FIGURADO: Pessoa que fica inerte, como se fizesse parte da mobília de uma casa.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 113
PALAVRA-ENTRADA: CÁTEDRA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "cadeira magistral; a cadeira doutrinal" (CALDAS AULETE, 1964, p. 756) / "*Falar de cadeira*, falar com profundo conhecimento de causa" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1704) / "cadeira pontifícia; cadeira de quem ensina; cadeira professoral" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: Ele próprio, e sorriu o mais amarelo de seus sorrisos, já fora atacado de bulgarite aguda na sua mocidade, podendo assim falar de cátedra sobre o assunto – e aproveitou para sentar-se na sua cátedra. (CARVALHO, 2002, p. 329).
SENTIDO FIGURADO: Falar com profunda insanidade, loucura, longe da realidade.

EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS: FALAR DE CÁTEDRA

FICHA LEXICOGRÁFICA - 114
PALAVRA-ENTRADA: GATO, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "animal doméstico, mamífero, da ordem dos carnívoros, família e tipo dos felinos [...] Gatuno, ladrão" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1916-1917); "pequeno mamífero carnívoro, doméstico, da fam. dos felídeos [...]; indivíduo ligeiro, esperto [...]; ladrão, gatuno" (HOUAISS, 2009). "**MÃO-DE-GATO[1]**, *s. f.* arrebique, côr artificial com que se pinta o rosto. **MÃO-DE-GATO[2]**, *s. m.* (Bras.) planta conarácea" (CALDAS AULETE, 1964, p. 2505-2506) / "pequena árvore (*Connarus erianthus*), da fam. das conaráceas, nativa do Brasil, de folhas coriáceas, flores amarelas em espigas e folículos internamente pubescentes". (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: E começou a acariciar o gato que havia trazido para uso próprio, e que me pareceu antes o dorso de sua mão esquerda. [...] A primeira condição para se ir à Bulgária [...] é acreditar piamente que ela esteja ao alcance da nossa mão, como este belo gato está sempre ao alcance da minha mão. (CARVALHO, 2002, p. 334). / O professor Radamés pode ser um grande bulgarólogo, mas o que ele é mesmo é um grande gastrônomo. [...] Começo enfim a compreender em toda a sua extensão o que se quer dizer quando se diz que fulano tem uma mão de gato. (CARVALHO, 2002, p. 336-337).
SENTIDO FIGURADO: Indivíduo esperto, que rouba, larápio.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS: MÃO DE GATO

FICHA LEXICOGRÁFICA - 115
PALAVRA-ENTRADA: DESTROÇO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "desbarate, derrota, destruição [...]. Devastação; desolação; ruína". (CALDAS AULETE, 1964, p. 1202 / "estado de ruína, devastação; ato ou efeito de destroçar; desbaratamento, derrota, destruição". (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "Pessoalmente tenho uma teoria muito particular sobre esses venerandos destroços que insistem em continuar atravancando o nosso caminho, seja no elevador, na rua, no armazém, no cinema, na igreja, nos salões de festa, dentro de casa, na praia e, por desfaçatez, até mesmo nos cemitérios em dia de visita" (CARVALHO, 2002, p. 339)
SENTIDO FIGURADO: Problema, complicação; dificuldade.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 116
PALAVRA-ENTRADA: BOCA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "dizer francamente, sem rebuço" (CALDAS AULETE, 1964, p. 562) / "com orgulho" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "O professor fala de boca cheia, arrotando sabedoria, mas seus sofismas já não me impressionam tanto quanto no início, embora reconheça que em se tratando da Bulgária ele tem sempre a faca e o queijo na mão, tendo já devorado como já devorou tudo que lhe apareceu na frente, por mais indigesto que fosse. (CARVALHO, 2002, p. 341).
SENTIDO FIGURADO: Ter a boca cheia de alimentos, de comida.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS: FALAR DE BOCA CHEIA

FICHA LEXICOGRÁFICA - 117
PALAVRA-ENTRADA: FACA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "estar senhor absoluto da situação, ter ao seu alcance todos os elementos para fazer o que mais lhe apraz" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1695) / "dispor dos meios para impor uma vontade" (HOUAISS, 2009).

CONTEXTO: “O professor fala de boca cheia, arrotando sabedoria, mas seus sofismas já não me impressionam tanto quanto no início, embora reconheça que em se tratando da Bulgária ele tem sempre a faca e o queijo na mão, tendo já devorado como já devorou tudo que lhe apareceu na frente, por mais indigesto que fosse. (CARVALHO, 2002, p. 341).
SENTIDO FIGURADO: Estar segurando uma faca e um queijo, cada um em uma mão, a fim de comer.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS: TER A FACA E O QUEIJO NA MÃO

FICHA LEXICOGRÁFICA - 118
PALAVRA-ENTRADA: LUTO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: “profundo sentimento de tristeza causado pela perda de qualquer pessoa que nos era cara [...] Os crepes, os panos negros com que se forram a câmara ardente, a casa ou a igreja por ocasião do falecimento de qualquer pessoa, e bem assim as vestes escuras que a família e amigos dessas pessoas usa, durante um certo tempo como sinal do seu sentimento” (CALDAS AULETE, 1964, p. 2434) / “sentimento de tristeza profunda pela morte de alguém [...] conjunto de sinais externos (p.ex., negro no vestuário do mundo cristão, mas azul no Japão, branco na China etc.) que os costumes associam à perda de parente próximo ou pessoa querida”. (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “A garota olhava a rua, e sob o luto eu lhe adivinhava os seios e as nádegas, trêmulos como se fossem gelatina” (CARVALHO, 2002, p. 342)
SENTIDO FIGURADO: As vestes pretas, em sinal de luto.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 119
PALAVRA-ENTRADA: LUNÁTICO, Adjetivo
ACEPÇÃO: “Louco, maníaco, telhudo [...] excêntrico, extravagante; adoidado” (CALDAS AULETE, 1964, p. 2430) / “indivíduo de humor inconstante, ou que é dado a divagações, que vive no mundo da Lua [...] que ou aquele que procede de maneira incoerente, com excesso de excentricidade; maluco” (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: “Mesmo que ficasse um dia definitivamente demonstrada a inexistência da Bulgária, ou das Bulgárias, ainda assim continuariam a existir búlgaros – do mesmo modo como existem lunáticos que nunca foram e jamais irão à Lua”. (CARVALHO, 2002, p.343).
SENTIDO FIGURADO: Ser proveniente da Lua.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 120
PALAVRA-ENTRADA: ESPARRELA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: “armadilha de caçar; laço para apanhar pássaros [...] (Fig.) Engano, lôgro, cilada” (CALDAS AULETE, 1964, p. 1546) / “tipo de armadilha de caça” (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: “Expedito trouxe um mapa adotado nas escolas e do qual consta o nome da Bulgária [...] Pernacchio e Ivo que viu a uva recusaram-se a sequer tocar na esparrela” (CARVALHO, 2002, p. 350)
SENTIDO FIGURADO: Mapa mundial; objeto.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 121
PALAVRA-ENTRADA: BUNDA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: “nádegas” (CALDAS AULETE, 1964, p. 606) / “conjunto das nádegas e do ânus; o ânus”. (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: “Uma bunda que passava fez com que Radamés tardasse um pouco a responder”. (CARVALHO, 2002, p. 352).

SENTIDO FIGURADO:
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 122
PALAVRA-ENTRADA: SEIO, Substantivo Masculino
ACEPÇÃO: "curvatura, volta, sinuosidade [...] (Fig.) A parte do corpo humano em que existem as glândulas mamárias" (CALDAS AULETE, 1964, p. 3683) / "dobra ou prega sinuosa; curvatura, volta, sinuosidade [...]parte do pescoço e do peito femininos que pode ficar a descoberto; colo" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "O professor Radamés quase metia o nariz entre um par de seios que passava como que numa bandeja". (CARVALHO, 2002, p. 353).
SENTIDO FIGURADO: Mulher
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 123
PALAVRA-ENTRADA: DEFECAR, Verbo
ACEPÇÃO: "depurar, separar as impurezas, o sedimento ou fezes (de algum líquido) [...]. Expulsar naturalmente os excrementos pelo ânus" (CALDAS AULETE, 1964, p. 1069) / "separar (líquido) das fezes ou de qualquer sedimento [...] expulsar excremento pelo ânus; borrar, bostar, descomer" (HOUAISS, 2009)
CONTEXTO: "[...] e, quanto a falar, basta ouvir o que estamos aqui falando para se chegar à conclusão de que defecamos tanto por cima quanto por baixo" (CARVALHO, 2002, p. 359)
SENTIDO FIGURADO: Falar, emitir opinião.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS:

FICHA LEXICOGRÁFICA - 124
PALAVRA-ENTRADA: PANQUECA, Substantivo Feminino
ACEPÇÃO: "iguaria feita de farinha de trigo, ovos, leite, manteiga, etc., com pedaços de banana, maça, etc". (CALDAS AULETE, 1964, p. 2951) / "massa líquida feita de farinha, leite e ovos, assada rapidamente numa chapa ou frigideira redonda, que se serve ger. enrolada com recheio salgado ou doce". (HOUAISS, 2009).
CONTEXTO: "Por falar em já dei, como irá indo a Rosa? Aquilo é que eram panquecas!" (CARVALHO, 2002, p. 380).
SENTIDO FIGURADO: Nádegas; ancas.
EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS: